

A Guerra da Ucrânia e seus desdobramentos

Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos



Comissão de Direito e Relações
Internacionais

Subseção Santos

Prefácio

Em 1937, quando Pablo Picasso terminou Guernica, ali, ele retratou os horrores da guerra. Originalmente para denunciar o conflito civil espanhol, Guernica se tornou a denúncia de qualquer combate armado, onde as vítimas continuam sendo pessoas comuns, de todos os gêneros, raças e idades. Ali, em preto e branco, mais que um estilo inconfundível, o artista deixou corpos retorcidos, olhos vidrados e bocas abertas em um grito silenciado pelo disparo das armas. A tela, em preto em branco, é a denúncia perene do irracional de um governo ou grupo, contra todos os argumentos aceitos pelo Direito Internacional.

Mais uma vez, o Direito, cujo maior objetivo é a defesa da liberdade de expressão, do exercício da cidadania e da manutenção do Estado Democrático, se encontra diante de uma guerra, cujas dimensões sociais, políticas e econômicas ainda são imprevisíveis. Envolveu o mundo e, diretamente, nos propõe uma reflexão séria sobre suas consequências em nosso cotidiano profissional, pessoal e também institucional.

A OAB Santos, em seus 89 anos de vida, passou pela Segunda Guerra Mundial, assistiu à Queda do Muro de Berlim e o “desaparecimento” de nações como a Iugoslávia, em 1992, a partir de uma profunda crise bélica. Acreditávamos, assim, que conflitos armados, como justificativa para a anexação de territórios, interferindo na soberania nacional de países por parte de seus vizinhos, ficariam historicamente registrados como prova longínqua do que foi o violento século XX.

No entanto, no início de 2014, a Crimeia, região ucraniana, se tornou o motivo de uma das piores crises entre a Rússia e o bloco de países ocidentais, em especial, Estados Unidos e Reino Unido. Separar a Crimeia da Ucrânia passou a ser algo delicado para a política internacional, já que parte de sua população queria maior proximidade com a Rússia, e outra, a participação e o reconhecimento da soberania ucraniana dentro da União Europeia.

Wladimir Putin resolveu rapidamente a questão, apoiando líderes pró-Rússia, na recém-criada república autônoma da Crimeia, em um referendo que apontou a vontade de 95% de sua população em se juntar ao governo de Moscou. Um referendo que não teve nenhum observador internacional confiável, mas que atingiu seu objetivo. Para Putin, a Rússia atendeu a vontade do povo, “trazendo” a península de volta ao seu verdadeiro governo. Para o mundo, quando Washington, Londres e Paris

se deram conta, a Crimeia fazia parte do território russo, em uma das mais rápidas e silenciosas invasões.

Oito anos depois, a Rússia quebra, novamente, sua palavra em respeitar as fronteiras da Ucrânia. Desta vez, com imagem de país preocupado com sua segurança, caso a Ucrânia integrasse a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), servindo de manobra norte-americana para ameaçar o governo de Putin, afinal, o território ucraniano é um dos mais estratégicos para a segurança russa na Europa.

Se o mundo ainda estranha o posicionamento da OTAN, devemos lembrar que tal instituição já nasceu problemática. Criada em 1949, quatro após a Segunda Guerra Mundial, congregou todos os países para uma defensiva contra a outra parte. Por esta razão, a OTAN já surgiu fragilizada em um mundo dividido em dois blocos, que se desconfiavam mutuamente.

Com forte influência norte-americana, em especial, e dos demais Estados livres e democráticos que venceram a Segunda Guerra Mundial, a Organização abriu um leque de defesa a qualquer ataque às nações que pertenciam a seu quadro de membros: em caso de conflito nesses territórios, a Organização obrigatoriamente reagiria.

Com a mesma finalidade, a defesa de seus estados membros, a União das Repúblicas Soviéticas criou, em 1955, o Pacto de Varsóvia. Na década de 1990, esse Pacto deixou de existir e nações como a Ucrânia ganharam soberania. Mais: países que antes pertenciam ao bloco soviético, como a República Tcheca, Hungria e Lituânia, foram admitidos pela OTAN. Menos a Ucrânia. Como nação soberana, ela poderia se filiar a qualquer organização e, ao entrar para o quadro da Organização, teriam seu direito à defesa.

Geograficamente, existe uma “passagem”, sem obstáculos como rios, grandes montanhas, a Grande Planície Europeia, que vai desde o litoral ocidental da França até os montes Urais. Praticamente, um caminho direto até a Rússia e que foi percorrido por Napoleão Bonaparte e pelos alemães, nas duas grandes guerras. Dessa forma, o que serve de proteção a uma invasão do território russo é a Ucrânia, o final dessa Planície, formando uma verdadeira barreira natural.

Mais do que uma estratégia de possível segurança e apoio a duas regiões ucranianas contra o atual governo, o bombardeio da Ucrânia, no dia 24 de fevereiro,

joga as grandes potências para um tabuleiro onde se destacam direitos humanos inegociáveis, bem como a garantia soberana de independência das nações.

O que mais observamos na guerra da Rússia contra a Ucrânia é a espera da sociedade por uma resposta legal e pacífica. Ou seja, acredita-se no bom senso e na lógica, duas searas tão bem conhecidas do Direito e é nele que se busca algum tipo de solução. Contudo, o conflito com a Ucrânia se distancia de uma guerra convencional. Nele, encontramos a tentativa, com a possível inclusão da Ucrânia ao território russo, da volta de parte do bloco da antiga União das Repúblicas Soviéticas e revivemos, por sua vez, uma nova guerra fria, contando com uma sociedade ainda mais fragilizada, moral, social e economicamente que no pós-guerra do século XX, e que tem, como diferencial, a tecnologia armamentista e a informação, as duas perigosas.

Entender as dimensões possíveis desse conflito obriga o Direito Internacional a buscar, em outras fontes, outras áreas, ferramentas de estudo para tal entendimento. Por esta razão, a corajosa iniciativa da Comissão de Relações Internacionais da OAB Santos. Comissão que vem fazendo pontes com especialistas de vários países, com formação e atuação diferentes, na busca pelo conhecimento, em sua teoria e prática.

Neste e-book, o conflito Rússia e Ucrânia que, em 25 de março de 2022, ainda se desenrola, recebe a visão desses profissionais, no momento em que ataques são realizados sem pudor, não poupando vidas e o meio ambiente. O presente trabalho nos lembra, com atenção, que Guernica pode vir à tona a qualquer tempo, com o mesmo impacto. Por tanto, sua leitura não se faz necessária apenas ao profissional de Direito, mas a todos aqueles que ainda esperam que a tela de Pablo Picasso seja apenas uma obra de arte, não um clamor pelo Estado Democrático de Direito.

Raphael Meirelles

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil Subseção Santos

Gestão 2022- 2024

Lições que a humanidade ainda não aprendeu...!

É fato inegável que o instinto agressivo é inerente ao ser humano.

A análise dos processos comportamentais data de tempos muito antigos.

Um dos mais influentes pesquisadores do tema foi William James que, em 1890, publicou o livro *“Principles of Psychology”* onde abordou os conceitos de instintos.

A ciência que descreve os costumes dos animais é a Etologia. Konrad Lorenz é reconhecido como o fundador da moderna etologia. Ele investigou as teorias sobre os instintos, sobre a violência originada para satisfazer necessidades de sobrevivência e suas diversas implicações. Recebeu o Prêmio Nobel de medicina em 1973.

Na natureza, o comportamento violento acontece como uma forma de estabelecer domínio entre as espécies, aumentando sua capacidade de sobrevivência e aquisição de mais recursos.

Aqueles indivíduos dotados de maior força, conhecimento e inteligência normalmente prevalecem sobre os mais fracos e controlam o fluxo de recursos.

A força física entra em ação quando a razão e a emoção não conseguem resolver as diferenças.

Nosso planeta foi palco, ao longo do tempo, de incontáveis episódios de guerra que desembocaram em lamentáveis episódios de destruição, causando sofrimento e mortes em níveis inacreditáveis.

A despeito dessa constatação histórica parece claro que a espécie humana não conseguiu progredir razoavelmente no caminho da harmonia e, conseqüentemente, da paz.

Essa conclusão é um sinal de que ainda não conseguimos dominar nossos instintos mais primitivos.

Mesmo agora, nestes dias em que presenciamos os embates entre a Rússia e a Ucrânia, constatamos com tristeza o fracasso coletivo da sociedade globalizada em buscar resolver suas discordâncias de maneira civilizada sem agressões e hostilidades.

Conflitos armados entre nações, como os que ora verificamos, envolvem extrema violência, muita crueldade e destruição, na tentativa insana de derrotar o lado oponente.

Grupos de animais na natureza também protagonizam “batalhas” para alcançar domínios e garantirem alimentação; entretanto, no caso dos humanos, a arte da guerra atingiu seu ápice, com armas de destruição em massa que poderiam, até mesmo, levar à completa destruição da vida na terra.

Sejam quais forem as alegadas razões para uma guerra, não nos parece, sob nenhum ponto de vista, que o conflito armado constitua uma ação justificável, considerando os danos causados às pessoas e, claro, às nações envolvidas.

Além das mortes e destruição, podemos certamente esperar por uma miríade de danos físicos e mentais permanentes que, mesmo após a guerra, prosseguirão atingindo todos os que estiveram envolvidos pelo conflito de maneira direta ou indireta.

Em tempos de guerra, pessoas comuns perdem sua liberdade e muitos de seus direitos, além de enfrentar dificuldades econômicas, escassez, inflação, impostos mais altos e sacrifícios sem conta.

A natureza absolutamente brutal da guerra cria em cada indivíduo sentimentos de negatividade, hostilidade, raiva, medo, culpa, desconfiança, parcialidade, e muitos outros. Guerras entre nações separam as pessoas de suas famílias, expulsam-nas de suas casas e expõem-nas a graves danos, dificuldades econômicas, perda de meios de subsistência, destruição de propriedade, migração em massa e agitação social.

Se a luta continua por muito tempo, seu sofrimento aumenta ainda mais à medida que as pessoas são forçadas a viver em condições degradadas, contra sua vontade e com muito medo das consequências.

A vida é tão preciosa, que entregá-la à guerra é obviamente a coisa mais hedionda que podemos conceber porque a história já deveria haver ensinado aos humanos muitas lições nesse sentido.

Já deveríamos à esta altura do tempo haveremos desenvolvido outras maneiras eficazes de resolver conflitos e evitar guerras.

Muitos países assinaram tratados para não invadir outros países ou usar a guerra como uma opção para resolver diferenças. Mas, como presenciamos neste momento, essas soluções não são aplicadas.

Para mim, como religioso, é um total paradoxo que os seres humanos sejam inteligentes o suficiente para se colocarem no lugar de nosso Criador e, no entanto, muitos sigam sendo tolos para se entregarem a atos de autodestruição sem sentido.

Se percebemos o universo com seus bilhões de galáxias e vastas distâncias interestelares, espantosas até mesmo para um mestre matemático ou físico, travar guerras na Terra e causar destruição da vida e dos recursos naturais será com certeza um ato demasiadamente mesquinho, tolo e insensível.

A meu ver, em última análise, a guerra é uma calamidade que se volta contra seus próprios participantes, em um painel onde ninguém, realmente, é um vencedor.

De toda forma, elevamos nossas preces ao Grande Arquiteto do Universo no sentido de que conflitos armados sejam reduzidos e, com o avanço da civilização, evitados ao máximo em prol da harmonia da sociedade global.

Reverendo Padre Pedro Henrique Marsiglia
Igreja Ortodoxa Antioquina

GUERRA E PAZ I/V – UM POUCO DE HISTÓRIA

Liev (Leon) Tolstói (1828-1910) escreveu essa obra-prima da literatura russa, que foi publicada entre 1865 e 1869.

Seu "pano de fundo" foi a invasão de Napoleão Bonaparte (1769-1821) à Rússia, em 1812, que, saindo da obra literária para o mundo real, teve como motivo uma retaliação à quebra do bloqueio continental ao Reino Unido, imposta por ele.

Disputas territoriais, interesses estratégicos, poder e sustentabilidade econômica foram, como sempre os motivos de uma guerra.

O império russo, ainda nos tempos dos czares, foi tratado como uma vítima e esse evento cunhou algumas expressões famosas: "terra arrasada" e "General Inverno", por exemplo.

Essa foi a primeira grande derrota de Bonaparte!

Mas o histórico da Rússia como vítima começou bem antes:

Alexander Nevsky (1221-1263) foi um dos principais expoentes da Rússia Medieval. Entre outros títulos nobiliárquicos, foi Grande Príncipe de Kiev (1246–1263), na que passou a ser conhecida como Rússia de Kiev. Como líder militar, enfrentou e venceu invasores suecos e alemães, tendo sido canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa.

Sergei Eisenstein (1898-1948), o grande cineasta soviético (porque sua produção cinematográfica ocorreu durante o regime comunista, como veículo de propaganda estatal), dirigiu, em conjunto com Dmitri Vasiliev (1900-1984), o drama histórico "Alexander Nevsky" (URSS, 1938).

O filme é ambientado em 1242, quando príncipe russo que lhe dá nome, liderou o exército russo contra a invasão dos Cavaleiros da Ordem Teutônica, oriundos do que hoje é a Alemanha. Essa obra foi uma preparação para a guerra contra a Alemanha Nazista e, também, contra a Igreja Católica, cuja flâmula exibindo uma cruz era destacada, reforçando o ateísmo comunista, que trocara o culto religioso pelo culto à personalidade, e as cruzes nos templos por imagens de seus líderes seculares, sobretudo de Lênin e, principalmente, Stálin.

A vida também não foi fácil para Ivan, O Terrível (1530-1584), primeiro czar da Rússia, que precisou enfrentar ataques de poloneses e lituanos, invasões de tártaros (grupo étnico turcomano) e o bloqueio marítimo-comercial dos suecos, poloneses e da Liga Hanseática.

Também houve a Guerra Polaco-Moscovita, entre 1605 e 1618, que confrontou novamente a República das Duas Nações (Polônia e Lituânia), com o Reino de Moscúvia, com participação ambígua do Reino da Suécia. Esse conflito teve como ponto culminante, mas não derradeiro, a invasão de Moscou, pela Polônia. Motivos: os mesmos.

Na Primeira Guerra Mundial, a Rússia fazia parte da Tríplice Entente, aliada do Reino Unido e da França contra a Tríplice Aliança, formada pelo Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Reino da Itália.

A Rússia estava exaurida militar e economicamente pela guerra, mas ainda dividia as forças da Tríplice Aliança entre as frentes oeste e leste. Espertamente, os estrategistas alemães resolveram viabilizar o retorno de Lênin, então na Suíça, ao país.

Vladimir Lenin (1870-1924) e seus aliados promoveram a Revolução Russa, em 1917, assinando, em seguida, um armistício com a Tríplice Aliança. Ponto para os alemães que, mesmo assim, levaram a pior no conflito com os países ocidentais. No entanto, a ascensão do comunismo na Rússia foi o início de um novo problema, em função da grandeza do país e do expansionismo ideológico-territorial que teve início, em parte embrião do da derrocada do colonialismo ocidental: imperialismo por imperialismo.

Mas, voltando ao "vitimismo" russo, então ainda soviético, em 1º de setembro de 1939, Hitler ordenou a invasão da Polônia, dando início efetivo à Segunda Guerra Mundial. No entanto, antes disso, em 1938, a Alemanha Nazista já havia anexado a Áustria (*Anschluss*) e os Sudetos da Tchecoslováquia. A Áustria era o país natal de Hitler e os Sudetos tinham população de etnia germânica, algo muito semelhante às regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, na Ucrânia, no que se refere à etnia russa.

Adolf Hitler (1889-1945), naquele momento, não estava interessado em atacar a URSS, apesar do nazismo ser radicalmente contra o expansionismo comunista, o que já havia demonstrado ao apoiar militarmente os nacionalistas, na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a qual também foi o teatro ideal para testar o poderio militar alemão. De certa forma, o nazismo, nesse caso, não era tão mal visto pelos países capitalistas, embora França e Inglaterra já suspeitassem das intenções hegemônicas de Hitler.

Do lado comunista, Josef Stalin (1878-1953) havia mandado eliminar praticamente toda a cúpula militar de suas forças armadas, além de dispor de armamentos limitados e obsoletos, além de ainda enfrentar problemas internos.

Assim, o Pacto Molotov–Ribbentrop, de não-agressão entre URSS e Alemanha, assinado em 23 de agosto de 1939, atendeu aos interesses de ambos, inclusive os mais obscuros, como a divisão dos territórios da Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia, Finlândia e Romênia. Nesse caso, a URSS não foi vítima, mas algoz.

Aproveitando-se da desorganização do Exército Vermelho, Hitler, que já havia dominado a França e outros países da Europa Ocidental, ordenou a invasão da URSS.

Nesse momento, a fragilidade era dos países que passaram a ser conhecidos como Aliados, na luta contra o nazismo, com os EUA ainda mantendo-se neutro, embora apoiando informalmente o Reino Unido, em seu inicialmente solitário e nada promissor enfrentamento do poderio militar alemão. Mais do que isso, EUA e Reino Unido "esqueceram" seu ferrenho antagonismo com a URSS para apoiar seu confronto com a Alemanha, enviando tanques, aviões e suprimentos aos comunistas. A intenção era clara, desgastar a Alemanha numa guerra em duas frentes, o que justificou até um processo de convencimento da população dos EUA, antes condicionada a odiar os comunistas, a vê-los como aliados. Um exemplo

emblemático desse "esforço de guerra" foi o filme "Canção da Rússia" (*Song of Russia*, EUA, 1944), protagonizado por Robert Taylor e alguns atores de origem russa, radicados nos EUA.

Após o início fulminante da Alemanha Nazista, a entrada dos EUA na guerra, a tenacidade britânica, sob o comando de Winston Churchill (1874-1965); e a resistência obstinada dos soviéticos, novamente favorecida pelo "General Inverno", e ao custo de muitas vidas de todas as partes, os Aliados inverteram o "jogo". Esse novo cenário e a crise de suprimentos para sustentar a máquina de guerra alemã, permitiram a progressiva liberação de áreas antes ocupadas pelos nazistas. Na frente oriental, os soviéticos foram progressivamente avançando, contando com o apoio de comunistas que se aproveitaram para assumir o poder político dos países progressivamente ocupados, por suas tropas.

Porém, tendo como prova o Pacto Molotov–Ribbentrop, nem sempre a Rússia foi “vítima”. Também foi um temível e terrível algoz. Não à toa, o urso é um símbolo da Rússia.

Mas isso é outra história...

Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Engenheiro e Pesquisador Universitário

Membro da Academia Santista de Letras

GUERRA E PAZ II/V – OPOSTOS IGUAIS?

Embora alguns não admitam, por questões ideológicas ou oportunísticas, a Alemanha Nazista e a União Soviética tiveram muitas semelhanças: Adolf Hitler e Josef Stalin, Heinrich Himmler e Lavrenti Beria, Leni Riefenstahl e Sergei Eisenstein, campos de concentração e *gulags*; e, em comum, censura e propaganda, regadas a extrema violência psicológica e física.

A ascensão do nazismo foi, em grande parte, decorrente das pesadas compensações impostas pelos vitoriosos da Primeira Guerra Mundial à Alemanha, pelo Tratado de Versalhes (1919), econômicas e territoriais. A crise que se seguiu criou ambiente propício para o surgimento de uma liderança carismática, personificada por Adolf Hitler (1889-1945), que sintetizou suas ideias no livro “Minha Luta” (*Mein Kampf*, 1925).

Antes dele, O Manifesto Comunista (*Das Kommunistische Manifest*, 1848), de autoria de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), já havia fornecido “combustível” para reviravoltas políticas radicais.

Embora com bem menos páginas, o Livro Vermelho (1964) de Mao Tzé-Tung (1893-1976) também teve efeitos significativos.

O curioso é que essas três obras de cunho ideológico radical foram responsáveis pela destruição de centenas, milhares de outras, consideradas avessas a seus princípios insofismáveis.

Outra forma de “destruição” foi promovida por ambos, no âmbito da infância e adolescência. Foi assim com a "Juventude Hitlerista" (1922-1945), no nazismo, e com os "Pioneiros" (1922-1990), no comunismo soviético. Esses dois movimentos foram o início de uma escalada cujo ápice era a adesão ao partido político único, condição para ocupar os melhores postos de governo e usufruir das regalias reservadas aos fiéis seguidores. E para chegar a esse "olimpico" tudo era aceito, inclusive denunciar colegas e familiares, como pretensos opositores do regime, mesmo sem comprovação fática. Afinal, a "família" era o partido! E o "pai" era o líder do partido!

Hitler era um líder intocável, mas não foi assim, no início o regime comunista soviético.

Após a morte de Vladimir Lênin (1870-1924), seguiu-se uma disputa de poder principalmente entre Josef Stalin (1878-1953) e Leon Trótsky (1879-1940), vencida pelo primeiro, que governou a URSS com mão de ferro até sua morte, em 1953.

Stalin promoveu expurgos internos, inclusive de seus apoiadores iniciais, os bolcheviques. Criou um órgão de segurança implacável, a OGPU (1923), depois incorporada à NKVD (1934). Depois, consolidada a sua liderança suprema, deu continuidade a uma avassaladora onda expansionista.

Não foi muito diferente na Alemanha Nazista, com Adolf Hitler, quando assumiu o poder em 1933, que também expurgou os membros das SA (Tropas de Assalto) e criou a SS (1934) e a Gestapo (1933).

Chanceler de uma nação economicamente destruída pelo Tratado de Versalhes, Hitler ignorou as sanções impostas pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial, e promoveu a

reindustrialização da Alemanha, com ênfase na indústria bélica. Confiscou bens de quem considerou inimigo, elegendo os judeus como principal alvo, condenados a execuções sumárias ou ao extermínio, em campos de concentração, junto com ciganos, negros e outros considerados “indesejáveis” pelo regime. Tudo em nome da superioridade dos alemães, da "raça ariana", privilégio que estendeu a quem interessava.

Tanto o Partido Nazista como o Partido Comunista da União Soviética tinham como regra: o patrulhamento ideológico, a perseguição, o silenciamento ou eliminação de opositores, o fanatismo, a promoção do caos e o belicismo como meios de atingir e manter o poder. Será que atualmente isso mudou, proscritos ou não?

No início, Hitler foi tolerado pelas potências europeias, pois era ferozmente contra o comunismo. Assim a Alemanha Nazista era considerada uma espécie de “barreira” contra o expansionismo soviético, que já angariava simpatizantes e financiava partidos comunistas na Europa Ocidental e em outros países, principalmente em e suas colônias.

Em suma, tanto o nazismo como o comunismo e, no geral, qualquer ideologia ou religião radical, usaram os mesmos métodos para se imporem, e sempre tiveram tendência hegemônica, de partido único e culto à personalidade, exaltando ao ufanismo, e cultivando o fanatismo, não aceitando o contraditório. E quem foi doutrinado nesses regimes dificilmente consegue abandonar seus preceitos e influências. Tanto é fato, que ainda há os que os defendem e propagam. Os que oferecem às boas pessoas que discordem de suas convicções um bom paredão, frente a uma boa espingarda, com uma boa bala e, depois, de uma boa pá e uma boa cova. São os que dizem ser tolerantes, para arregimentar seguidores que sirvam de massa de manobra aos seus interesses, mas demonstram sua intolerância tão logo alcançam o poder.

Os fins justificam os meios, quaisquer que sejam.

Assim, de guerra em paz, de paz em guerra, mais em guerra do que em paz, a história continuou a ser escrita...

Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Engenheiro e Pesquisador Universitário

Membro da Academia Santista de Letras

GUERRA E PAZ III/V – AS TEMPERATURAS DA GUERRA

Com patrulhamento ideológico, expurgos, *pogroms*, *gulags*, maciços investimentos em ciência e em suas Forças Armadas, e doutrinação deste a infância, a URSS chegou a ser composta por 15 países.

Além de expandir o comunismo, durante e após a Segunda Guerra Mundial - chamada pelos soviéticos de Grande Guerra Patriótica -, para o Leste Europeu. Áustria e Grécia foram exceções bastante negociadas com o Reino Unido e os EUA.

Mas, falando em Segunda Guerra Mundial, logo após a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, Stalin ordenou a invasão da Finlândia, em 30 de novembro de 1939, dando início à Guerra Russo-Finlandesa (1939-1940), vencida pelos finlandeses, que tiveram o conhecimento de seu território e, porque não, também um "General Inverno" a seu favor. No entanto, isso não impediu que a Finlândia fosse posteriormente dominada pelos nazistas.

Não foi o caso da Polônia, cuja invasão pelos nazistas, no mesmo ano de 1939, resultou da deflagração da Segunda Guerra Mundial.

Como já visto no artigo GUERRA E PAZ I – UM POUCO DE HISTÓRIA, vendo a desorganização e fragilidade do Exército Vermelho, Hitler ordenou a Operação Barbarossa e a URSS foi invadida.

Stalin não ganhara tempo suficiente para reorganizar sua força militar. Chamberlain foi melhor sucedido, de parte do Reino Unido.

Porém, o apoio do Reino Unido e dos EUA ao esforço de guerra soviético, aliado à tenacidade de seu povo e, mais uma vez, a “terra arrasada” e o “General Inverno”, permitiram à URSS sair da defesa para o ataque, adquirindo protagonismo no cenário de guerra. Esse quadro também foi favorecido pela entrada efetiva dos EUA na guerra, após o ataque japonês à base naval de Pearl Harbour, em 1941.

A partir daí, o Império Japonês precisou concentrar suas forças na manutenção dos territórios conquistados ao Reino Unido, na região do Oceano Pacífico, sobretudo a China, e no combate aos EUA. Esse novo teatro de operações permitiu que a URSS deslocasse seu

efetivo militar do leste para oeste, rompendo as linhas alemães quando já estavam às portas de Moscou.

Pelo jeito, Hitler e seus estrategistas militares devem ter faltado na aula de História sobre Napoleão Bonaparte.

A Conferência de Teerã (1943) foi realizada num cenário de reversão de cenário de confronto, com Roosevelt, Churchill e Stalin definindo a divisão de áreas de influência para o pós-guerra. Nos velhos moldes dos confrontos da Antiguidade à Idade Moderna, definiram o compartilhamento do butim.

O leste europeu seria anexado à URSS, inclusive o leste da Polônia. No entanto, secretamente os EUA e o Reino Unido ainda contavam que a Polônia lograsse expulsar os alemães de seu território e, assim, escapasse da influência soviética. Porém, em razão do acordado em Teerã, restringiram-se a articulações com a resistência polonesa. Enquanto isso, as tropas soviéticas chegaram aos limites do território polaco.

Na expectativa de contar com o apoio do Exército Vermelho, os poloneses promoveram um levante contra a ocupação nazista. Mas, as intenções de Stalin eram outras. Tanto suas tropas como os comunistas poloneses ficaram inertes.

A feroz resistência dos alemães contra a sublevação resultou em maciças baixas dos combatentes nacionalista, enfraquecendo os dois lados. Com isso, foi aberto espaço para a ocupação soviética e a assunção dos comunistas poloneses ao poder.

Uma vez mais, a URSS deixou de ser vítima para ser algoz e, aproveitando a oportunidade, tomou toda a Polônia para si.

Com o fim da guerra, a Europa destruída e a URSS revigorada e com seus domínios expandidos, militarmente mais forte e organizada, o perigo do expansionismo comunista voltou a preocupar as potências ocidentais que, cansadas de guerra, passaram a preocupar-se com a reconstrução do europeia e com suas colônias.

Então, sem maiores entraves, a URSS retomou a expansão do comunismo em direção ao Extremo Oriente, com destaque para a China, de Mao Tsé-Tung; África, aproveitando-se do colapso do colonialismo ocidental pós-guerra; e América Central, via Cuba de Fidel Castro, além de tentativas frustradas em outros países, que integravam o "Quintal dos EUA".

Era a Guerra Fria (1947-1989), tendo como principais forças antagônicas os EUA e a URSS, que dividiu a Europa entre o Tratado do Atlântico Norte (OTAN, 1949) e o Pacto de Varsóvia (1955-1991), respectivamente.

Motivos? Os mesmos de sempre: interesses estratégicos, poder e sustentabilidade econômica.

Nesse arcabouço ficou a questão semântica da palavra "imperialismo" que, de acordo com a narrativa de cada um, podia ter sentido libertário ou de submissão.

E porque essa guerra era "fria"?

Porque não havia confronto direto entre as potências mundiais de então, ambas munidas de poderio nuclear. Seus líderes tinham consciência de que o tinham para não usar, o que não impediu esses países de produzirem artefatos capazes de destruir o mundo várias vezes.

No entanto, a insanidade de um confronto direto, que teria consequências apocalípticas, não as impedia de promoverem e financiarem conflitos entre países ou guerras civis no que ficou conhecido como "Terceiro Mundo". Além disso, e paradoxalmente, ambos são, desde 1946, membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, cuja função é zelar pela manutenção da paz e da segurança internacional.

A propósito, atualmente, os 5 membros permanentes do Conselho são: EUA, Rússia, França, Reino Unido e China, curiosamente, todos detentores de poderio nuclear.

Nesse ambiente, Mao Tsé-Tung (1893-1976) assumiu o poder na China, em 1949, obrigando o líder nacionalista Chiang Kai-shek (1887-1975) e seus aliados a fugirem para a Ilha Formosa, atual Taiwan.

O Japão, ocupado pelos EUA, ficou "imune" ao expansionismo comunista, até por uma questão fundamentalmente inibidora: foi lá que foram utilizadas as primeiras bombas atômicas (1945), um poder letal que nenhum outro país, aliado ou do Eixo, possuía, até então, com sequelas terríveis e duradouras. Algo impossível de confrontar, na época, mas que deu início a uma corrida armamentista sem precedentes na História.

Entretanto, isso não impediu a escalada comunista na Ásia, até porque a reação internacional contra artefatos nucleares foi imediata, inibindo novas utilizações, mas virando

objeto de desejo de todo país que quisesse ser considerado efetivamente autodeterminado ou independente. Quem quiser conhecer uma alegoria sobre o tema, pode assistir o filme "O Rato que Ruge" (*The Mouse That Roared*, Reino Unido, 1959).

A Guerra da Indochina (1946-1954), acabou com o domínio francês, derrotado basicamente por comunistas vietnamitas apoiados por chineses e soviéticos.

A Guerra da Coreia (1950-1953) dividiu o país em dois, com o norte dominado por comunistas.

Por fim, a Guerra do Vietnã (1955-1975) impôs uma fragorosa derrota aos EUA, tão emblemática quanto a derrota da URSS na Guerra do Afeganistão (1979-1989) e, novamente dos EUA, no mesmo país (2001-2021).

Assim, a aliança com os soviéticos durante a guerra fortaleceu os PCs mundo afora, principalmente na África, Extremo Oriente e América Latina.

Nessa disputa, talvez a mais dramática tenha sido a "Crise dos Mísseis de Cuba", em 1962. A Revolução Cubana (1959) trouxera o comunismo perigosamente às portas dos EUA, e passou a ser o ponto focal de fomento de outras revoluções no Hemisfério Sul, principalmente na América Latina.

Numa tentativa de conter essa ameaça ao seu "quintal", os EUA impuseram um embargo econômico à Cuba e financiaram um fracassada tentativa de derrubada do governo de Fidel Castro (1929-2016), conhecida como "Invasão da Baía dos Porcos" (1961).

A URSS foi chamada a dar suporte militar mais efetivo ao governo cubano.

Os soviéticos providenciaram a construção de uma base para mísseis balísticos com ogivas nucleares em solo cubano, o que provocou imediata reação dos EUA, exigindo sua imediata retirada.

Consta que, certa vez, John Kennedy (1917-1963) advertiu Nikita Krushev (1894-1971) de que os EUA dispunham de um arsenal nuclear capaz de destruir a URSS, enquanto a URSS só tinha o suficiente para arrasar os EUA uma vez. O então Premiê soviético teria respondido que à URSS bastaria destruir os EUA uma única vez. Esse deve ser um exemplo emblemático do chamado "papo de doido".

Fidel chegou a sugerir Krushev que lançasse os mísseis em território dos EUA, mas o líder soviético recusou e os retirou, mediante promessa de Kennedy de que Cuba não seria invadida. Os EUA cumpriram esse acordo mas, em outro artigo, veremos que esse tipo de acordo não valeu muito para Hitler e Stalin e, agora, para Putin.

O mundo nunca havia estado tão próximo, até então, de um conflito nuclear.

Assim, o poder nuclear, que já não era mais "privilégio" dos EUA, passou a ser um recurso também de dissuasão e negociação, pois ninguém era tão louco - a não ser Fidel - a ponto de querer repetir a tragédia de Hiroshima e Nagasaki em menor, igual ou maior escala.

No entanto, não interessava aos EUA e à URSS que outros países tivessem esse poder, pois outros "ratos rugindo" prejudicariam seu poder de influência. Mas o discurso foi "pacifista", levando à celebração do Pacto de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), em vigor desde 1970, assinado até o momento de elaboração deste artigo por 189 países, exceto Israel, país acuado por vizinhos árabes desde sua criação, em 1948; Paquistão e Índia, beligerantes desde a independência paquistanesa, em 1947; e Coreia do Norte, a mais recente "nação nuclear", um dos países mais fechados do mundo, governado com mão de ferro e doutrinação massiva pela "dinastia Kim" desde 1948.

Percebe-se pelas datas, que a disputa entre os ocasionalmente aliados EUA e URSS, intensificou-se logo após a Segunda Guerra Mundial.

Por essa ótica, é compreensível que Churchill e o polêmico general George Patton quisessem atacar a URSS pouco antes do fim do conflito, de maneira a deter o expansionismo soviético. Mas o mundo estava cansado da guerra.

Pode-se dizer que esse tratado de não proliferação de armas nuclear também poderia ser denominado "Nós podemos, mas vocês, não!", pois assegurava um poder dissuasor/agressor a um "seleto" grupo de países, com ênfase em: EUA (1945), Grã-Bretanha (1952), Rússia, então URSS (1955); China (1964) e França (1968), todos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, com poder de veto.

Mas nem só de poder destrutivo vive a energia nuclear: seu uso medicinal e na geração de energia são fundamentais nos dias atuais, embora fatores ligados à segurança de operação e à destinação de resíduos sejam um insofismável risco, em função da longevidade dos efeitos radioativos e de suas consequências sobre seres vivos.

O mundo já teve vários impérios, mas nenhum deles tinha poder nuclear, que pode ser acionado a qualquer momento, em poucos minutos, sem implicar na mobilização e transporte de soldados, suprimentos, equipamentos e em toda a logística associada às guerras, ditas, convencionais.

Não existem mais um "campo de honra", só botões ou telas digitais, ou sistemas "inteligentes" só no âmbito de TI.

Como isso vem afetando a Era Contemporânea?

Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Engenheiro e Pesquisador Universitário

Membro da Academia Santista de Letras

GUERRA E PAZ IV/V – REVOLUÇÕES E CONTRA REVOLUÇÕES

Ao contrário de países como Rússia e China, onde os sistemas de governo favorecem, em alguns casos estabelecem, virtuais ou efetivas ditaduras, países democráticos têm alternância de poder, inclusive no âmbito ideológico.

Por exemplo: o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer o Estado de Israel, em 1949. Recentemente, outros governos brasileiros manifestaram apoio a países que querem o extermínio daquele país.

Assim, quanto mais frágil essa democracia - o pior regime político, depois de todos os outros, como dizia Churchill -, maior o risco de descambar para uma ditadura. E quando isso ocorre por meio de revoluções, sempre há que se esperar por contrarrevoluções. Além disso, qualquer governo que assim se instale no poder, passados mais de 5 anos não merece mais se autoproclamar "revolucionário", já é situação. E se perde o poder, em função de uma contrarrevolução, se quiser voltar vira reacionário, palavra que normalmente só tem "mão única", para quem a usa.

Aliás, revoluções políticas só ocorrem em função da falta de visão estratégica e de Estado de governantes distraídos, insensíveis, incompetentes, violentos ou corruptos, às vezes tudo ao mesmo tempo.

O ideal é que ocorram evoluções, entendidas como aprimoramentos e correções de percurso. Isaac Newton (1643-1727) definiu há séculos, em sua Terceira Lei, que: "toda ação corresponde a uma reação de igual intensidade, mas que atua no sentido oposto". Assim, a sucessão de ações e reações, no âmbito político, tende a configurar-se como um "moto-contínuo", que sai da hipótese mecânica para o desgaste físico, que produz calor e, no limite, o colapso do sistema.

Com base nessa tese, faz sentido inferir que a Política é um fenômeno físico, não apenas na Mecânica, mas na vida dos seres humanos. Tanto é que as revoluções quase sempre são embasadas em discursos panfletários, propaganda massiva e inescrupulosa, patrulhamento ideológico, doutrinação/manipulação de massas, uso de violência, que gera violência, para destituir uma elite - às vezes exterminá-la - para colocar outra, em seu lugar que, não raramente, repete os mesmos erros.

Seus líderes buscam apagar o passado – só no que interessa - ou reescrever a história, celebrando seus mártires e criando seus mitos, alguns autoproclamados, e cismas.

Os motivos para uma sublevação podem ser justificados, mas nem sempre os que se colocam como líderes os seguem ou preservam, quando chegam ao poder. Normalmente tendem a ficar deslumbrados com o ele e, carismáticos ou não, se querem mantê-lo a qualquer custo, tornando-se "mais iguais do que os outros", como George Orwell (1903-1950) concluiu, em sua obra "A Revolução dos Bichos" (1945).

A Revolução Francesa (1789-1799), tão decantada até hoje por seu belíssimo lema: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", teve a guilhotina e o terror como subproduto. Luís XVI e Maria Antonieta, então reis de França, perderam suas cabeças não em nome desse belo lema, mas com o objetivo de apagar a aristocracia do mapa. Isso não impediu que, poucos anos depois, Napoleão Bonaparte se torna-se imperador e fosse restaurada a monarquia na França.

A Revolução Russa não foi diferente: Toda a família imperial foi assassinada, com o mesmo objetivo. Fidel Castro (1926-2016) e Che Guevara (1928-1967) fizeram o mesmo, na

Revolução Cubana, com seu *paredón* ou em fuzilamentos sumários, defendidos por Che até em Assembleia da ONU, em 1964. A Revolução Cultural chinesa, promovida por Mao Tsé-Tung (1893-1976), também não foi menos dramática, com a humilhação de intelectuais e opositores, condenados à morte, a trabalhos forçados ou "reeducação" compulsória.

Assim também fizeram Hitler, Stálin e outros tantos líderes carismáticos ou não, de esquerda ou de direita. Podiam apelar para a força das palavras, mas apenas como prelúdio ou disfarce para a letalidade das armas, geralmente entregando seu emprego a soldados da pior índole, e polícias secretas repletas de psicopatas, que veem em guerras e revoluções o ambiente ideal, não para defenderem nobres ideais, mas para darem vazão oficial à sua sede de violência e sangue.

Legiões de oportunistas, incendiários, fanáticos, alarmistas, prosélitos, mistificadores, mitômanos, criminosos úteis em meio a inocentes úteis, e liderados por insanos megalomaníacos, sanguinários, temerários e inconsequentes.

Nicolau Maquiavel (1469-1527), valendo-se do contexto político de seu tempo, deu conselhos a um nobre, condensados na obra "O Príncipe" (1532), recomendando que, ao tomar uma cidade, mandasse eliminar seus governantes e possíveis sucessores. Antes desse florentino, Sun Tzu (544-496 a.C.), a quem é atribuída a obra "A Arte da Guerra", não foi muito diferente.

Com a desculpa de que ambas as obras se aplicam às relações de mercado e poder, muitos políticos e empresários as têm como livros de cabeceira.

Tempos atrás, "O Pequeno Príncipe" (1943), de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), era o "livro das misses", que o usavam para exaltar o amor, a amizade e a paz que alegavam ter como princípios, quase sempre manifestando que gostariam de ser pessoas que trouxessem paz à Terra.

Também há os que decoram trechos de seus livros sagrados, exaltando a pureza e justiça de suas religiões, mas doutrinando para o ódio, o preconceito e o desprezo a quem não pensa igual, também justificando o extermínio do contraditor, num interpretação tosca do: "Quem não é por mim é contra mim".

Como seria interessante de uns lessem os livros de cabeceira dos outros. Talvez houvesse menos hipocrisia e mais respeito ao próximo, mesmo que distante.

Falando em livros e ideologias, a maioria das teorias políticas que embasaram o Revolução Russa vieram do Ocidente, tendo como base pensadores como Locke, Voltaire, Danton, Marat, Robespierre, Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Engels e Gramsci, entre outros.

O mesmo vale quanto ao conceito de eugenia, proposto pelo matemático inglês Francis Galton (1822-1911), no final do século XIX, repercutido nos EUA, no início do século XX, com a implantação de programas de esterilização de “indesejáveis”; e na Alemanha, onde atingiu o ápice da insanidade assassina, vitimando judeus, ciganos, deficientes mentais, homossexuais e negros. Nesse caso, a motivação era a busca por uma “raça superior”, mas que revelou o quão baixos podem ser os instintos e interesses de certos "seres humanos". Daí a correta caracterização se seus atos como crimes contra a Humanidade.

Mas também houve perseguições, execuções e mortes em campos de trabalho forçado, em condições sub-humanas em outros regimes, com destaque para o soviético.

O “Grande Terror” stalinista (1936-1937) foi semelhante ao período de terror da Revolução Francesa. Alguns autores afirmam que cerca de 20 milhões de pessoas morreram sob o regime stalinista, incluindo praticantes de religiões, opositores ou qualquer um que ameaçasse a liderança de Stalin. Mas tem quem o defenda e, até, idolatre, nos dias atuais, incluindo agredindo até fisicamente quem ousa criticar seus ídolos.

E por falar em grandes assassinos em massa da História, a relação é extensa: Pol Pot (1925-1998, Camboja, 3 milhões), Leopoldo II (1835-1909, Bélgica, 8 milhões), Hirohito (1901-1989, Japão, 11 milhões), Hernán Cortés (1485-1547, Espanha, 19 milhões), Tamerlão (1336-1405, Império da Timúria, 20 milhões), Josef Stalin (1878-1953, URSS, 20 milhões), Adolf Hitler (1889-1945, Alemanha Nazista, 20 milhões), Nurhachi (1559-1626, China, 25 milhões), Gengis Khan (1162-1227, Mongólia, 25 milhões) e Mao Tsé-Tung (1893-1976, China, 60 milhões), entre outros.

Um deles teria proferido a seguinte frase: “A morte de uma pessoa é uma tragédia; a de milhões, uma estatística”.

Infelizmente, o morte de milhares também é encarada como estatística, como comprovam outros criminosos, travestidos de políticos e revolucionários, de qualquer ideologia, etnia ou religião, que acreditam ou acreditaram em meios que justificam os fins.

No entanto, apesar de tantas semelhanças, causa surpresa que os crimes de uns não tenham o mesmo peso de outros, mostrando que crenças pessoais tornam o julgamento seletivo. E sempre há alguém disposto a absolvê-los, por conveniência, interesse, oportunismo ou medo.

Independentemente do uso de palavras ou expressões de efeito, ou da propaganda nazista ou comunista, crimes foram cometidos por ordem ou em nome de seus líderes, cultivados como deidades insofismáveis, e não como iguais.

Ninguém, em sã consciência, deseja a guerra! Mas há líderes que apostam nisso para promovê-la, contando que não serão "incomodados".

A diplomacia sempre será o melhor caminho, mas, para tanto, é preciso que o bom senso prevaleça entre os líderes de nações, para que o congraçamento entre os povos não continue a ser uma utopia inatingível, numa "babel" de interesses mesquinhos.

Mas o que isso tem a ver com a invasão da Ucrânia pela Rússia?

Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Engenheiro e Pesquisador Universitário

Membro da Academia Santista de Letras

GUERRA E PAZ V/V – UCRÂNIA!

Ao longo da História a Rússia teve ruzgas com Alemanha, Finlândia, Polônia e Suécia desde a Idade Média, com a Ucrânia quase sempre vítima dessas disputas. Além disso, Alexander Nevsky foi Príncipe de Kiev, na Rússia Medieval, como mencionado em GUERRA E PAZ I - UM POUCO DE HISTÓRIA.

Após a consolidação da Revolução Russa, teve início o processo expansionista do comunismo soviético.

Uma de suas primeiras "vítimas" foi, adivinhem: a Ucrânia!

Após uma disputa com a Polônia, na Guerra Polaco-Soviética (1919-1921), a Ucrânia foi anexada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Stalin, ao assumir definitivamente e absolutamente o poder na URSS, ordenou, a partir de 1928, a implementação de um rígido controle na produção de cereais, mediante "requisição compulsória" a baixos preços.

A Ucrânia, grande produtor agrícola, foi uma das repúblicas que mais resistiu a essa medida. Por conta disso, sofreu dramáticas consequências, que a história registrou como o *Holodomor* (Grande Fome) que, entre 1931 e 1933, matou de fome ou por trabalhos forçados mais de 5 milhões de ucranianos. Também há "negacionistas" para esse fato, como para o holocausto judeu e o genocídio armênio. Pior, há os que justificam essas atrocidades, por razões ideológicas!

As décadas passaram e a Ucrânia, por sua importância econômica e estratégica, foi sendo aparelhada pela URSS. Várias usinas nucleares foram instaladas em seu território (hoje são 15), além de um arsenal nuclear que chegou a ser o terceiro do mundo, nos tempos da Guerra Fria.

O impacto do terrível acidente na complexo de Chernobyl, em 1986, foi dramático, impossível de ser acobertado pelo Kremlin. Consta que foi o embrião do esfacelamento da URSS. Talvez tenha sido um dos principais indutores desse processo, tal foi o desgaste, ainda pior pela tentativa de acobertamento.

A URSS já tentava uma alteração de rumo político e econômico desde 1985, com a implantação da *Perestroika* (reestruturação), entre 1985 e 1991, sob o comando de Mikhail Gorbachev (1931-). O objetivo era a modernização da economia da URSS, associada à transparência governamental (*Glasnost*). A queda do Muro de Berlin, em 1989, foi o "último suspiro" do regime soviético.

Aproveitando-se da momentânea fragilidade da Rússia aos olhos do mundo, a Ucrânia declarou independência em 1991, tendo a Península da Crimeia como parte de seu território.

Essa estratégica região, localizada no Mar Negro, havia sido conquistada ao Império Otomano (1299-1923) em 1783, por ordem da Rainha Catarina II (1729-1796), da Rússia; já havia sido objeto de uma guerra, no século XIX; e fora entregue por Moscou à administração Kiev, em 1954, para "selar" a amizade entre os povos russo e ucraniano.

Seguiu-se a eleição direta de Boris Yeltsin (1931-2007), que governou a Rússia entre 1991 e 1999, criando a Federação Russa, na sugestiva data de 25 de dezembro de seu primeiro ano de mandato.

Como a maioria da população da Crimeia era de origem russa, a Ucrânia, na tentativa de mantê-la sob seu domínio, a declarou república autônoma, em 1992. Mesmo assim, o movimento separatista ganhou força.

Retirando-se espontaneamente do poder, Yeltsin indicou o ex-chefe da KGB, Vladimir Putin (1952-) para sucedê-lo, o qual permanece no poder, desde então.

Apesar de dotada do 3º maior arsenal nuclear da época, a Ucrânia não detinha seu controle operacional, que era mantido pela Rússia. A sombra da invasão passou a preocupar os ucranianos.

Após negociações, em 1994 foi assinado o Memorando de Budapeste, pelo qual a Federação Russa, os EUA e o Reino Unido asseguraram garantias à integridade territorial da Ucrânia, caso seu governo assinasse sua adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Assim foi feito e, como parte do acordo, a Ucrânia entregou seu poderoso arsenal à Rússia, abrindo mão de seu poder dissuasor/agressor.

Governos pró-Rússia mantiveram um relacionamento relativamente tranquilo entre esses países, até 2014, quando os russos invadiram a Crimeia e anexaram seu território, com a mesma justificativa que Hitler usou para invadir e anexar os sudetos da Tchecoslováquia, em 1938: predominância étnica. Ou seria a retomada da península cedida à Ucrânia, em 1954?

Qualquer que seja o real motivo, o fato é que a Península da Crimeia é, há décadas, a base da frota russa no Mar Negro, e a Ucrânia, após sua independência, reivindicava parte dela.

Com a violação escamoteada do Memorando de Budapeste pela Federação Russa (dar apoio a separatistas não era considerado uma invasão direta), a Ucrânia buscou aproximação com a OTAN e com a União Europeia. Obviamente, a Rússia não viu com bons olhos essa iniciativa em seu "quintal" ou, melhor, "seara", pois a Ucrânia é um dos maiores produtores de grãos do mundo. Lembram do *holodomor*? Também dispõe de importantes jazidas minerais.

Dando sequência a esse processo "velado", desde 2019 a Rússia também passou a apoiar movimentos separatistas nas regiões de Donetsk e Luhansk, com a mesma justificativa usada a invasão da Crimeia, mas com o objetivo "assessorio" se criar uma ligação por terra com aquela península.

Assim, a motivação continua sendo basicamente a mesma de sempre: disputas territoriais, interesses estratégicos, poder e sustentabilidade econômica.

Putin está consciente de seu poderio bélico e do contexto mundial, que supera em muito sua relevância econômica. Assim como iniciativas já adotadas por outros países, tomadas à revelia do Conselho de Segurança da ONU, ou mesmo com sua condenação, conta que ninguém ameaçará a Rússia, militarmente. E mesmo que haja retaliações econômicas ou diplomáticas, presume que serão temporárias.

É o cenário atual.

Economicamente, o que deu errado na URSS, funcionou muito bem na China, sobretudo a partir de 1992, torando-a a segunda maior economia do mundo, a caminho do primeiro lugar, enquanto a Rússia permanece estagnada, recorrendo ao velho expansionismo "padrão" soviético: muito forte mas pouco ético.

Em 2021, os BRICS foram detentores de mais de 23% do PIB mundial (China, 17,2%; Índia, 3%; Rússia: 1,6%, Brasil: 1,5% e África do Sul: inferior a 1%). Há cerca de 20 anos a China vem "nadando de braçada", caminhando firmemente para tornar-se a primeira economia do mundo, enquanto a Rússia ainda encontra problemas para adaptar-se ao mercado internacional.

A relevância dos BRICS extrapola sua relevância econômica, pois seus países membros concentram mais de 40% da população mundial e cerca de 45% da força de trabalho, se bem que fica difícil comparar o sistema trabalhista da China com o dos demais, o mesmo valendo quando ao modelo de governo, similar ao da Rússia: uma ditadura.

Mas, no âmbito econômico, a Rússia possui alguns trunfos, sobretudo em relação à Europa que, tendo desativado várias usinas nucleares - comprovadamente de melhor eficiência energética, mas cada vez mais objeto de restrições, no Ocidente, por seus riscos potenciais -, passou a depender do gás russo.

A agricultura mundial também depende muito do potássio e do fosfato russos para a produção de fertilizantes.

Por fim, sua indústria armamentista também é altamente sofisticada e competitiva no mercado internacional, onde gasta-se mais com armas de destruição do que com a produção de alimentos e geração de empregos.

A expansão econômica da China é mais sutil e bem sucedida, também transformando-se em territorial, com a implantação e controle de áreas e infraestruturas em outros países, garantidos por seu crescente e temível poderio militar. Mas também tem a invasão do Tibete (1950) em sua "conta" negativa.

A iniciativa de Putin e a inércia/inocuidade da ONU e OTAN, com seu "canto de sereia" à Ucrânia, podem estimular a China a invadir e reanexar Taiwan, responsável por cerca de 55% da produção mundial de semicondutores, aumentando ainda mais sua importância e poder de barganha no cenário econômico mundial?

O Japão, a Coreia do Sul e a Oceania estão sob risco?

A Resolução da ONU que, em 02/03/2022, condenou a invasão da Rússia à Ucrânia teve 141 votos a favor, incluindo o do Brasil (que também havia votado a favor, enquanto membro temporário do Conselho de Segurança), 34 abstenções, a maioria de países africanos (incluindo Angola e Moçambique), latino-americanos (incluindo: Bolívia, Cuba e Nicarágua) e orientais (Incluindo: Paquistão, Irã, Iraque e Vietnã) e do BRICS (África do Sul, China e Índia); e 5 votos contrários (a própria Rússia, Bielorrússia, Coreia do Norte, Eritreia e Síria).

A maioria das abstenções e votos contrários foram de países que mantêm estreita relação com a Rússia, ora como ex-integrantes da URSS, ora como atuais países-satélites, ora como governos financiados e armados pelos soviéticos.

Nesse sentido, foi curioso o posicionamento da Venezuela, cujos governos desde Hugo Chávez vêm recebendo amplo apoio militar da Rússia - possível contraponto estratégico à colaboração dos EUA com a Colômbia - e mais alguns países integrantes da Federação Russa não votaram. E dos 5 países que se afirmam comunistas (China, Coreia do Norte, Cuba, Laos e Vietnã), apenas a Coreia do Norte votou contra a Resolução. Os demais se abstiveram.

O Brasil votou a favor da resolução, mas o teria feito, caso seu governo fosse de esquerda? Bem também votou contra a resolução que condenava o embargo à Cuba, em 2019, sendo um governo de direita. Coisas da democracia, que envolve alternância de poder. Antes disso, o regime cubano já havia recebido bastante ajuda econômica do Brasil, com retorno pouco garantido.

A Rússia também aproveitou os eventos para “recomendar” que a Suécia, tradicionalmente neutra em conflitos mundiais, e a Finlândia não adiram nem à OTAN, nem à União Europeia, obviamente por questões estratégicas.

Observando o mapa da Eurásia fica evidente, afora questões econômicas, que a Rússia pretende manter um “cinturão” de defesa formado por países periféricos e acessos marítimos. A entrada da Ucrânia, Suécia e Finlândia as incluiria no princípio do Tratado do Atlântico Norte, segundo o qual, quem atacar um país, ataca todos. A Noruega não foi incluída nesse rol de advertidos, apesar de ter fronteira terrestre com a Federação Russa, a exemplo da Finlândia.

É fato que, ao longo da História, impérios surgiram, se impuseram pela força, tiveram seu apogeu, mas desapareceram com o tempo, por múltiplos motivos, com ênfase em fatores logísticos, diferenças culturais e movimentos nacionalistas. Foi assim desde a Antiguidade até meados dos anos de 1940.

A autodeterminação dos povos sempre esteve, como ainda está, subordinada aos interesses estratégicos das grandes potências, sejam econômicos ou militares, vide o discurso de alguns líderes ocidentais sobre a Amazônia. E sempre há os que atuam em função de seus próprios interesses ou crenças, financiados por países ou corporações, dispostos a fazer o papel de "quinta coluna", inocentemente ou não, clandestinamente ou não.

O imperialismo atual tem uma diferença que o torna menos susceptível ao declínio: embora seja afetado por questões econômicas e sociais, o poderio bélico nuclear garante longevidade potencialmente "explosiva" a seus detentores.

Mísseis nucleares intercontinentais, agora hipersônicos, satélites e *drones* militares, submarinos nucleares, guerra tecnológica, química e biológica são trunfos para a manutenção de sua relevância no cenário mundial.

Desta forma, o cenário não é diferente da Guerra Fria, mas está esquentando no Hemisfério Norte.

A globalização mostra fraqueza semelhante ao pacifismo pré-Segunda Guerra Mundial, o que favorece iniciativas radicais de países que perderam sua ascendência, como é o caso da Rússia, mas que mantém seu poderio militar dissuasor/agressor.

Quem desafiá-los estará bancando uma guerra mundial nuclear, mesmo que seja apenas entre poucos países, pois a radiação não conhece fronteiras, basta lembrar de Chernobyl.

O atual cenário econômico-estratégico acuou o "urso", embora isso não justifique qualquer ato de beligerância. O momento é de tempestade e só o bom senso será capaz de acalmar essas "águas", embora suas sequelas sejam duradouras, como em qualquer guerra ou revolução. Haverá feridas a serem curadas e não cultivadas.

Ucrânia, agora, talvez Taiwan, depois, mostram que o mundo vive uma e perigosa escalada assimétrica, que aposta no medo das consequências de uma retaliação, ou num novo acordo entre potências: um "toma lá, dá cá" compensatório, como foi o caso em Teerã e Ialta.

A atitude de Putin é mais do que justificadamente reprovada pela maioria dos países membros da ONU, mas ele não parece muito preocupado com isso. A OTAN, mantida mesmo após a dissolução do Pacto de Varsóvia, também negou, ao menos em princípio, envolver-se diretamente no conflito. Assim, a Rússia está "testando limites", e coloca autodeterminação dos povos em cheque, e já provocou muitas mortes, mesmo sem ser "mate", pois esse nefasto "jogo" ainda está em andamento.

Alguns chamam Putin de "neonazista", esquecendo de seu passado comunista, inclusive como chefe da temível KGB, e do expansionismo soviético. Chamá-lo de "neossoviético" ou "neostalinista" não seria mais apropriado?

Leon Tolstói, com sua obra "Guerra e Paz", que tinha como pano de fundo o conflito entre dois impérios, deu o mote para a elaboração destes 5 artigos. Aqueles impérios deixaram de existir, dando lugar a nações igualmente poderosas, e o mundo passou a ser o teatro de disputas ideológicas destrutivas, onde os cavaleiros cruzados e sarracenos foram substituídos por potenciais cavaleiros do Apocalipse.

Capitalismo, comunismo, socialismo, plutocracia, autocracia, teocracia... todos esses modelos só têm contribuído para afastar seres humanos, tendo a intolerância, o ódio e a doutrinação como instrumentos de dominação e preservação.

Nesse cenário, o “Amai-vos uns aos outros!” acaba perdendo para o “Si vis pacem para bellum” e para a "Lei do mais forte"; e o “Servir a quem vence, o vencedor” não passa de discurso poético em meio à distopia do pensamento único, que quer rebanhos para tosquiar e abater, e reinar pelo ódio, pelo preconceito e pela força do medo de uma verdade "única" ou de uma mentira repetida mil vezes.

Oremos... Mas também não nos deixemos entregar a essa crescente onda insanidade que assola o mundo!

Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Engenheiro e Pesquisador Universitário

Membro da Academia Santista de Letras

Guerra na Ucrânia, o tráfico de pessoas e a misoginia do deputado Arthur do Val

Antonio Baptista Gonçalves

Antes de aceitar qualquer tipo de oferta, pesquise os dados e obtenha referências sobre o contratante, se o mesmo se recusar a fornecer informações mínimas sobre si ou referente à atividade, redobre a atenção.

A guerra na Ucrânia imposta pela Rússia, com a finalidade de anexar novos territórios, por mais que a premissa do presidente Vladimir Vladimirovitch Putin seja apresentar motivos humanitários de "libertar a população". A verdade é que, dia após dia, o que se vê é o êxodo populacional ante ao massacre e à violência imposta pelos ardores do conflito.

Em decorrência do embate, a população ucraniana das cidades atingidas ou próximas, deixa o país como pode em busca apenas e tão somente de sobreviver. No entanto, quando são acolhidos por outros países, se deparam com a realidade da falta de emprego, de moradia e de condições mínimas, além de serem considerados como refugiados. Para os criminosos especializados se estabelecem as condições tidas como "favoráveis" para que o tráfico de pessoas se consuma. Desenvolvemos.

O tráfico de pessoas é um assunto não muito comentado, difundido ou quiçá repercutido, mas, o tema é relevante e os números causam preocupação. O relatório Global sobre Tráfico de Pessoas da ONU, lançado em Viena em 2021, aponta que cerca de 50 mil vítimas foram detectadas e denunciadas em 148 países em 2018, com grande potencial de subnotificação. Ainda segundo o relatório, os alvos preferenciais são migrantes, pessoas sem emprego e crianças (número que era de 10% e triplicou nos últimos 15 anos). As crianças têm utilização para exploração sexual (meninas) e trabalhos forçados (meninos). O elemento comum que os une é a vulnerabilidade e a promessa de ofertas enganosas.

No relatório ainda se depreende outros dados: 50% das vítimas são traficadas para exploração sexual, 38% para trabalhos forçados e 6% envolvidas em atividades criminosas forçadas. Mas, e o que vem a ser o tráfico de pessoas? A definição sobre o tema foi inserida no Protocolo de Palermo (2003): "Recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre outra pessoa, para exploração".

Segundo o Conselho Nacional de Justiça, o tráfico humano movimenta anualmente 32 bilhões de dólares em todo o Mundo, desse valor, 85% provêm da exploração sexual. No Brasil, o tema não é difundido pela mídia, contudo, sua prática é a terceira atividade ilícita mais lucrativa no mundo, atrás apenas do tráfico de drogas e armas.

Com a pandemia do Covid-19 os números do tráfico de pessoas, seguramente, irão aumentar haja visto o incremento do desemprego, das crianças sem escola, além do avanço da

desigualdade social e da miséria. Para aqueles que pouco ou nada possuem e se encontram em condição de vulnerabilidade uma proposta para que uma pessoa possa desenvolver trabalhos na agricultura ou pecuária, na construção civil ou, até oficina de costura é um caminho em busca de uma vida condigna. Porém, a realidade, em geral, se revela de maneira diametralmente oposta, porque nos casos típicos de tráfico de pessoas, o que se vê é o aliciamento, o transporte e a entrega das pessoas. E, posteriormente, lhes são impingidas dívidas por conta desse transporte, moradia e alimentação, todos artifícios, a fim de garantir a manutenção do trabalho escravo.

Da mesma feita temos a exploração sexual com pretensas chances para meninas e jovens se tornarem modelos ou dançarinas que, na prática, se revelam nos mesmos moldes da exploração laboral.

A fim de garantir o domínio de suas vítimas, os aliciadores confiscam os passaportes - o tráfico é em geral transnacional, mas, nada obsta que ocorra dentro do território nacional - além disso, não é autorizado o uso de aparelhos celulares e, muito menos, o contato com amigos ou familiares. Além de não conhecerem o endereço da casa para onde vão. E as características dos criminosos independem do gênero, pois, os aliciadores são carismáticos, sedutores, com bom nível educacional e, acima de tudo, com elevado poder de convencimento.

A questão da exploração sexual culminada com o tema dos refugiados produz visões misóginas, machistas e com potencial para o tráfico sexual. Recentemente um parlamentar brasileiro, em viagem à Ucrânia, Arthur do Val, conhecido como "Mamãe falei" teceu comentários sobre as mulheres ucranianas nos quais destaca a "facilidade de contato e de oferecimento das mulheres", além disso, as compara com as brasileiras: "Se você pegar fila da melhor balada do Brasil, na melhor época do ano, não chega aos pés da fila dos refugiados aqui".

No entanto, a pérola está aqui: "São fáceis porque são pobres!".

Os comentários de, no mínimo, mau gosto, eticamente reprováveis, moralmente questionáveis, porém, que são compactuados por criminosos e aliciadores que se aproveitam

da realidade da guerra para, através de artifícios, estratégias e vantagens inexistentes, tirar proveito da condição das mulheres e meninas a fim de potencializarem seus lucros com o tráfico humano para fins sexuais.

Em um primeiro momento, equiparar as falas do parlamentar como caminho para o tráfico de pessoas pode parecer exacerbado, no entanto, o nicho buscado pelos aliciadores é o mesmo das ilações e centradas nesta visão machista do parlamentar: buscar pessoas de condição econômica desfavorável para ofertar o sonho dourado e um caminho reluzente para o sucesso que se esvai como um castelo de cartas no primeiro vento.

Claro que a situação de vulnerabilidade não é o único meio utilizado pelos aliciadores que contam com um leque de opções que variam entre ameaça, uso da força, rapto, fraude, abuso de autoridade, além dos já mencionados anteriormente. Todavia, em um momento mundial delicado, primeiro pela pandemia do Covid-19 e, agora, com o conflito entre Rússia e Ucrânia, os aliciadores se aproveitam da movimentação e circulação dos refugiados a fim de potencializar os próprios lucros. É o único caminho? Claro que não, porém, está disponível e acessível por conta das circunstâncias e, por isso, alguns cuidados podem e devem ser tomados a fim de se proteger destes criminosos e não ser uma vítima do tráfico humano.

Sabe aquele adágio popular que os pais sempre advertem: "Quando a esmola é demais, o santo desconfia". Portanto, a fim de se prevenir dos criminosos e traficantes sempre desconfie se lhe for ofertada uma proposta de emprego fácil e lucrativo. Ademais, antes de aceitar qualquer tipo de oferta, pesquise os dados e obtenha referências sobre o contratante, se o mesmo se recusar a fornecer informações mínimas sobre si ou referente à atividade, redobre a atenção.

Se os sinais estiverem presentes, denuncie! Tráfico de pessoas no Brasil é crime, como preconiza o artigo Art.231 do Código Penal Brasileiro. Art. 231. Promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de mulher que nele venha a exercer a prostituição, ou a saída de mulher que vá exercê-la no estrangeiro. Pena - reclusão, de três a oito anos.

E, caso não tenha percebido ou a sedução tenha influenciado sobre a razão sempre deixe um endereço, telefone ou a localização da cidade/país que será seu destino para que os amigos e/ ou familiares possam contatar as autoridades locais em caso de desaparecimento. Lembre-se: a sua segurança também depende de você!

Antonio Baptista Gonçalves

Advogado, pós-doutor em Desafios en la postmodernidad para los Derechos Humanos y los Derechos Fundamentales pela Universidade de Santiago de Compostela, pós-doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP

link:<https://www.migalhas.com.br/depeso/361166/guerra-na-ucrania-o-trafico-de-pessoas-e-a-misoginia-do-arthur-do-val>

MULTIPOLARIDADE E REALISMO: O DIREITO INTERNACIONAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER NO CONFLITO RÚSSIA X UCRÂNIA

Carla Liguori^{1*}

Francisco Campos da Costa^{2}**

A ordem internacional criada especialmente pós Segunda Guerra pelas Nações Unidas com o objetivo de fomentar e garantir a paz global encontra, no princípio da cooperação mundial, nos usos e costumes, no dever geral de cautela, no respeito à soberania dos Estados, na proteção dos direitos humanos e, também, nos regimes internacionais os fundamentos da almejada segurança jurídica internacional.

A crescente escalada da guerra entre Rússia e Ucrânia em 2022 reaviva, entretanto, questões primordiais que, ao menos até o momento, validavam o mundo multipolar e a construção da própria sociedade internacional após a Guerra Fria, tais como a hegemonia dos Estados, a capacidade das Nações Unidas na proteção

^{1*} Pós-Doutora pelo MICH (ITA). Doutora e Mestre em Direito pela UNISANTOS (BRA). Docente da FAAP-SP. Sócia-fundadora do LIGUORI & VITAL Sociedade de Advogados. Membro ABDEM e APRODAB. Autora de livros como Ilha de Lixo e Suki e a Ilha do Horizonte. E-mail: carla@liguorivital.com.br

^{2**} Doutor em Direito Ambiental Internacional e Mestre em Direito Internacional pela UNISANTOS com Bolsa Capes/PROSUC. Pós graduado em Direito Marítimo e Portuário pela Unisantos. Professor das Faculdades Idea e CEST. Coordenador de Pós graduação da MLAW Academy. E-mail: franciscoccadv@gmail.com

mundial, e os novos modelos de estruturas e as circunstâncias de poder nas relações internacionais.

Criada em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU) significou a reconstrução do mundo caótico dos conflitos armados à satisfação do interesse global na preservação de direitos mínimos e na implementação de uma ordem jurídica focada no desenvolvendo comum.

A Carta de São Francisco, documento oficial do maior acordo da história, ratificada à época já por países como Estados Unidos, Reino Unido, França, China e União Soviética, estabelece que “todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais” e, mais precisamente em seu artigo 103, que “no caso de conflito entre as obrigações dos membros das Nações Unidas, em virtude da presente Carta e as obrigações resultantes de qualquer outro acordo internacional, prevalecerão as obrigações assumidas em virtude da presente Carta”.

Deu-se fim à legitimação do uso da força para as transformações da sociedade global, ao passo em que se reconheceu o poder-fundamento e a conversão de interesses como condição e manutenção dos compromissos, das normas e, conseqüentemente, dos regimes internacionais. Segundo KRASNER (2012, p. 94) “os regimes podem ser definidos como princípios, normas e regras implícitos ou explícitos e procedimentos de tomada de decisões de determinada área das relações internacionais em torno dos quais convergem as expectativas dos atores”.

É importante destacar que no atual momento de escalada de conflitos na Ucrânia, a maioria dos países do mundo tem adotado uma postura de não engajamento armado, entretanto, as sanções econômicas, financeiras, comerciais, desportivas e contra oligarcas (próximos os Kremlin) passam uma mensagem clara ao regime Russo de Vladimir Putin que é: a sociedade internacional não irá tolerar violações a soberania dos países e tampouco ao direito internacional, assim, aqueles que ousarem fazê-lo serão excluídos e sofrerão conseqüências catastróficas.

Quanto as sanções, é válido mencionar que a exclusão da Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (SWIFT) (BBC, 2022, online) responsável pela transferência de recursos financeiros a nível internacional, sanções aplicadas a diversos produtos de origem russa, dentre eles o petróleo e gás, além da suspensão de contratos vigentes e novos contratos, bem como a criação de novos gasodutos, o congelamento e apreensão de bens e ativos de oligarcas russos,

a exclusão de campeonatos desportivos internacionais, restrições de voos de origem russa, além da suspensão de negociação e funcionamento de serviços de grandes empresas como Mc Donald's, Netflix, Apple, Facebook, Coca Cola, Pepsi, Starbucks. (LUCAS, CNBC, 2022, online).

No campo das relações entre os Estados a implementação de um sistema jurídico comum com base no desejo da maioria dos componentes da dita sociedade internacional trouxe a transição do denominado realismo ou modelo neorrealista, onde eram os Estados os principais tomadores de decisão, posicionados de acordo tão somente com seus respectivos ganhos e galgados nas instituições formais que lhes garantiam equilíbrio de poder, para o institucionalismo neoliberal, onde a cooperação visava a facilitação dos interesses no formato de jogos de oportunidade e utilidade, permitindo-se o uso das cartas e moedas pessoais para o alcance dos ganhos pessoais, chegando-se ao construtivismo atual, por meio do qual é possível se verificar outros elementos que contribuem diretamente ao comportamento dos interessados, como pesquisa, estratégia, conhecimento, tecnologia. (VALDEVINO, 2016, p. 62-65). E, nessa linha de persuasões e posicionamentos, o mundo globalizado constituiu uma série de acordos, tratados, convenções, resoluções, regulações e demais instrumentos capazes de salvaguardar o compromisso de jamais se reviver os conflitos e os efeitos havidos.

Foi em 1949, inclusive, que Rússia e Ucrânia ratificaram a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, promulgada no Brasil por meio da Lei n.º 30.822 de 1952, e que embasa o atual pedido de condenação das ações russas em solo ucraniano junto à Corte Internacional de Justiça. Apresentada pelo Estado de resistência às investidas bélicas de Putin no último 26 de fevereiro, a denúncia é a representação, no mais alto escalão do Direito Internacional no sistema das Nações Unidas, das infrações cometidas pelo governo russo às normas reconhecidas pela referida sociedade após a década de 40.

Em que pese a plausibilidade das alegações apresentadas por Moscow no campo da insegurança territorial e à soberania de seu país com o avanço da OTAN e do “ocidente” em contraponto aos acordos pós Guerra-Fria celebrados pelos Estados envolvidos para a garantia de seus elementos constitutivos e, especialmente, de seus respectivos interesses a setores econômicos, a multipolaridade do conflito confere à guerra uma análise muito além do que a simples segregação política ou geopolítica entre ocidente e oriente.

Os Acordos de Minsk I e Minsk II que outrora impuseram o reconhecimento do cessar fogo e o retorno à paz entre russos e ucranianos após a invasão de Putin e consequente anexação da Crimeia mais uma vez se revelam obsoletos. Eis que, se por um lado, Minsk conseguiu impedir a ruptura da ordem internacional já em 2014 com a entrega absoluta das potencialidades energéticas da Ucrânia ao oponente e o fim do conflito na região entre separatistas russos e ucranianos, fato é que, por outro, jamais libertou os nacionais do domínio histórico e geopolítico. Mas o ponto de maior atenção é que, para validar a presente invasão a Kiev, o governo russo simplesmente declarou tais documentos internacionais como inexistentes, em afronta direta à eficácia dos aludidos instrumentos e das obrigações contraídas em face do Direito Internacional.

Em verdade, como bem ressalta ROSALES (2014, p. 233-235) a insurgência do século XXI já não pode ser vista sob os mesmos critérios das décadas de 10 a 50. Isso porque a insurgência atual demanda a desmistificação do poder pelo uso da força e combina um conjunto de fatores que alteram as estruturas do poder. Para o autor, "hoje os Estados-nação têm começado a definir o tipo de guerra que estão enfrentando como a forma mais evoluída do conflito, que emprega todas as redes disponíveis, em especial a econômica, a militar, a político e a social" naquilo que ele chama de "guerra de quarta geração". (p. 248).

No que se refere à Rússia, o primeiro fator a ser considerado é o comércio, avidamente pautado na distribuição de petróleo e de gás a países da própria Europa, como a Alemanha. Tal circunstância opera vantagens à Rússia sobre eventual participação destes países em prol da Ucrânia. Em seguida ressalta-se o apoio dos parceiros comerciais e consequentes "players" ao regime de Putin, como é o caso da China, que auxilia a autonomia da economia Russa e limita eventuais sanções econômicas do resto do mundo.

A resistência russa, decorrente de parcerias estratégicas, parece ser suficiente para contra-atacar, pelo menos em um primeiro momento, a dependência europeia de suas reservas de petróleo e gás, especialmente porque 40% do gás utilizado pela Europa deriva daquele país, portanto, não há como desconsiderar aumentos estratosféricos em serviços de prestação de energia e consequentemente aumento dos custos de iluminação e aquecimento (ELLIOTT, THEGUARDIAN, 2022, online). Entretanto, ao que parece, a Rússia está tomando medidas urgentes, tal como o aumento de 20% da taxa juros e que deverá inaugurar uma recessão calamitosa,

segundo Elvira Nabiullina, a presidente do Banco Central Russo (ROSALSKY, NPR, 2022, online).

As instituições, aqui designadas como regulações existentes, também interferem no posicionamento do agente, ao passo que permitem o gerenciamento de riscos sob determinada ação pré-ordenada. Assim como também ocorre com os efeitos destas normas, onde se é possível estabelecer um cenário de responsabilização diante dos pares e da própria sociedade internacional. Somado a tudo está a segurança do elemento material territorial e a posição geográfica dos envolvidos, que podem fomentar melhores estratégias de comércio e de sobrevivência. E talvez o mais relevante deles, a capacidade de resistência, bélica e econômica, as quais permitem permear a jornada.

Nota-se enfim que o avanço do conflito depende diretamente das potencialidades de cada participante, como num verdadeiro “jogo de xadrez”. Enquanto essas as potencialidades são reveladas pela anarquia da sociedade internacional, as regras do Direito Internacional teriam o escopo de impor os limites de atuação e as consequências às condutas adotadas. Entretanto, em que pese a multipolaridade da guerra ou o realismo da força russa como mecanismos diretamente ligados à manutenção da própria controvérsia, o que ainda se busca saber é, afinal de contas, qual será o rumo da ordem jurídica internacional após mencionadas rupturas.

Referências

CONVENÇÃO PARA A PREVENÇÃO E A REPRESSÃO DO CRIME DE GENOCÍDIO. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/1948%20Convenção%20sobre%20a%20Prevenção%20e%20Punição%20do%20Crime%20de%20Genoc%C3%ADdio.pdf>>. Acesso em: 09.Mar.2022.

ELLIOTT, Larry. Russia's economy is under siege, but will the west break first?, Economics. **THEGUARDIAN**, 06 de mar de 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/2022/mar/06/russia-economy-sanctions-ukraine-west-cost-of-living-crisis>. Acesso em 12 de mar de 2022.

KRASNER, Stephen D. **Causas estruturais e consequências dos regimes internacionais: regimes como variáveis intervenientes.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 20, n. 42, p. 93-110, jun. 2012.

LEI N.º 30.822 de 1952. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1952/D30822.html>. Acesso em: 09.Mar.2022.

LUCAS, Amelia. Iconic U.S. brands Coca-Cola, Pepsi, McDonald's and Starbucks suspend business in Russia, Food & Beverage. **CNBC**, online, 08 de março de 2022. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2022/03/08/coca-cola-follows-mcdonalds-starbucks-in-suspending-business-in-russia.html>. Acesso em 12 mar 2022.

ONU BRASIL. **Carta da ONU.** Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-08/A-Carta-das-Nacoes-Unidas.pdf>>. p.06. Acesso em: 08.Mar. 2022.

ROSALES, Samuel. **A guerra de insurgência na atualidade: a longa guerra; um estudo de como as insurgências têm evoluído no início so século XXI.** R. Esc Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 231-257, jan/jun. 2014.

ROSALSKY, Greg. How sanctions are pinning down the Russian economy. **NPR**, 08 de março de 2022. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/money/2022/03/08/1084280072/how-sanctions-are-pinning-down-the-russian-economy>. Acesso em 12 de março de 2022.

VALDEVINO, Deisiane da Conceição Viana de Santana. **A concepção de regimes na política internacional à luz das teorias das relações internacionais.** Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 14, n. 1, p. 61-69, jan/jun. 2016.

What sanctions are being imposed on Russia over Ukraine invasion?, Europe. **BBC**, online, 11 de março de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60125659>. Acesso em 12 de março de 2022.



Os reflexos da guerra: Rússia e Ucrânia e os perigos em voar!

Um país tão grande quanto a Rússia pode viver sem uma aviação e indústria aeronáutica moderna e viável? Essa é uma tese que nunca foi testada -- mas está prestes a ser!

A invasão da Ucrânia pela Rússia, com impactos globais, afeta e impactará enormemente não somente as viagens aéreas, mas também toda a manutenção tecnológica e de suprimentos do parque aeronáutico daquela região. Teremos o aumento iminente dos preços do transporte de carga aérea. O mercado de leasing aeronáutico já foi enormemente impactado. Percebam que até mesmo a conquista do espaço pode ser prejudicada!

Os impactos ainda são incalculáveis.

Enquanto Ucrânia, a Moldávia e parte do espaço aéreo da Bielorrússia já fecharam para voos comerciais por razões de segurança, várias companhias aéreas também se posicionaram contra voar para e através da Rússia.

Indo além, até agora todos os estados membros da UE, incluindo Suíça, Albânia, Canadá, Islândia, Noruega e Reino Unido, proibiram a entrada de aeronaves russas em seu território e, em resposta, a Rússia proibiu todos os voos desses países de entrar em seu espaço aéreo.

As sanções ocidentais são cada vez mais severas contra a Rússia. E o setor aéreo, com isso, pode em breve ir parar na UTI: a indústria aeronáutica pode realmente entrar em colapso na Rússia.

As sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia significam, numa primeira análise, que os dois maiores fabricantes de aeronaves do mundo, Boeing e Airbus, não podem mais fornecer peças de reposição ou fornecer suporte de manutenção para companhias aéreas russas. O mesmo vale para os fabricantes de motores aeronáuticos.

A própria Rolls-Royce cujo negócio Aeroespacial Civil, com sede no Reino Unido, que fabrica e presta serviços de manutenção a motores a jato para aviões comerciais, interrompeu todas as atividades com seu cliente Aeroflot (maior transportadora da Rússia) e com toda a Rússia, o que significa que não estão mais fornecendo motores para aviões comerciais, serviços de manutenção ou peças de reposição.

Em outras palavras, as companhias aéreas russas podem ficar sem peças necessárias de reposição em questão de semanas ou pilotar aviões sem ter a devida manutenção com a frequência recomendada para operar com segurança. Além do que, isso pode afetar os certificados de aeronavegabilidade, o que pode acontecer se os registros adequados não forem mantidos, se as aeronaves forem canibalizadas para peças.

A Aeroflot foi também cortada do SABRE (sistema global de vendas de passagens aéreas) e interrompeu todos os voos internacionais em 8 de Março de 2022 – não só porque, como mencionado, os governos ocidentais fecharam seu espaço aéreo para os aviões russos, mas também porque as empresas de leasing estão tentando recuperá-los. O caminho é avassalador, e, a persistirem as sanções, no curto-médio prazo a Rússia poderá deixar de ter qualquer tipo de indústria aeronáutica viável.

Isso representa um problema sério para as atividades econômicas da Rússia. A Rússia é a maior nação do mundo, mais que o dobro do tamanho dos Estados Unidos – e ela precisa ter uma indústria aérea viável para manter sua economia funcionando.

Pode levar semanas ou meses até que os suprimentos de peças de reposição das companhias aéreas acabem. As companhias aéreas podem prolongar as operações aterrando algumas aeronaves e canibalizando-as para peças sobressalentes para uso nos

aviões que ainda estão voando, embora tais práticas sejam proibidas nos termos dos arrendamentos que cobrem aeronaves comerciais.

A Rússia também pode ter que comprar peças não certificadas e aviões em segunda mão de vendedores na China ou em outros países, como o Irã fez durante seus anos de sanções.

Mas não é só isso. O impacto econômico da guerra pode ser sentido nos quatro cantos do planeta. Para começar, os voos com origem na Europa ou na Ásia que anteriormente viajavam pela Rússia estão sendo redirecionados, o que pode adicionar horas ao tempo de viagem. Isso exige mais combustível de aviação – o que não apenas aumenta o custo de cada voo para a companhia aérea, mas também reduz a quantidade de carga que pode ser transportada em cada aeronave devido a considerações de peso. Como exemplo, temos produtos transportados da Ásia para a América do Norte e Europa sobre a Rússia: agora eles terão que seguir a rota polar sobre Anchorage e isso aumentará o tempo e, portanto, o custo.

O debate já alcança o espaço: A agência espacial da Rússia enviou à NASA e a outros parceiros internacionais uma carta exigindo o fim das sanções, dizendo que elas poderiam ameaçar até mesmo a Estação Espacial Internacional (ISS). Quatro astronautas da NASA, dois cosmonautas russos e um astronauta europeu estão atualmente na estação espacial.

As empresas de leasing de aeronaves, que possuem cerca de 80% dos aviões comerciais da frota russa, receberam ordens para recuperar esses aviões imediatamente. Trata-se de missão sensível devido à possibilidade de contestações legais e à proibição de aeronaves russas voarem no espaço aéreo europeu. Sob as sanções da UE, as empresas de leasing devem encerrar seus contratos com as companhias aéreas russas até 28 de março. As sanções levaram o setor a um território desconhecido: a Convenção da Cidade do Cabo de 2001 rege os termos sob os quais os aviões são alugados e apreendidos, mas não planejou realmente guerras e sanções.

A saída? O setor de aviação russo é uma grande força manufatureira e, apesar da qualidade questionável, há muitos aviões de fabricação russa em operação em toda a

Rússia. As companhias aéreas russas podem usar suas aeronaves fabricadas na Rússia de forma mais ampla e contar com empresas russas para fornecer suporte técnico. A mudança significará uma queda na qualidade das viagens aéreas e provavelmente nos serviços técnicos, no entanto, seria a solução para o colapso total.

Ivan Dilly

Chief Legal Officer & Founder

www.dilly.adv.br

O ATAQUE RUSSO ÀS TELECOMUNICAÇÕES DA UCRÂNIA

No dia 24/02/2022, o mundo amanheceu com a triste notícia da invasão militar da Rússia no país vizinho, a Ucrânia. Após meses de tensão entre os dois países, as forças militares de Vladimir Putin iniciou os ataques em diversos pontos ao longo da fronteira entre os dois países. [1]

Com consequências ainda imprevisíveis em longo prazo, atualmente o conflito tem provocado a maior crise migratória na história recente da Europa, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) 2,8 milhões de pessoas já deixaram o país. [2]

Sem sombra de dúvidas, a invasão a um país soberano, com poderio bélico inferior nos remete ao início do século XX. Diferente dos conflitos do século passado, hoje o campo de batalha vai muito além das ruas ucranianas. Com o avanço das tecnologias de informação acompanhamos tudo em tempo real.

Na mesma rapidez do avanço das tropas russas, as sanções econômicas impostas por diversos países estão entre as mais rigorosas já vistas. Não é exagero dizer que a Rússia está praticamente isolada do restante do mundo moderno. Basta analisar a resolução aprovada no dia 02/03 por 141 países na Assembleia-Geral Extraordinária Das Nações Unidas [3], tornando clara a posição mundial sobre o conflito, contudo a via diplomática não foi suficiente para barrar a ofensiva russa até o momento.

Dito isto, é necessário ressaltar a importância das telecomunicações no mundo contemporâneo. Podemos definir telecomunicação como “a transmissão, emissão ou

recepção, por fio, radioeletricidade, meios ópticos ou qualquer outro processo eletromagnético, de símbolos, caracteres, sinais, escritos, imagens, sons ou informações de qualquer natureza.” [4], ou seja, através de cabos, sinais elétricos ou por meio de ondas eletromagnéticas que, após convertidos, transmitem uma informação.

Dentre os principais aparelhos utilizadores deste sistema podemos citar os serviços de rádio e TV, celulares, comunicação espacial e sistemas de navegação. As ondas transmitidas por estes aparelhos são geradas, processadas e transmitidas por uma série de equipamentos técnicos [5].

Como podemos perceber, os serviços de telecomunicações são vitais para o bom funcionamento de país. Com implicações civis e militares, a utilização e regulação de seu uso é assunto de Defesa Nacional, visto que desde o sinal de celular até os radares utilizados em aeronaves funcionam por meio deste sistema.

No ponto de vista do uso civil podemos citar inúmeras aplicações, nos mais diversos ramos, com implicações políticas, sociais e econômicas. Como a veiculação da imprensa, o investimento em pesquisa e desenvolvimento em novas tecnologias, o lazer.

Com a pandemia do Sars-CoV-19, o mundo teve de se adaptar ao “novo normal”, onde a tecnologia exerceu papel fundamental ao facilitar a continuidade e manutenção dos setores financeiros, educacionais e sociais. Fazendo com que empresas utilizassem sistemas digitais para não interromperem seu funcionamento, bem como todos os demais setores.

A rapidez com que as informações, e as desinformações, foram propagadas possibilitou a continuidade de serviços não essenciais. Além de revolucionar e modernizar os serviços de saúde.

Sob o prisma de utilização militar, o uso e armazenamento de informações possui um viés estratégico de segurança, pois contribuem desde a integração e operações conjuntas entre os agentes de segurança para a manutenção da paz até a realização de estratégias de defesa e ataque em situações de conflito. [6]

Ao observarmos a estratégia de ataques russa, percebe-se que os principais pontos são infraestruturas sensíveis [7]. Dentre eles o ataque à torre de TV em Kiev. A torre era a principal da capital do país e foi atingida por mísseis no dia 01/03, na ocasião cinco pessoas foram mortas em decorrência ao ataque [8].

Pouco antes ao ataque da torre em Kiev, em 28/02, o presidente da Space X, Elon Musk, anunciou através do Twitter que ativaria o sinal de internet da Starlink na Ucrânia, entretanto seria necessário o envio de equipamentos para a captação do sinal emitido pelos satélites. Porém, visto a facilidade de identificação e localização das antenas, o próprio Elon Musk sugeriu o uso e a camuflagem do equipamento. [9]

O programa Starlink tem como meta ofertar o serviço de internet via satélites, que proporcionem internet de longo alcance e rapidez até nos locais mais remotos do planeta. O projeto planeja a órbita de 12 mil satélites de alto desempenho até 2025. Com os lançamentos iniciados em 2018, hoje a empresa já possui mais de dois mil satélites em órbita. [10]

No último dia 07/03, o jornalista investigativo do portal Bellingcat, Christo Grozev, realizou uma série de tweets em que explica como a utilização de uma rede de celulares criptografados dos militares russos foi prejudicada após a queda de torres de retransmissão de sinal de internet 3G em Kharviv. [11]

Ainda não é possível mensurar o número de vítimas dos ataques, ou se quer prever um fim. Quando observamos o momento atual da guerra, percebemos o importante papel desempenhado pelas telecomunicações. Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, onde é possível acompanhar em tempo real um conflito histórico, podemos vislumbrar do que o futuro nos aguarda.

Com a iniciativa privada ganhando cada vez mais espaço no cenário geopolítico internacional, vemos a interação e cooperação entre o Poder Público e Privado na mediação entre conflitos entre nações.

Como forma de contra-ataque e represália aos ataques russos ao território ucraniano, vemos uma série de sanções econômicas impostas à Rússia. Desde a proibição de importação a produtos e serviços russos até o bloqueio de bens dos apoiadores ao governo de Vladimir Putin.

Para além das medidas impostas por diversos países, como EUA, Inglaterra e os membros da União- Europeia. Grandes empresas privadas já anunciaram o fim ou suspensão de serviços dentro do território russo. Desde grandes plataformas digitais até redes de fast food.

O desenvolvimento de novas tecnologias nos promete um mundo cada vez mais conectado e integrado, onde fronteiras territoriais não são mais um empecilho, o uso das TIC's tem sido fundamental para sociedade contemporânea, com o mundo na palma das mãos, nos questionemos, o que valerá mais o poder bélico ou o informacional?

REFERÊNCIAS

- [1] BBC, EQUIPE. Rússia invade Ucrânia: fortes explosões atingem capital; invasão deixa ao menos 137 mortos. [S. l.]: BBC, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60503097>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [2] SBT NEWS, EQUIPE. Apelos de paz devem ser ouvidos, diz ONU sobre guerra na Ucrânia. [S. l.]: SBT, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://scc10.com.br/guerra-na-ucrania/apelos-de-paz-devem-ser-ouvidos-diz-onu-sobre-guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [3] TORTELLA, Tiago; LOPES, LÉO. Assembleia-Geral da ONU aprova resolução que condena a Rússia por invasão à Ucrânia. [S. l.]: TECNOBLOG, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/assembleia-geral-da-onu-aprova-resolucao-que-condena-a-russia-por-invasao-a-ucrania/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [4] CONCEITO DE., EQUIPE. TELECOMUNICAÇÕES. [S. l.]: CONCEITO DE., 2019. Disponível em: <https://conceito.de/telecomunicacao>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [5] SERT-PR, EQUIPE. DEFINIÇÕES UTILIZADAS EM RADIODIFUSÃO. PARANÁ: SERT-PR, 2022. Disponível em: [https://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/#:~:text=A%20Radiodifus%C3%A3o%2C%20segundo%20a%20legisla%C3%A7%C3%A3o,sons%20e%20imagens%20\(televis%C3%A3o\)](https://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/#:~:text=A%20Radiodifus%C3%A3o%2C%20segundo%20a%20legisla%C3%A7%C3%A3o,sons%20e%20imagens%20(televis%C3%A3o).). Acesso em: 14 mar. 2022.
- [6] GERALDES, ARAÚJO. IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DAS TELECOMUNICAÇÕES. [S. l.]: RCAAP, 1994. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1707/1/NeD69_AraujoGeraldes.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [7] ATAQUES à infraestrutura da Ucrânia evidenciam estratégia da Rússia de desgastar população. SÃO PAULO: VALOR, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/03/04/ataques-infraestrutura-da-ucrania-evidenciam-estrategia-da-russia-de-desgastar-populao.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [8] MURPHY, Paul P.; VOITOVYCH, Olya. Ataque russo à torre de televisão em Kiev, na Ucrânia, deixa ao menos cinco mortos. [S. l.]: CNN, 1 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-ataca-torre-de-televisao-em-kiev-diz-autoridade-ucraniana/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [9] PANCINI, Laura. Starlink: como a internet de Elon Musk mantém a Ucrânia conectada. [S. l.]: EXAME, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/starlink-como-a-internet-de-elon-musk-mantem-a-ucrania-conectada/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- [10] FELIX, VICTOR HUGO. O que é Starlink?. [S. l.]: TECNOBLOG, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-starlink/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

[11] TILT, Cooperação. Russos derrubam antenas de 3G na Ucrânia, mas acabam sem sinal de celular. RIO DE JANEIRO: UOL, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/03/11/militares-russos-derrubam-antenas-3g-na-ucrania.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Ana Carrollina do Carmo Rodrigues

OAB/MG 210.500

Ucranianos e Russos um Ponto de Partida em comum

Os ucranianos e os russos possuem um ponto de partida em comum, a Rússia de Quieve, uma confederação de tribos eslavas sob o título de principado, ainda na Idade Média. (1)

Até o século XIII esse principado existiu e foi importante no leste europeu, até a invasão mongol.

Daí em diante o território ucraniano seria conquistado por reinos como o da Polônia e o grão-ducado da Lituânia.

Diante dessa dominação, os ucranianos se uniriam aos cossacos, fugitivos de origem russa, numa rebelião que culminaria na divisão do território ucraniano entre a Polônia e a Rússia, que ficaria com o leste ucraniano sob sua jurisdição.

Em 1793, mais de um século depois disso, também o oeste da Ucrânia foi anexado pelo Império Russo.

A Ucrânia seria, então, um território pertencente ao Império Russo.

Quando o Império cai diante da revolução russa de 1917, mais uma vez o território é disputado pela Polônia, que havia se tornado recentemente uma República com

desejos expansionistas à leste, e a União Soviética, que buscava manter os espaços territoriais que eram ainda do tempo do Império.

Os poloneses saem vencedores, com o Tratado de Riga, em que Lenin reconhecia a independência polonesa, mas a Ucrânia se torna uma República soviética, sob controle dos russos

Em 1939, com a invasão nazista da Polônia, os soviéticos também aproveitaram o momento para avançar sobre o território polonês, ampliando o tamanho da República soviética da Ucrânia.

No início da década de 1930, a campanha de coletivização das fazendas promovida pelo líder soviético Joseph Stalin foi acompanhada de uma grande fome que provocou a morte de milhões de ucranianos. (2)

Em 1953, a Crimeia foi repassada da União Soviética para a Ucrânia pelo secretário geral do partido comunista, Nikita Khrushchov, passando a integrar o país.

Em 26 abril de 1986 aconteceu o conhecido acidente nuclear de Chernobil, o mais grave acidente nuclear da história.

A Ucrânia se declara independente em 1990, e por meio de plebiscito em agosto de 1991 elege seu presidente.

Em dezembro daquele ano, a União Soviética caiu oficialmente.

(1) A **Rússia de Quieve** ou **Rússia de Kiev** (em latim *Russia Kioviensis*; em russo Киевская Русь; em ucraniano: Київська Русь; r também conhecida como **Rússia Quievana** ou os **Rus' de Quieve**, foi uma confederação de tribos eslavas do Leste Europeu dos séculos IX ao XIII, sob os ruríquidas, Bielorrússia, Ucrânia e Rússia reivindicam a Rússia de Quieve como seu ancestral cultural. Em sua maior extensão em meados do século XI, o Estado se estendia do mar Báltico ao norte ao mar Negro no sul e das cabeceiras do Vístula no oeste à península de Taman no leste, unindo a maioria das tribos eslava do leste

. Segundo a historiografia russa, o primeiro líder a começar a unir as terras eslavas do leste no que se tornou conhecido como Rússia de Quieve foi Olegue (r. 882–912). Estendeu seu controle de Novogárdia Magna ao sul ao longo do vale do rio Dnieper para proteger o comércio das incursões de cazares do leste e moveu sua capital à mais estratégica Quieve. Esvetoslau I (r. 945–972) conseguiu a primeira grande expansão do controle territorial, lutando uma guerra de conquista contra os cazares. Vladimir I (r. 980–1015) introduziu o cristianismo com seu próprio batismo e, por decreto, estendeu-o a todos os habitantes de Quieve e além. A Rússia alcançou sua maior extensão sob Jaroslau I, o Sábio (r. 1019–1054); seus filhos reuniram e emitiram seu primeiro código legal escrito, pouco depois de sua morte. O Estado declinou no final do século XI e durante o XII desintegrou em várias potências regionais rivais. Foi ainda mais enfraquecido por fatores econômicos, como o colapso dos laços comerciais com o Império Bizantino devido ao declínio de Constantinopla e a diminuição de rotas comerciais que o acompanhavam por seu território. Finalmente caiu a Invasão mongol da década de 1240.

- (2) O **Holodomor** (derivado de морити голодом, moryty holodom, "matar pela fome"), também conhecido como a **Fome-Terror** e por vezes referido como a **Grande Fome**, foi um período de fome na Ucrânia Soviética de 1932 a 1933 que causou a morte de milhões de ucranianos. Como parte da mais vasta fome soviética 1932-33 que afectou as principais áreas produtoras de cereais do país, milhões de habitantes da Ucrânia, a maioria dos quais eram ucranianos de etnia ucraniana, morreram de fome numa catástrofe sem precedentes na história da Ucrânia em tempo de paz

Referências

Citações

- "Ucrania - História, seção "Kyivan" (kievan) Rus", *Enciclopédia Britânica*. 2020-03-05 ..
- Zhdan, Mykhailo (1988). "Kyivan Rus" . *Enciclopédia da Ucrânia* .
- John Channon & Robert Hudson, *Atlas Histórico do Pinguim da Rússia* (Penguin, 1995), p.16.
- "Kyivan Rus" , Encyclopædia Britannica Online.
- Plokyh, Serhii (2006). As origens das nações eslavas; identidades, pré-modernas na Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, Nova York: Cambridge University Press. págs. 10–15.
- ISBN 978-0-521-86403-9 . Apesar de todas as diferenças salientes entre essas três nações pós-soviéticas, elas têm muito em comum quando se trata de sua cultura e história, que remonta à Rússia de Kiev, o estado eslavo oriental medieval baseado na capital da atual Ucrânia,

- Bushkovitch, Paul. *Uma História Concisa da Rússia* . Cambridge University Press. 2011.
- Paul Robert Magocsi, Atlas Histórico de East Central Europe (1993), p.15.
- .“Civilização na Europa Oriental Bizâncio e Europa Ortodoxa” occawlonline.pearsoned. com. 2000.
- PICKOVÁ, Dana, O počátcích státu Rusů, em: Historický obzor 18, 2007, č.11/12, s. 253-261
- Paul R. Magocsi, *A History of Ukraine* , (2010), pp.56–57.
- Blöndal, Sigfús (1978). Os Varangianos de Bizâncio . Cambridge University Press. pág. 1.
- Tolochko, AP (1999). "Khimera "Kievskoy Rusi"". *Rodina* (em russo) (8): 29–33.
- Jones, Adam (2010). *Genocide: A Comprehensive Introduction*. [S.l.]: Taylor & Francis. p. 194.
- Graziosi, Andrea (2005). *LES FAMINES SOVIÉTIQUES DE 1931–1933 ET LE HOLODOMOR UKRAINIEN*. [S.l.]: Cahier du Monde Russe. p. 464
- Werth Nicolas. 2007. "La grande famine ukrainienne de 1932–1933." In *La terreur et le désarroi: Staline et son système*, edited by N. Werth. Paris. p. 132.
- Graziosi, Andrea. 2005. "Les Famines Soviétiques de 1931–1933 et le Holodomor Ukrainien." *Cahiers du monde russe et soviétique* 46(3): 453–472 [457].

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos , Membro da Comissão de Direito Espacial da OAB Santos , Membro da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Pinheiros , Membro da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação da OAB Pinheiros

Crise humanitária na Ucrânia

“Não importa quão necessária ou justificável seja uma guerra, ela será sempre um crime.”

(Ernest Hemingway)

A guerra é um grande desastre, e esse desastre tem um preço alto. Com todos os significados desta palavra. As pessoas perdem dinheiro, reputação, qualidade de vida, perdem a liberdade. Mas o principal é que as pessoas perdem seus entes queridos, elas se perdem. Volodymyr Zelenskyy

Residentes no leste da Ucrânia e em outros lugares já sofreram oito anos de conflito. Mas agora a intensificação e disseminação do conflito por todo o país corre o risco de uma escala de morte e destruição assustadora de se contemplar, dadas as imensas capacidades militares envolvidas

Visão geral

Após meses de postura enquanto negava simultaneamente qualquer plano de ataque, os ataques do presidente russo Vladimir Putin em várias cidades na Ucrânia começaram durante a noite de 24 de fevereiro e continuaram durante todo o dia (horário local).

Putin afirmou que as forças russas estão visando a infraestrutura militar ucraniana, não pessoas ou comunidades. No entanto, as mortes foram relatadas. Guardas de fronteira ucranianos relataram ter sido bombardeados de várias direções durante a noite, incluindo Bielorrússia e Crimeia.

Este último ataque faz parte de uma crise de vários anos que remonta a 2014 e além.

Antecedentes : “O aumento do medo de um conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia está presente há algum tempo, e o leste da Ucrânia tem sido o local de uma guerra por procuração entre os dois países. Logo após a anexação da Crimeia da Ucrânia pela Rússia em 2014, separatistas pró-Rússia proclamaram duas repúblicas na parte

oriental do país: a **República Popular de Donetsk** e a **República Popular de Luhansk** – para grande consternação do governo ucraniano.

Desde então, houve escaramuças e combates contínuos na região, conhecida como Donbas, entre as tropas da Ucrânia e os separatistas.”

A resposta do Centro de Filantropia para Desastres (CDP) a esta crise está focada nas necessidades humanitárias que surgem, particularmente entre os deslocados internos (IDPs) e refugiados. Não estamos olhando para o conflito em si, exceto em como ele afeta o movimento da população e as necessidades humanitárias.

De acordo com a *World Population Review*, a população atual da Ucrânia é de 43,3 milhões de pessoas. No entanto, “desde a década de 1990, a população da Ucrânia vem diminuindo devido às altas taxas de emigração, baixas taxas de natalidade e altas taxas de mortalidade. Muitas pessoas deixam o país porque a Ucrânia é o segundo mais pobre da Europa, está em conflito com a Rússia leste, e é assediado pela corrupção.

Atualmente, a população está diminuindo a uma taxa de 0,59%, uma taxa que aumenta a cada ano desde 2015. Às Nações Unidas estimam que a Ucrânia pode perder quase um quinto de sua população até 2050.” (antes da Invasão Russa estes dados).

A situação humanitária na Ucrânia está a deteriorar-se a um ritmo alarmante. Milhões fugiram de suas casas por segurança, estima-se que 1,9 milhão estão deslocados na Ucrânia e 2,5 milhões de pessoas já cruzaram fronteiras internacionais para fora da Ucrânia, segundo a Agência da ONU para Refugiados, ACNUR. A assistência humanitária está sendo ampliada em áreas onde a segurança permite.

Mais de 500.000 pessoas estão sendo alcançadas pela ONU e parceiros com alguma forma de assistência humanitária na Ucrânia, incluindo alimentos, abrigos, cobertores

e suprimentos médicos para salvar vidas. Se o acesso humanitário for garantido, a ONU e seus parceiros devem alcançar mais pessoas.

A escalada do conflito na Ucrânia causou a destruição da infraestrutura civil e vítimas civis e forçou as pessoas a fugir de suas casas em busca de segurança, proteção e assistência. Na primeira semana, mais de um milhão de refugiados da Ucrânia cruzaram as fronteiras para países vizinhos, e muitos mais estão em movimento dentro e fora do país. Eles precisam de proteção e apoio. À medida que a situação continua a se desenrolar, cerca de 4 milhões de pessoas podem fugir da Ucrânia. À luz da emergência e das necessidades humanitárias primordiais dos refugiados da Ucrânia, está sendo realizada uma resposta regional interinstitucional aos refugiados, em apoio aos esforços dos países que os acolhem.

Espera-se que a escala e a urgência das necessidades aumentem e serão relatadas à medida que mais informações estiverem disponíveis nos próximos dias. Sabemos que qualquer família forçada a sair de casa precisa de ajuda com abrigo, comida, água limpa – o básico absoluto.

Também é inverno na Ucrânia, com temperaturas regularmente abaixo de zero. Muitas famílias que vivem na zona de conflito já não têm comida suficiente para comer ou roupas para se aquecer. Com a escalada atual, ainda mais serão expostos aos elementos e forçados a encontrar abrigos.

A invasão da Ucrânia pela Rússia deixou centenas de milhares de pessoas sem eletricidade ou água, e a ONU teme que até 5 milhões de pessoas possam ser forçadas a fugir do país.

Referência

Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários

OCHA, visite <https://www.unocha.org/>.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

A Rússia de Putin é os seus vizinhos

A vista de Moscou a crise em torno da Ucrânia faz parte de um confronto mais amplo entre a Rússia e o Ocidente, que persistiu em vários graus de intensidade desde a queda da União Soviética apesar dos períodos em que o Ocidente como um todo se recusou a reconhecer que existia qualquer conflito de interesse estratégico com a Rússia. Após um período em que esse confronto foi relativamente adormecido, o conflito na Ucrânia resulta da culminação de duas tendências importantes na visão russa de si e do mundo: primeiro, uma percepção maior e mais urgente de ameaça, real ou imaginária, à própria segurança da Rússia; e segundo, um reconhecimento que a própria Rússia recuperou força suficiente, militar ou não, para se afirmar.

A noção de que a Rússia enfrenta uma ameaça existencial – mesmo quando essa ameaça é imperceptível de fora da Rússia – têm origens múltiplas e complexas.

Alguns destes são permanentes e persistentes; por exemplo, a ideia de vulnerabilidade das fronteiras Russas, o que leva à convicção de que, para proteger as suas fronteiras, a Rússia deve exercer controle muito além deles.

No século passado, este foi um dos impulsionadores da União Soviética. Ultimatums aos estados bálticos e à Finlândia que eventualmente levaram à sua invasão em 1939.

Esta percepção contínua alimenta o retrato atual da Rússia da OTAN e o alargamento, incluindo a esses mesmos Estados bálticos, como uma ameaça. Independentemente

da OTAN intenção, apresenta uma ameaça simplesmente por “aproximar-se das fronteiras da Rússia”.

Outros desenvolvimentos mais recentes aumentaram o senso de urgência para os planejadores de segurança russos. O medo de que o Ocidente esteja pensando em mudança de regime na Rússia não resiste ao escrutínio objetivo, mas parece profundamente enraizado em um amplo setor da elite de segurança russa.

Isto se acentuou no passado década, como Moscou vê, ainda mais desenfreada e irresponsável intervenções do Ocidente com o intenção de mudança de regime, deixando o caos e a desordem em seu rastro ocidental ação na Líbia e o apoio aos rebeldes antigovernamentais na Síria exemplos.

Assim, a perspectiva de desestabilização mais próxima na Ucrânia teria preocupação ainda mais aguda e direta em Moscou. Mesmo sem o desordem concomitante, a ameaça da "perda" da Ucrânia para o Ocidente representava um problema militar imediato: parece ter sido considerado plausível Moscou que isso representava um perigo imediato de perder a frota da Frota do Mar Negro base em Sebastopol, juntamente com a infra-estrutura de apoio muitas vezes esquecida espalhada por toda a península da Crimeia, à OTAN.

De acordo com o secretário do Conselho de Segurança russo Nikolay Patrushev, as consequências podem ser ainda mais abrangente: "Os americanos estão tentando envolver a Federação Russa em conflito militar interestadual, para facilitar a mudança de poder por meio do uso os eventos na Ucrânia e, finalmente, dividir nosso país."

Se esta visão é sinceramente mantida pela liderança russa ou não, é aquela que é consistentemente apresentada ao público russo, e às suas Forças Armadas, como explicando as raízes do conflito atual.

O fato de que a Rússia foi capaz de usar um grande número de Forças de Operações Especiais (SOF) de forma rápida e eficaz para assumir o controle da Crimeia e, posteriormente, uma campanha de baixo nível em curso no leste da Ucrânia envolvendo a mobilização de longo prazo de suas forças convencionais, é um indicador para o outro elemento-chave da nova abordagem russa ao confronto; o reconhecimento de que a Rússia está agora em posição de exercer uma política externa muito mais assertiva do que no passado recente.

Um elemento disso é a revisão e o rearmamento sem precedentes e dispendiosos das Forças Armadas da Rússia, que começaram após o conflito armado com Geórgia em 2008 e continua até hoje.

O fato de que as tropas russas no trabalho na Ucrânia são totalmente irreconhecíveis das forças que entraram na Geórgia apenas sete anos antes causou surpresa e consternação entre os ocidentais e comunidades de defesa que não estavam prestando atenção. Mas a campanha da Ucrânia em geral é muito mais do que uma operação militar.

Coordenação bem-sucedida de movimentos militares e ação com outras medidas no campo político, econômico e principalmente os domínios da informação, são o resultado de árduos esforços por parte da Administração Putin nos anos anteriores para aproveitar outras alavancas do poder estatal para agir de forma coordenada.

Os resultados dessa coordenação deixaram o Ocidente despreparado lutando por uma resposta, e lutando até mesmo para definir o fenômeno, como testemunha das tortuosas tentativas da OTAN e dos governos ocidentais de decidir o que precisamente constitui “guerra híbrida”. Mas a noção de hibridismo aplicada ao conceito atual encontra pouco entendimento em Moscou. Em vez disso, pode-se dizer que a Rússia está simplesmente tentando implementar uma grande estratégia no sentido clássico.

A tentativa da Rússia toda essa abordagem do governo para administrar o conflito está incorporada no Centro de Controle de Defesa Nacional no centro de Moscou, onde uma ampla gama de diferentes ministérios e agências governamentais, incluindo os responsáveis pela energia, a economia, ecologia e muito mais são reunidos sob a liderança do Estado-Maior.

A militarização intensiva, às vezes referida diretamente como mobilização, também é agora permeando a sociedade russa, alimentada pela interminável retórica da liderança de guerra, confronto e ameaça, e cobertura militar geral na TV.

De acordo com a Estônia o Embaixador da Federação Russa Jüri Luik, a narrativa russa de guerra é “instrumentalizar a população e colocando-o em pé de guerra mental”, não apenas tocando no tradicional a narrativa russa de vitimização acabou séculos, mas também engendrando “uma sentimento heróico de que agora é a hora do risco”.

Além disso, a análise da segurança russa pensamento mostra não apenas essa assimetria de percepção da ameaça, mas também uma completa divergência com o Ocidente em termos de noções de como e quando os militares devem ser usados para combater essas ameaças.

Como tantas vezes, não há uma explicação única para um determinado curso de ação da Rússia, e a intervenção direta na Crimeia e na Ucrânia também foi analisada como uma resposta à ameaça representada aos interesses empresariais russos por uma integração mais estreita com a União Europeia (UE).

O modelo da UE de mercados abertos e negociações baseadas em regras contraria diretamente a maneira russa de fazer negócios no exterior, reforçando a crescente percepção russa da UE como um problema e não uma oportunidade; mas poucos analistas teriam previsto que seria a perspectiva de um Acordo de Associação da UE para a Ucrânia, em vez de qualquer envolvimento com OTAN, o que acabaria por levar à intervenção militar da Rússia.

A atitude ambivalente em relação à Ucrânia como nação soberana com direito de escolher sua própria direção de política externa tem suas raízes em uma visão totalmente diferente do fim da União Soviética. Essa visão sustenta que as ex-repúblicas soviéticas, incluindo a Ucrânia e os Estados Bálticos, na verdade, pertencem à Rússia.

De acordo com o presidente Putin, em 1991 “A Rússia voluntariamente – ênfase – voluntariamente e conscientemente fez concessões absolutamente históricas ao abrir mão de seu próprio território”.

Essa visão persistente não se limita ao Presidente Putin. De acordo com o veterano estudioso da Rússia Paul Goble: “A elite russa está sinceramente convencida de que a preservação da influência nas ex-repúblicas soviéticas que a cercam é o *status quo* e um direito natural dado pela história”, embora “para todo o resto do mundo tal abordagem é incompreensível e antinatural”.

O que isso significa é que Moscou age como se a União Soviética não tivesse desmoronado, como se tivesse sido apenas reformatado, mas as relações entre soberano e vassalo permanecem como antes’.

É claro que, pelo menos em alguns setores da sociedade, essas aspirações da Rússia de recuperar o domínio imperial sobre seu entorno gozam de amplo apoio e suporte. A agora celebrada Procuradora-Geral da Crimeia, Natalya Poklonskaya, em uma entrevista na época da anexação declarou sua ambição de “começar de novo em um grande estado, uma grande potência, um império, como a Rússia” .

Essa abordagem da herança de dominação da Rússia sobre sua vizinhança parece consistente ao longo do tempo. Em 1953, uma avaliação da história recente que levou à dominação soviética sobre o leste

A Europa concluiu que na Rússia visualizar:

“Stalin não era mais do que reafirmar a autoridade russa sobre territórios que há muito reconhecia o domínio czarista e que havia sido arrancado da Rússia na época de sua fraqueza revolucionária após a Primeira Guerra Mundial”.

O efeito dessas suposições de longa data é uma mentalidade que leva a referências de generais russos a 'nashi byvshiye strany' ('nossos antigos países'), declarações de que até a Finlândia e a Polônia eram “partes da Rússia”, e que todos os principais os poderes têm uma zona sanitária não ameaçadora ('zona sanitarnaya') ao seu redor.

As tentativas da Rússia de manter, ou reafirmar, esta zona tampão são um dos principais contribuintes para o impasse atual.

Desde 1991, Moscou empregou uma ampla gama de ferramentas coercitivas em tentativas – muitas vezes sem sucesso – para manter influência e influência sobre seus vizinhos ocidentais.

A partir de meados dos anos 2000, a Rússia se beneficiou de um súbito fluxo graças aos preços mais altos do petróleo e começou a rever sua percepção de seus próprios pontos fortes adequadamente. Desde os primeiros estágios, isso se refletiu em enormes aumentos orçamentários para as Forças Armadas, e um padrão intensificado de testes de alavancas de influência contra os vizinhos ocidentais.

Incidentes de alto perfil durante esta fase incluíram cortes de gás para a Ucrânia em 2006, a ofensiva cibernética grosseira contra a Estônia em maio de 2007, e em última análise, o uso da força militar contra a Geórgia em 2008.

Em cada caso, os resultados validaram esta abordagem para a Rússia: o conflito georgiano em particular demonstrou a validade do uso da força armada como

instrumento de política externa trazendo agilidade e eficácia aos resultados, com custos econômicos e reputacionais limitados e temporários a suportar.

Foi neste contexto que uma série de análises informadas apontaram para a Ucrânia como o próximo alvo para uma ação russa assertiva. Um relatório parlamentar do Reino Unido em 2009 observou que:

“Muitas de nossas testemunhas enfatizaram que a Rússia representa uma ameaça militar a outros ex-estados soviéticos, particularmente à luz de suas ações na Geórgia...Algumas testemunhas argumentaram que a Rússia representava uma ameaça militar à Ucrânia... um cenário era que Putin poderia enviar forças militares para garantir a Base militar russa em Sebastopol”.

Referências

- Entrevista com o secretário do Conselho de Segurança Nikolay Patrushev, Rossiyskaya gazeta, 11 de fevereiro de 2015.
- André Monaghan. 'Desfibrilando o Vertikal', Chatham House, outubro de 2014, <http://www.chathamhouse.org/publication/desfibrilacao-vertical-putin-e-grande-estrategia-russa>.
- Paul A. Goble. 'Putin dá ao mundo sua lição de geografia: 'Toda a ex-URSS é a Rússia'', The Interpreter, 28 de abril de 2015, <http://www.interpretermag.com/putingivestheworldhisgeographylessonaalltheformerussrisrussia/>.
- William Hardy McNeill. 'América, Grã-Bretanha e Rússia: Sua Cooperação e Conflito 1941-1946', (Oxford University Press 1953).
- Para uma visão geral recente dos meios hostis que a Rússia adota para influenciar seus vizinhos, veja 'Russia's Toolkit' em 'The Russian
- Challenge', Chatham House, junho de 2015, <http://www.chathamhouse.org/publication/russian-challenge-authoritarian-nationalism>.
- Keir Giles. 'Serviço Militar na Rússia: Nenhum Novo Exército Modelo', Centro de Pesquisa de Estudos de Conflitos, maio de 2007

- Jakob Hedenskog e Robert L. Larsson. 'Russian Leverage on the CIS and the Baltic States', FOI, junho de 2007, disponível em www.foi.se/ReportFiles/foir_2280.pdf.
- Rússia: um novo confronto?', Comitê de Defesa da Câmara dos Comuns, Décimo Relatório da Sessão 2008-09, 10 de julho de 2009.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos , Membro da Comissão de Direito Espacial da OAB Santos , Membro da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Pinheiros , Membro da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação da OAB Pinheiros

Defesa Estratégica no Ciberespaço Ucrainiano.

A digitalização da informação, iniciada durante a Segunda Guerra Mundial, aprofundou significativamente a relação entre os seres humanos (do indivíduo ao estado-nação) e dados não estruturados, informações estruturadas (como um bases de dados) e inteligência (informações de valor político ou militar).

Todas as partes da sociedade têm se beneficiado da tecnologia da informação; no entanto, à medida que nos tornamos cada vez mais dependentes de dados, nossos adversários procuram alavancar informações contra nós. Atacantes e defensores agora lutam pelo acesso e controle de informações nas esferas política, econômica, militar e social.

Na linguagem militar, os dados tornaram-se um “ponto alto” virtual a partir do qual os mais bem informados podem influenciar um adversário.

O Governo ucraniano encontra-se atualmente em desvantagem tática face à Rússia, tanto no campo de batalha tradicional quanto no ciberespaço. No entanto, a cibernética segurança, especialmente em nível nacional, é um jogo estratégico, e Kiev pode fazer investimentos que serão recompensados a longo prazo.

Na Ucrânia, como em qualquer outro estado-nação, profissionais, acadêmicos, formuladores de políticas e o público estão individual e coletivamente incomodados com a questão de como defender dados, informações e inteligência.

Parte do problema é que os adversários não têm uma ou mesmo várias estratégias de ataque à sua disposição: eles podem roubar, destruir, negar acesso ou até mesmo alterar informações – como bem como os sistemas que armazenam, processam e exibem para seus proprietários ostensivos.

A informação digitalizada é um produto humano que reside em dispositivos mecânicos construído por engenheiros e programadores, e assim os tomadores de decisão naturalmente se voltam para o comunidade técnica para respostas a esses desafios.

As propostas técnicas levam muitas formas. Vários aparecem com frequência nos círculos de formulação de políticas: poderíamos descartar o Internet inteiramente e substituí-la por uma alternativa “mais segura”;

1 nós podemos construir software que “não pode ser hackeado”, possivelmente por meio de tecnologias de “salto à frente” que tornam defesa mais fácil do que ofensa (o que hoje manifestamente não é o caso);

2 ou podemos terceirizar nossa segurança para fornecedores terceirizados;

3 Estas são todas ideias técnicas, mas geralmente não são viáveis por uma variedade de razões. Mais fundamentalmente, é perigoso confiar apenas na tecnologia para mitigar os principais problemas de segurança.

As limitações das abordagens baseadas em tecnologia

A tecnologia desempenha um papel importante na defesa dos dados. Cuidadosamente projetando redes, software de alta qualidade e startups ágeis podem frustrar oportunidades intrusos em busca de presas fáceis.

Infelizmente, invasores profissionais e com bons recursos às vezes têm missões de longa data para comprometer alvos específicos de alto valor, seja para roubo de informações ou manipulação de dados. Eles não vão desistir até que os requisitos da missão mudam ou até que tenham sucesso em sua missão.

Defensores digitais podem ter apenas um vislumbre do intruso, e muitas vezes isso acontece muito tarde no jogo. Considerando que a perspectiva da vítima é geralmente estreita e incompleta, os atacantes profissionais são persistentes e sabem exatamente o que são alvejados.

Essa relação entre segurança e o tempo é fundamental para a proteção digital

Recursos. Uma análise de intervalos de tempo é fundamental para entender a interação entre atacantes e defensores, mas em geral a comunidade de segurança não compreendam ou apreciem suficientemente a natureza e as consequências desta relação. Uma visão de mundo centrada na tecnologia é obcecada por uma troca estática e única entre atacante e defensor.

Esta não é uma descrição precisa do mundo real, que é povoada, não com códigos irracionais, mas com seres humanos racionais e irracionais. seres que são adversários inteligentes e adaptáveis e que observam seus alvos, alocam recursos e tomam decisões dinâmicas para cumprir seus objetivos. metas.

Os defensores digitais ignoram esses fatos por sua conta e risco. A natureza interativa e dependente do tempo do ataque e defesa da rede leva à promoção de abordagens de segurança. A ênfase na “higiene cibernética” é ilustrativa.

Derrotar intrusos, este método promove o conhecimento de sua rede, removendo sistemas, corrigindo vulnerabilidades e melhorando as configurações. Todos estes são certamente medidas defensivas necessárias e louváveis.

No entanto, eles são insuficientes quando confrontados com um invasor que tem tempo e recursos para se adaptar e superar as defesas do alvo. “Lavar as mãos cibernéticas” é útil para minimizar a propagação de vírus irracionais, mas é menos eficaz quando esses vírus são tão inteligentes como, ou com mais recursos e motivação do que a lavadora de mãos.

Pensamento Estratégico em Defesa Cibernética

Para enfrentar melhor o desafio dinâmico da interação contínua entre adversários adaptáveis e inteligentes, este capítulo defende a aplicação de conceitos militares estratégicos ao conflito no ciberespaço. O conflito armado tem sido caracterizado como uma luta entre adversários persistentes ao longo do tempo.

No entanto, o advento da massa exércitos, armas modernas e guerra de estado-nação no final do século 18 e início do século 19 séculos levaram este conceito a um nível superior. Durante o século 20, os estrategistas militares, portanto, tiveram que pensar além da dicotomia tradicional de estratégia versus estratégia táticas. Com o tempo, eles codificaram vários “níveis de guerra”.

A partir da década de 1980, a doutrina do Exército dos EUA descreveu três níveis de guerra: estratégico, operacional e tático.

Estes construídos em escritos anteriores e lições aprendidas, das batalhas napoleônicas ao planejamento militar soviético.

Objetivos e políticas nacionais – situados acima do nível estratégico da guerra – foram incorporados à doutrina, embora isso pode ser confuso, uma vez que a palavra

“estratégico” aparecia frequentemente tanto no modelo nome e um de seus elementos primários.

O Governo ucraniano encontra-se atualmente em desvantagem tática face à Rússia, tanto no campo de batalha tradicional quanto no ciberespaço. No entanto, a cibernética segurança, especialmente em nível nacional, é um jogo estratégico, e Kiev pode fazer investimentos que serão recompensados a longo prazo.

Referências

- Thom Shanker. 'Cyberwar Chief Calls for Secure Computer Network', New York Times, 23 de setembro de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/09/24/us/24cyber.html>; John Markoff. "Precisamos de uma nova Internet?" New York Times, 14 de fevereiro de 2009, <http://www.nytimes.com/2009/02/15/weekinreview/15markoff.html>.
- Jim Garamone. 'O diretor da DARPA discute os desafios de segurança cibernética', DoD News, 1º de outubro de 2014, <http://www.defense.gov/news/newsarticle.aspx?id=123307>.
- Jonathan Trull. "A prática leva à perfeição: tornando a higiene cibernética parte do seu programa de segurança", CSO Magazine, 3 de março de 2014, <http://www.csoonline.com/article/2891689/security0/practice-makes-perfect-making-cyber-higiene-part-of-your-securityprogram.html>.
- Departamento do Exército dos Estados Unidos, Manual de Campo 100-5: Operações (Washington, DC: Exército dos EUA 1982), <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/compoundobject/collection/p4013coll19/id/48/rec/10>.
- Jason Healey. 'How Emperor Alexander Militarized American Cyberspace', Foreign Policy, 6 de novembro de 2013, <http://foreignpolicy.com/2013/11/06/how-emperor-alexander-militarized-american-cyberspace/>.

- Ministério das Relações Exteriores e Desenvolvimento Internacional da França, 'France and cyber security', <http://www.diplomatie.gouv.fr/en/french-foreign-policy/defence-security/cyber-security/>.
- Craig Shumard. 'CISOs enfrentam grandes desafios ao adquirir tecnologias de segurança', Tenable Network Security, 5 de março 2015, <http://www.tenable.com/blog/cisos-face-tough-challenges-when-procuring-security-technologies>.
- Danny Yadron. 'Symantec desenvolve novo ataque contra hackers cibernéticos', Wall Street Journal, 4 de maio de 2014, <http://www.wsj.com/artigos/SB10001424052702303417104579542140235850578>.
- Looking Glass Security, Operation Armageddon: Cyber Espionage as a Strategic Component of Russian Modern Warfare (Bumpas, VA: Looking Glass Security Corporation 2015) https://lgscout.com/wp-content/uploads/2015/04/Operation_Armageddon_FINAL.
- 'Berkut' é ucraniano para 'força policial especial', embora o CyberBerkut seja um grupo pró-russo.
- 'Ukrainian CyberBerkut derruba sites da OTAN', RT, 16 de março de 2014, <http://www.rt.com/news/nato-websites-ddosukraine-146/>.
- Vitaly Shevchenko. 'Conflito na Ucrânia: Hackers tomam partido na guerra virtual', BBC News, 20 de dezembro de 2014, <http://www.bbc.com/news/world-europe-30453069>.
- Jack Smith IV, 'Hackers pró-russos expõem atividade de empreiteiros militares dos EUA na Ucrânia', Observer, 2 de março de 2015, <http://observer.com/2015/03/pro-russian-hackers-expose-u-s-military-contractor-activity-in-ukraine/>.
- Richard Bejtlich. 'What APT Is', Information Security Magazine, julho de 2010, http://www.academia.edu/6842130/What_APT_Is.
- Richard Bejtlich. 'Five Reasons Attribution Matters', TaoSecurity Blog, 30 de dezembro de 2014, <http://taosecurity.blogspot.com/2014/12/five-reasons-attribution-matters.html>.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos .

O papel da Guerra cibernética na Ucrânia

Métrica para ataque cibernético na Ucrânia

O conflito na Ucrânia desafiou elementos fundamentais da aliança ocidental estratégica. Os esforços russos exploram uma relutância geral do Ocidente – natural nas democracias – em arriscar a guerra. O Ocidente foi incapaz de dissuadir a Rússia de sua aventura.

A guerra cibernética desempenhou apenas um papel limitado nisso. Os conceitos de estratégia e o efeito militar nos fornece duas métricas para avaliar o efeito dos ataques cibernéticos em geral e para as atividades cibernéticas russas na Ucrânia. O efeito estratégico seria diminuir a vontade ou capacidade de resistência do oponente.

Isso pode incluir ataques cibernéticos politicamente coercitivos, ações como as usadas contra a Estônia. O efeito militar seria a degradação no desempenho de comandantes, tropas e armas, demonstrado por ações dos EUA em seus conflitos no Oriente Médio ou como parte do ataque aéreo israelense de 2007 na Síria.

Os ataques cibernéticos que produzem efeito estratégico ou militar podem incluir a manipulação de software, dados, conhecimento e opinião para degradar o desempenho e produzir efeito político ou psicológico. Introduzindo incerteza nas mentes dos oponentes comandantes ou líderes políticos é um objetivo militar digno.

Manipulando o público opinião para prejudicar a legitimidade e a autoridade de um oponente tanto em âmbito doméstico quanto em audiências internacionais também é valioso. Algumas ações podem fornecer apenas símbolos efeito destinado a um público doméstico, mas isso também é valioso para uma nação em conflito.

Para avaliar o efeito não cinético como contribuinte para vantagem estratégica ou militar, devemos procurar efeitos observáveis em três categorias: criando confusão, moldar opinião e infligir danos a dados ou serviços.

Usando essas métricas, podemos concluir que os esforços cibernéticos russos na Ucrânia produziram uma estratégia efeito que desde então diminuiu e, uma vez que estão limitados a ações que não produzem consequências físicas ou perturbadoras, falharam em grande parte em alcançar o efeito estratégico ou militar.

Referência :

David Makovsky. 'O Ataque Silencioso: Como Israel bombardeou uma instalação nuclear síria e a manteve em segredo', *The New Yorker*, 17

Setembro de 2012, <http://www.newyorker.com/magazine/2012/09/17/the-silent-strike>.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

O papel da Guerra cibernética na Ucrânia

Efeito Estratégico e Militar

O conflito na Ucrânia foi descrito como uma guerra híbrida; uma mistura de táticas e estratégias não convencionais, forças irregulares, ação secreta, operações cibernéticas e manipulação política para atingir objetivos estratégicos.

Em essência, a guerra híbrida é uma coleção de táticas projetadas para contornar a dissuasão e evitar a retaliação militar, contornando o limiar do que poderia ser considerado uso estatal da força armada.

Dentro deste novo estilo de conflito, ações não cinéticas podem ser tão importantes quanto ataques cinéticos.

A guerra híbrida destaca o problema central para nossa compreensão e gestão do conflito interestatal; guerra convencional é agora apenas parte de uma gama maior de ações coercitivas disponíveis para as nações.

As operações cibernéticas – a capacidade de manipular remotamente redes de computadores – têm criado uma capacidade que é bem adequada a este novo ambiente político-militar.

As capacidades cibernéticas criam um espaço operacional no qual as nações podem realizar ações ofensivas com menos poder político. risco, dada a área cinzenta no mercado internacional lei que habita a guerra cibernética, e onde os adversários podem achar difícil responder.

Ação cibernética avançada pode criar efeitos físicos equivalentes a ataque cinético, mas não devemos interpretar as capacidades cibernéticas apenas da perspectiva de efeito físico.

Embora os ataques cibernéticos possam produzir efeitos semelhantes aos das armas cinéticas, há um aspecto informacional envolvendo a manipulação de opinião e tomada de decisão que é igualmente importante e muito mais frequentemente usado.

O ataque cibernético pode produzir resultados equivalentes ao ataque cinético, mas esse não é seu efeito primário, que (pelo menos por enquanto) é manipular dados, conhecimento e opinião para produzir efeito político ou psicológico ao invés de dano físico.

Apresentando a incerteza na mente de comandantes ou líderes políticos adversários é um objetivo militar que vale a pena, pois fará com que cometam erros ou se tornem hesitantes, proporcionando o atacante com domínio do espaço de batalha e a vantagem de colocar o defensor em uma postura reativa.

Ações cibernéticas que manipulam a opinião pública para as capacidades cibernéticas criam um espaço operacional onde nações podem conduzir ofensivas ações com menor risco político.

Afetam a legitimidade e a autoridade de um oponente também são valiosas no conflito entre estados.

O ataque cibernético cria um espaço operacional para ação coercitiva que evita muitos dos riscos políticos da guerra cinética.

Os ataques cibernéticos são atraentes porque oferecem graus variados de dissimulação e seu tratamento sob o direito internacional permanece ambíguos em relação a se eles se qualificam como um “ataque armado” que legitimaria a retaliação.

Embora ferramentas e técnicas cibernéticas possam ser usadas de maneira prejudicial, não são armas em si, o que pode dificultar a decisão de quando um ataque cibernético incidente pode ser considerado um ataque armado ou um uso da força.

Um esforço inicial para definir como um incidente cibernético pode se qualificar como uso de força ou ataque armado seria considerar que um efeito da ação cibernética foi a equivalente a um ataque usando armas convencionais produzindo destruição física ou baixas.

Um incidente cibernético que produziu ferimentos ou morte de pessoas e a destruição ou dano à propriedade certamente seria considerado como uso da força ou ataque armado.

Um ataque cibernético que produziu efeitos intangíveis de tal alcance, intensidade e duração que se julgue ter consequências ou efeitos nocivos de escala e gravidade suficientes também podem ser considerados um ataque armado.

Nenhuma ação russa na Ucrânia chega a esse nível. Em geral, o uso de ataques às capacidades cibernéticas para efeito cinético tem sido mínima, com apenas alguns incidentes conhecidos.

A Rússia é uma das mais habilidosas entre as nações que desenvolveram capacidades cibernéticas, mas não vimos o uso extensivo de ataques reais contra a Ucrânia. Nem a infraestrutura crítica nem as armas ucranianas foram danificadas ou interrompidas.

A Rússia usou suas capacidades cibernéticas principalmente para coerção política, formação de opinião e coleta de inteligência, e essas operações cibernéticas ficam abaixo o limite estabelecido no artigo V do Tratado do Atlântico Norte.

Operações na Estônia, na Geórgia e agora na Ucrânia sugerem que a OTAN pode precisar ajustar seu pensamento sobre como os oponentes usarão ataques cibernéticos.

A Rússia tem sido relativamente cuidadosa no uso aberto de suas próprias forças – especialmente em comparação com suas ações contra a Geórgia, onde o Ministério da Defesa da Rússia confirmou que as unidades blindadas russas estavam envolvidas em combate para “aplicação da paz”. O exército russo ocupou território georgiano e aviões russos bombardearam posições, incluindo a capital.

As ações russas na Ucrânia tomaram um rumo diferente.

A cautela atual pode refletir as lições aprendidas na Geórgia ou o desejo de preservar algum grau de negação e manobras para evitar uma violação aberta do direito internacional.

O ataque cibernético não requer “um ato de violência para obrigar nosso oponente a cumprir a nossa vontade”.

A violência por meios cibernéticos é possível, mas essa não é a única ou mesmo uso primário de ataque cibernético. Seus efeitos são mais frequentemente intangíveis e informativos, e destinam-se a manipular dados, criar incerteza e moldar opinião.

Uma ênfase no efeito cinético pode obscurecer importantes distinções operacionais no uso de técnicas cibernéticas e complicar os esforços para desenvolver normas para o conflito cibernético.

Referências:

1 Biblioteca do Congresso, Federação Russa: Aspectos Legais da Guerra na Geórgia, <http://www.loc.gov/law/help/russian-georgia-war.php>.

2 A definição de guerra de Clausewitz

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

O papel da Guerra cibernética na Ucrânia Normas e Aplicação do Direito Internacional

As atividades da Rússia na Ucrânia têm implicações tanto para a guerra cibernética quanto para as normas da guerra cibernética.

As ações russas criaram novos contornos para o conflito que não correspondem perfeitamente aos conceitos e regras existentes para guerra e defesa. Normas existentes e leis para ataques armados eram baseadas no uso ou ameaça de uso de violência física e força.

Estes devem ser ajustados, se não alterados, para conflitos cibernéticos.

Esforços para redefinir violência e força para incluir toda a gama de possíveis ações cibernéticas (como esforços russos e chineses nas Nações Unidas (ONU) definir a

informação como uma arma) até agora introduziram mais ambiguidade do que clareza. Informação claramente não é uma arma, mas uma definição minimalista que enfatiza o efeito cinético também é inadequado para capturar toda a gama de efeitos cibernéticos.

Como tal, as “regras” para o conflito cibernético representam um desafio para as organizações internacionais existentes na lei. Atualmente, não há acordo entre as nações líderes, e é interessante notar que com o Grupo de 2015 Peritos Governamentais (GGE), que foi encarregado de examinar a aplicação do direito internacional ao conflito cibernético.

Discordâncias sobre a aplicação da lei entre a Rússia, a China e alguns outros, por um lado, e as nações da OTAN, por outro lado, quase inviabilizou as negociações.

O cerne do desacordo foi sobre a aplicação de disposições específicas da Carta da ONU, (a aplicabilidade geral da Carta foi acordada em GGEs anteriores), e em particular a aplicabilidade do Artigo 2/4 (renúncia o uso da força) e o artigo 51 (direito inerente à legítima defesa). Uma questão para o desenvolvimento de novas normas para conflitos cibernéticos é se é possível ir além das normas incorporadas na Carta da ONU e na acordos internacionais que regem a condução da guerra e dos conflitos armados, abordar este novo aspecto da guerra e criar normas que governam a ação não cinética.

Um caminho possível para o progresso seria expandir a Carta compromisso de evitar ações que ameacem a integridade territorial ou política independência de um estado (encontrado nos Artigos 2/4 e 51) para incluir explicitamente ações.

A ambiguidade contínua sobre a aplicação desses artigos da Carta da ONU serve os interesses da Rússia e da China ao não criar fundamentos ou legitimar retaliação por ações cibernéticas.

Isso inclui uma rejeição geral dos esforços ocidentais para definir 'uso da força' e 'ataque armado' usando os conceitos de equivalência e efeito.

Essas ambiguidades, no entanto, não são exclusivas do conflito cibernético, data da assinatura da Carta, e refletem desejos conflitantes de renunciar ao uso da força, preservando o direito de usar a força em legítima defesa.

O objetivo russo e chinês, semelhante a outras ações nas negociações de controle de armas por esses países, é constranger os EUA e seus aliados.

A ambiguidade intencional pode definir o conflito estratégico emergente entre a Rússia e o Ocidente para um futuro previsível.

As táticas cibernéticas russas se acentuam e se expandem com ambiguidade. O conceito russo de guerra cibernética mistura elementos do que é considerada guerra de informação no Ocidente.

É sabido que os russos preferem usar a expressão “conflito de informação” em vez de “conflito cibernético”, alegando que cyber é muito estreito e técnico. Sem surpresa, essa preferência reflete seu uso e compreensão das técnicas cibernéticas.

As normas perante a Assembleia Geral da ONU para aprovação em sua 70ª sessão serão reiterar o estado de direito internacional e a Carta das Nações Unidas, embora como estes sejam a ser aplicado é uma questão de intensa disputa.

Eles pedem aos Estados que não ataquem infraestrutura em tempo de paz, e tomar nota dos princípios de humanidade, necessidade, proporcionalidade e distinção quando exercem seus direitos inerentes reconhecidos pela Carta da ONU, incluindo o direito de autodefesa.

Eles não atendem o uso de ferramentas cibernéticas para coação política, e é interessante e indicativo notar que a Rússia, que fez o uso mais frequente da coerção cibernética, é o principal proponente de tais normas.

A prática estatal sugere que existe um limite implícito entre os estados para evitar ações cibernéticas umas contra as outras que podem ser interpretadas como o uso da força ou um ataque armado.

Isso cria normas implícitas para o comportamento do Estado derivadas de práticas internacionais que restringem ações cibernéticas maliciosas, mas essas as normas são inadequadas para esta nova forma de conflito.

O tipo de conflito cibernético que vimos na Ucrânia representa um desafio não só para a estratégia ocidental existente (que se baseia no direito internacional e nos compromissos da Carta das Nações Unidas), mas também para o desenvolvimento de normas. Se a tendência na guerra é contornar o confronto direto entre as forças convencionais (particularmente as forças convencionais dos EUA e seus aliados), e se o conflito cibernético geralmente não envolve efeito cinético ou intrusões territoriais, as normas e regras existentes para conflitos terão inscrição.

Podemos classificar as normas cibernéticas em quatro categorias:

- Aqueles que exigem a observação do direito internacional existente sobre responsabilidade do Estado, especialmente as leis de conflitos armados;
- Aqueles que procuram isentar de infra-estruturas de ataque cibernético onde um ataque pode ter um efeito indiscriminado, como infraestruturas críticas, incluindo a infraestrutura da internet global;
- Normas sobre responsabilidades do estado para ajudar outros estados que são vítimas de ataques cibernéticos; e
- Normas sobre a proliferação de tecnologias cibernéticas que podem ser usadas para fins malévolos (que ainda é incipiente e sofre de problemas de definição).

Nenhuma dessas normas pode ser facilmente estendida aos novos modos de coerção criados pelas capacidades cibernéticas.

A restrição que mais se aproxima é o compromisso do Artigo 2/4 abster-se do uso da força contra a independência política de outro Estado, mas ações cibernéticas como as que vimos na Ucrânia não podem ser consideradas um uso da força.

Ações cibernéticas que não têm efeito físico e que são tomadas fora do contexto de conflito formal não se encaixam bem com a estrutura existente da prática internacional.

As nações parecem observar um limite implícito para o uso de ferramentas cibernéticas e com muito poucas exceções, evitaram ações que poderiam ser consideradas sob o direito internacional como uso da força ou ataque armado. As tentativas de expandir esses entendimentos implícitos ou para redefinir o uso da força para incluir ações cibernéticas coercitivas ou politicamente manipuladoras imediatamente se deparar com problemas. O problema central é o acesso à informação, porque vários países apoiaram de bom grado uma norma que restringe o acesso à informação.

A Rússia, em particular, é rápida em rotular qualquer crítica ao seu comportamento como desinformação, guerra de informação ou propaganda. comportamento negocial russo, moldado em boa medida pelo precedente soviético, muitas vezes é defensivo, buscando constranger os EUA e seus aliados em áreas onde o Ocidente tem uma vantagem tecnológica, ou para limitar os riscos políticos que a internet cria. Essa orientação defensiva cria uma negociação agenda que entra em conflito com os países ocidentais quando se trata de normas.

Referências:

Grupo de Especialistas Governamentais da ONU em 2010, 2013 e 2015.

SCO, Acordo entre os Governos dos Estados Membros da Organização de Cooperação de Xangai sobre Cooperação no Campo da Segurança da Informação Internacional, 2009, <https://ccdcoe.org/sites/default/files/documents/SCO-090616-IISAgreementRussian.pdf> [em russo].

Juntamente com as normas e medidas de fortalecimento da confiança, consulte o Relatório do Grupo de Peritos Governamentais sobre Desenvolvimentos no Campo de Informação e Telecomunicações no Contexto da Segurança Internacional, A/70/174, 22 de julho de 2015, UNODA, http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/70/174.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

O papel da Guerra cibernética na Ucrânia Comparando a Ucrânia com a Estônia e a Geórgia

Comparar as atividades cibernéticas russas na Ucrânia com a Estônia e a Geórgia é útil na avaliação de seu uso e valor, bem como na consideração de quais novas normas podem parecer.

Os ataques cibernéticos na Estônia, composto por interrupções de serviço e negação de incidentes de serviço, poderia ser melhor comparado ao equivalente online de um protesto barulhento em frente a prédios governamentais e bancos.

Eles tiveram pouco efeito tangível, mas criaram incerteza e medo entre os líderes estonianos, pois eram considerados um potencial precursor da intervenção armada russa.

Na Geórgia , os ataques cibernéticos foram estreitamente coordenados com as operações militares russas.

Os efeitos dos ataques cibernéticos na Estônia e na Geórgia merecem mais cuidado e estudo. Os ataques não paralisaram nem deixaram a Estônia de joelhos, e a decisão da OTAN de não invocar o Artigo V reflete esse fato.

Eles ficaram assustadores não por causa do efeito cibernético, mas devido às preocupações estonianas sobre as intenções russas, a OTAN confiabilidade e sua minoria interna de língua russa. Da mesma forma, ataques cibernéticos na Geórgia eram em grande parte simbólicos.

O incidente mais visível foi a desfiguração do Site do presidente da Geórgia por hackers russos, que desenharam bigodes em sua fotografia. A parte mais interessante do episódio da Geórgia foi o fechamento operacional da coordenação entre os hackers e os militares russos.

Os russos continuam experimentando ferramentas cibernéticas para apoiar seus objetivos políticos.

Se o objetivo russo na Ucrânia é moldar a opinião pública global, houve alguns sucessos iniciais em pintar os ucranianos como "fascistas" (um insulto comunista favorito) culpados de violações de direitos humanos. Mas ninguém mais acredita nisso, e a maré da opinião pública se voltou fortemente contra a Rússia.

Uma pesquisa recente da Pew Research na opinião global capta a mudança e é intitulado "Rússia, Putin, mantido em baixa estima ao redor do mundo".

Nisso, o atual regime russo não se saiu tão bem quanto seus antecessores comunistas, que poderiam pelo menos encobrir suas ações na retórica do marxismo. O atual esforço da Rússia para contratar centenas de internautas trolls para inserir opiniões pró-Rússia na imprensa ocidental provou ser irresponsável.

Talvez o benefício seja doméstico, persuadindo a população russa da justiça do curso de ação da Rússia, mas como ferramenta de coerção, a ausência de interrupção informacional (como no caso da Sony ou da Aramco) ou efeitos físicos (como no caso da Aramco Stuxnet) torna as operações cibernéticas russas irritantes, mas inconsequentes as táticas russas mais bem-sucedidas foram criar ou apoiar grupos separatistas em áreas com importantes minorias de língua russa e depois usando forças especiais russas e, em última análise, convencionais para endurecer e proteger esses grupos da resposta ucraniana.

O ataque cibernético foi amplamente irrelevante, tanto os analistas ocidentais quanto os russos podem ter tirado as lições erradas na Estônia e Geórgia.

Os Estados (especialmente os Estados com afeição por Lênin) usarão ataques cibernéticos para fins politicamente coercitivos e podem usá-los para fins militares propícios, para interromper dados ou serviços. Mas os incidentes na Ucrânia não perturbaram comandar e controlar, negar acesso a informações ou ter qualquer efeito.

Isso significa que a OTAN (e os russos) podem superestimar o efeito coercitivo da ataques cibernéticos e que seu real valor militar é alcançado quando há efeito ou interrupção de dados e serviços críticos, algo que a maioria dos ataques de negação de serviço não pode produzir.

Os ataques cibernéticos são uma arma de apoio e moldados no campo de batalha, mas por si mesmos não produzirão a vitória.

Ataques cibernéticos apoiam outras armas e operações, como no ataque israelense de 2007 contra a defesa síria.

Este ainda é um assunto de intenso debate, mas a experiência sugere que é fácil exagerar o efeito do ataque cibernético. Uma avaliação mais precisa classificaria atividades cibernéticas em três categorias: espionagem, operacional e política.

No entanto, observe que os benefícios do primeiro são claros, enquanto os segundos são questionáveis.

Para fornecer efeito estratégico ou militar, as ações cibernéticas devem produzir efeito e ser integradas nas estruturas militares existentes, doutrina, planejamento e operações.

A Estônia e a Geórgia podem ser contrastadas com dois ataques conhecidos que têm efeito militar. O ataque aéreo israelense contra uma instalação nuclear síria é relatado ter usado meios cibernéticos para interromper radares de defesa aérea síria, permitindo a aeronaves voarem, sem serem detectados em grande parte do país.

Neste caso, não houve nenhum dano físico, mas um serviço vital foi interrompido. Com o Stuxnet, havia danos físicos, embora infligidos secretamente, que poderiam ser duplicados na guerra aberta, observando que um certo grau de cautela é necessário para prever o efeito de ataques cibernéticos em infra-estrutura civil.

Devemos também observar o uso relatado de técnicas cibernéticas pelos EUA para interromper ou confundir o comando e controle do Talibã, muitas vezes com resultados para os insurgentes.

Se a cibernética é a arma da inteligência de sinais, parece que para ter efeito militar real, deve haver dano físico.

Esta é uma consideração do ciberespaço como ferramenta de ação militar e não considera ou métodos tradicionais de guerra eletrônica, que a Rússia tem usado extensivamente na Ucrânia, nem o valor de inteligência da espionagem cibernética russa.

Nós não sabemos o papel que a espionagem cibernética desempenhou nesses esforços, mas se os sucessos russos contra os Estados Unidos são um guia, podemos assumir que a espionagem cibernética fez um efeito positivo na contribuição.

Que a Rússia penetrou completamente nas redes de comunicação ucranianas e tem acesso inigualável às comunicações ucranianas provavelmente fornecerá um valor considerável para as táticas e planejamento russos, mas o ciberespaço como ferramenta de coerção, comprovadamente de utilidade limitada.

Esta certamente não é a guerra cibernética, como é frequentemente retratada na mídia pública, mas isso não significa que o ataque cibernético seja superestimado e que os militares possam enfatizá-lo.

Essa seria uma conclusão precipitada. Significa que os russos, por qualquer motivo, optou por não usar as formas mais prejudiciais de ataque cibernético contra a Ucrânia, Geórgia, ou Estônia.

Se as alegações de que a Rússia foi responsável por ataques cibernéticos prejudiciais em uma siderúrgica alemã, e em um oleoduto turco estão corretas, isso demonstraria que a Rússia tem a capacidade necessária para ataques cibernéticos que criariam danos físicos e se qualificaria como uso da força.

A façanha da Rússia em 2008 na penetração das redes confidenciais do Comando Central foi uma demonstração precoce de sua capacidade de implantar malware nas redes de um oponente que poderia apagar dados e interromper comando e controle, mas os russos optaram por não fazer isso.

Na Ucrânia, a Rússia experimentou a melhor forma de produzir benefícios políticos das operações cibernéticas. Contexto político e relações de aliança têm uma influência poderosa na restrição do uso da força, incluindo ataques cibernéticos.

Suas ações cibernéticas parecem refletir uma decisão de não envolver toda a gama de russos capacidades cibernéticas. Outros oponentes em potencial, incluindo a OTAN, não devem assumir que em caso de conflito, os russos tomarão a mesma decisão.

Referências

1. **Eneken Tikk, Kadri Kaska e Liis Vihul.** Incidentes Cibernéticos Internacionais: Considerações Legais (Tallinn, Estônia: Defesa Cibernética Cooperativa de Excelência da OTAN, 2010).
2. Bruce Stokes. 'Rússia, Putin, mantido em baixa estima ao redor do mundo', Pew Research Center, 5 de agosto de 2015, <http://www.pewglobal.org/2015/08/05/russia-putin-held-in-low-regard-ao-redor-do-mundo/>.
3. Dmitry Volchek e Daisy Sindelar, 'One Professional Russian Troll Tells All', RadioFreeEurope/RadioLiberty, 25 de março de 2015, sec. Rússia, <http://www.rferl.org/content/how-to-guide-russian-trolling-trolls/26919999.html>.
4. Katie Simmons, Bruce Stokes e Jacob Poushter. 'Públicos da OTAN culpam a Rússia pela crise ucraniana, mas relutantes em fornecer ajuda militar', Pew Research Center, 15 de julho de 2015, <http://www.pewglobal.org/2015/06/10/2-russian-public-opinion-putinpraised-pano-oeste/>
5. David Makovsky. 'O Ataque Silencioso: Como Israel bombardeou uma instalação nuclear síria e a manteve em segredo', The New Yorker, 17 Setembro de 2012, <http://www.newyorker.com/magazine/2012/09/17/the-silent-strike>.
6. Kim Zetter. 'Um olhar sem precedentes sobre o Stuxnet, a primeira arma digital do mundo', Wired, 3 de novembro de 2014, <http://www.wired.com/2014/11/countdown-to-zero-day-stuxnet/>.
7. Joe Gould. 'Electronic Warfare: What US Army Can Learn From Ukraine', Defense News, 4 de agosto de 2015, <http://www.defensenews.com/story/defense/policy-budget/warfare/2015/08/02/us-army-ucrania-russia-guerra-eletronica/30913397/>.
8. Ataque de hack causa 'danos maciços' em siderúrgicas", BBC, 22 de dezembro de 2014, <http://www.bbc.com/news/technology-30575104>.
9. Ariel Bogle. 'Um ataque cibernético pode ter causado um oleoduto turco pegar fogo em 2008', Slate, 11 de dezembro de 2014, http://www.slate.com/blogs/future_tense/2014/12/11/bloomberg_reports_a_cyber_attack_may_have_made_a_turkish_oil_pipeline_catch.html.
10. Phil Stewart e Jim Wolf. 'O velho verme não morrerá após o ataque de 2008 aos militares', Reuters, 16 de junho de 2011, <http://www.reuters.com/article/2011/06/17/us-usa-cybersecurity-worm-idUSTRE75F5TB20110617>.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Narrativas de devastação e miséria em Mariupol

Pessoas olham para um prédio de apartamentos em chamas em um quintal após bombardeio em Mariupol, na Ucrânia, em 13 de março.

Nas mais de duas semanas em que foi isolada do mundo exterior, Mariupol, a cidade portuária do sul da Ucrânia, tornou-se sinônimo do horror da invasão russa.

É um local de necrotérios transbordantes, valas comuns recém-cavadas e corpos em alguns casos enterrados sob escombros ou deixados nas ruas onde caíram.

Centenas de pessoas fugiram de Mariupol pelo segundo dia consecutivo através de um corredor humanitário na terça-feira, mas autoridades ucranianas disseram que aqueles que escaparam eram uma pequena fração dos 200.000 presos na cidade e precisam de assistência urgente. As forças russas continuaram a impedir a entrada de um comboio de ajuda muito necessário, disseram autoridades ucranianas.

À medida que as condições na cidade se tornaram mais terríveis e a contagem de mortos aumentou, a notícia da catástrofe humanitária vazou através de telefonemas intermitentes, vídeos tremidos, jornalistas da Associated Press e testemunhos de alguns grupos de ajuda que ainda trabalham na cidade.

“As pessoas em Mariupol enfrentaram um pesadelo de vida ou morte que durou semanas”, disse Peter Maurer, presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, cuja equipe ficou presa na cidade. Autoridades do CICV alertaram que o tempo está se esgotando para os civis que permanecem no local.

Algumas das imagens mais angustiantes da cidade foram capturadas por cidadãos comuns com celulares.

“No centro da cidade, é um verdadeiro moedor de carne: esta terra está encharcada de sangue, amargura e desespero”, disse um cidadão de Mariupol em um vídeo publicado online no domingo.

O vídeo mostrou ruas vazias, quarteirões de janelas quebradas e lojas despojadas de comida por cidadãos famintos. Demorou-se em homens cozinhando seu jantar em uma fogueira em uma cidade que resistiu a temperaturas abaixo de zero e quase duas semanas sem calor ou água.

“O mundo não sabe o que está acontecendo aqui”, disse o narrador enquanto passava por prédios destruídos. “É terrível.”

Dentro de Mariupol após o cerco russo: Um homem caminha por Mariupol, na Ucrânia, em 13 de março, descrevendo como os moradores lutam depois de quase duas semanas sem eletricidade, aquecimento, água e conectividade. (Twitter)

Uma grande preocupação entre os analistas militares é que Mariupol possa fornecer um vislumbre do que está por vir em outras cidades ucranianas, como Kiev, à medida que a guerra avança.

"Estamos tentando entender a destruição, mas a verdade é que ela é parte integrante de como os russos lutam", disse Rita Konaev, especialista em guerra urbana e diretora associada de análise do Centro de Segurança e Tecnologia Emergente da Universidade de Georgetown. “Continuamos ouvindo que a Ucrânia não é como a Síria ou não é como a Chechênia. Em Mariupol, estamos aprendendo que isso não é verdade.”

Ataque à base ucraniana veio de aviões de guerra dentro da Rússia, diz Pentágono, ressaltando os limites de uma zona de exclusão aérea

Mesmo sob as melhores circunstâncias, a guerra urbana é um negócio sangrento que cobra seu preço mais pesado de civis presos no fogo cruzado. A versão russa da guerra urbana provou ser especialmente cruel nas últimas décadas, disse Konaev.

Por causa de seus enormes desafios logísticos e moral aparentemente pobre, as forças russas têm lutado para tomar grandes cidades ucranianas.

As forças russas, no entanto, ainda possuem o poder aéreo e canhões de artilharia para achatá-los. Cada vez mais, os russos parecem estar usando sua enorme vantagem de poder de fogo – especialmente em Mariupol – para despovoar os centros urbanos da Ucrânia e depois tomá-los.

“É mais fácil declarar vitória sobre escombros do que resistência”, disse Konaev, resumindo a abordagem russa.

Danos à infraestrutura civil em Mariupol:

Bombardeado e lojas saqueadas, o Departamento Local do Serviço de Emergência do Estado foi destruído. Hospital Infantil e maternidade bombardeada, Destruição de Pryazovskyi Universidade Técnica Estadual

Em Mariupol, onde as forças russas bombardearam uma maternidade na semana passada, os resultados se mostraram especialmente devastadores, produzindo algumas das imagens mais marcantes da guerra.

Entre eles estava uma foto de funcionários de emergência e voluntários carregando uma mulher gravemente ferida em uma maca de um hospital bombardeado. "Me mate agora!" a mulher teria gritado quando percebeu que estava perdendo seu bebê, de acordo com a Associated Press, que continua a ter jornalistas na cidade.

Dias depois, o cirurgião que lutou para salvá-la disse à televisão ucraniana de Mariupol que ela e seu filho ainda não nascido haviam morrido após tentativas desesperadas de ressuscitá-los. As duas vidas foram adicionadas a um número de mortos que vem crescendo a um ritmo alarmante, segundo autoridades ucranianas.

O conselho da cidade informou que 1.582 civis morreram nos primeiros 12 dias de combate em Mariupol. Nos últimos quatro dias, mais 1.000 civis foram mortos, elevando o número de mortos para mais de 2.500, disse Oleksiy Arestovych, assessor do presidente ucraniano, à Reuters. As agências de notícias, que têm acesso limitado a Mariupol, não conseguiram confirmar os totais.

Vários ataques atingiram a área ao redor da maternidade, destruindo blocos de apartamentos, prédios do governo e partes de uma universidade técnica. Em muitos bairros, bombas errantes deixaram para trás crateras que pareciam ter pelo menos 6 metros de profundidade.

Para sobreviver, os moradores de Mariupol recorreram ao corte de árvores para lenha, derretimento da neve e arrombamento de sistemas de aquecimento em busca de água potável, segundo grupos de ajuda com funcionários da cidade. A maioria dos supermercados foi despojada de qualquer alimento restante.

“O som da guerra é constante. Edifícios são atingidos e estilhaços voam por toda parte”, disse Sasha Volkov, líder do CICV em Mariupol, em comunicado. “Esta é a situação que todas as pessoas na cidade enfrentam.”

Em uma rara ligação da cidade, onde os celulares funcionam de forma intermitente, na melhor das hipóteses, um funcionário de Mariupol fez uma nota semelhante em uma breve entrevista à NPR: “É absolutamente aterrorizante. Está absolutamente destruído agora”, disse ele. “É mais como uma ruína de um filme histórico sobre a Segunda Guerra Mundial.”

Um fotógrafo da Associated Press capturou uma imagem de um tanque russo atirando em um prédio de apartamentos que explodiu em chamas laranja.

Uma grande questão remanescente é por que os russos optaram por concentrar tanta artilharia e miséria em Mariupol, que fica a 35 milhas da fronteira russa e há anos depende de relações próximas e tráfego pesado de seu vizinho.

“Ninguém em sã consciência acha que esta guerra pode ser resolvida com uma vitória completa de um lado ou de outro”, disse Olga Oliker, diretora de programa do International Crisis Group, em uma discussão recente publicada online. “Eles estão lutando pela mesa de negociações.”

“Mariupol é a exceção até agora”, disse Rob Lee, ex-oficial de infantaria da Marinha e estudioso de defesa da Rússia no Instituto de Pesquisa de Política Externa. Lee especulou que a presença do batalhão Azov, um grupo armado ucraniano que desenvolveu uma reputação de destemor em batalha e de perturbar os laços de extrema-direita, poderia estar impulsionando a campanha russa para retomar a cidade.

O presidente russo, Vladimir Putin, afirmou sem fundamento que invadiu a Ucrânia para “desnazificar” o país, que é liderado por um presidente judeu. Matar ou capturar os membros do batalhão Azov pode ser uma importante vitória de relações públicas para Putin, que deve justificar a perda de soldados russos em uma guerra que parece cada vez mais invencível, disse Lee.

Para esse fim, Mariupol é um dos poucos lugares até agora onde as forças russas invadiram uma cidade e se envolveram em combate urbano direto com os militares ucranianos.

Vídeo filmado em 10 de março na cidade de Mariupol mostra uma enorme cratera no centro da cidade. (Telegrama)

Apesar da carnificina e do sofrimento em Mariupol, analistas militares alertaram que a situação ainda pode piorar. Na Chechênia, as forças russas dispararam até 30.000 tiros de artilharia em Grozny em um único dia, disse John Spencer, major aposentado do Exército e presidente de Estudos de Guerra Urbana do Madison Policy Forum. Na Síria, grandes áreas de Aleppo ficaram inabitáveis.

Até agora, as forças russas não choeram nem perto de tanto poder de fogo em uma cidade ucraniana.

“Tendo observado como os russos lutam nas guerras ao longo dos anos, isso não chega nem perto de tudo o que eles podem fazer”, disse Olikier, do *International Crisis Group*. “Eles podem fazer muito mais se realmente soltarem e atacarem áreas civis.”

Os corpos são colocados em uma vala comum nos arredores de Mariupol em 9 de março, já que as pessoas não podem ter funerais tradicionais por causa do pesado bombardeio das forças russas.

Fontes: Agência Espacial Européia (imagem de satélite, tirada em 14 de março); The Washington Post e The Center for Information Resilience

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

A Rússia invadiu a Ucrânia:

Após meses de alertas dos EUA e aliados, o presidente russo, Vladimir Putin, finalmente puxou o gatilho de uma operação militar na Ucrânia.

Muitos deles estavam grudados em seus telefones ou reunidos em torno de telas de TV próximas, assistindo enquanto a invasão se desenrolava.

Foi só às 7 da manhã que as sirenes de ataque aéreo começaram a soar sobre a capital.

Foi aí que a realidade realmente bateu em casa: a ameaça estava apenas começando.

Algumas pessoas buscaram refúgio nos abrigos antiaéreos de seus prédios, enquanto outras usaram as estações de metrô enterradas nas profundezas das ruas da cidade.

O pânico ainda não havia se instalado, mas a ansiedade era evidente enquanto os moradores pensavam se a melhor janela para sair da cidade já havia fechado.

Com vários alvos em Kiev, incluindo o Ministério da Defesa, enfrentando um ataque aéreo, ninguém sabia o que viria a seguir.

Ucranianos desesperados entraram em carros e estações de trem enquanto fugiam de suas cidades.

Luta desesperada por combustível, dinheiro

Logo, chegou a notícia de que as tropas russas - que estavam em "exercícios" prolongados na Bielorrússia - haviam cruzado a fronteira e estavam avançando para o sul.

Quanto tempo levariam para chegar à capital? Ninguém poderia dizer.

Tráfego intenso é visto em uma estrada saindo da capital ucraniana, Kiev, no início da operação militar russa, na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022.

Com o espaço aéreo fechado e os trens cancelados ou lotados, a melhor saída da cidade era por estrada.

No entanto, com as forças russas avançando do sul, norte e leste, isso deixou apenas as rotas ocidentais em segurança, e as estradas estavam lotadas.

Quando as sirenes soaram em Kiev, era quase tarde demais para sair

Para piorar as coisas, havia longas filas de combustível. Para aqueles que chegaram à frente da fila, foi imposto um limite de 20 litros.

O dinheiro também estava em falta. Após uma série de ataques cibernéticos, as pessoas tentaram retirar o máximo possível de moeda forte.

Enquanto milhares decidiram tentar a sorte no trânsito e seguir em direção à Polônia, outros decidiram ir para os abrigos e esperar.

Um futuro incerto aguarda

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Movimentos de tropas

Em 10 de novembro de 2021, os Estados Unidos relatam movimentos incomuns de tropas russas perto da fronteira ucraniana.

Em 28 de novembro, a Ucrânia disse que a Rússia está reunindo quase 92.000 soldados para uma ofensiva no final de janeiro ou início de fevereiro.

No entanto, Moscou nega e acusou Kiev de uma escalada militar própria.

A Rússia também exigiu "garantias legais" de que a Ucrânia nunca ingressará na Otan.

Moscou exige

Em 7 de dezembro, o presidente dos EUA, Joe Biden, ameaçou o colega russo Putin com "fortes medidas econômicas e outras" se ele invadir a Ucrânia.

Dez dias depois, Moscou apresentou propostas para limitar a influência dos EUA e da OTAN nos ex-estados soviéticos.

Acumulação na Bielorrússia

Em 17 de janeiro, tropas russas começaram a chegar à ex-Bielorrússia soviética para exercícios militares. Naquela época, disse que os exercícios visavam "frustrar a agressão externa".

Dois dias depois, Washington anunciou mais US\$ 200 milhões em ajuda de segurança para Kiev.

OTAN de prontidão

Em 24 de janeiro, a OTAN colocou tropas em prontidão e enviou navios e caças para reforçar as defesas orientais da Europa. No dia seguinte, Moscou iniciou exercícios militares envolvendo cerca de 6.000 soldados e pelo menos 60 caças no sul da Rússia, perto da Ucrânia e na Crimeia, anexada a Moscou.

Em 26 de janeiro, Washington se recusou a fechar a porta da OTAN à Ucrânia e a aliança disse que muitas das exigências de segurança de Moscou são "irrealistas".

China adverte EUA

Os Estados Unidos disseram acreditar que Putin "vai usar força militar entre agora e meados de fevereiro". No dia seguinte, a China alertou que as preocupações de segurança da Rússia deveriam ser "levadas a sério".

Em 28 de janeiro, Putin disse que o Ocidente ignorou "as preocupações fundamentais da Rússia" sobre a expansão da Otan e tem "sistemas de armas de ataque perto das fronteiras da Rússia".

Manobras na Bielorrússia

Em 2 de fevereiro, os Estados Unidos enviaram 3.000 soldados para fortalecer as forças da OTAN na Europa Oriental. Rússia e Bielorrússia iniciaram 10 dias de manobras militares em 10 de fevereiro.

Retirada ou reforço?

Em 15 de fevereiro, Moscou disse que algumas de suas forças estão retornando às suas bases. Mas a Otan afirmou que não viu nenhum sinal de retirada.

Fogo de artilharia

Em 17 de fevereiro, o fogo de artilharia se intensificou ao longo da linha de frente dos dois enclaves apoiados pela Rússia no leste da Ucrânia. Um dia depois, os líderes das regiões separatistas de Donetsk e Lugansk disseram que estão evacuando os moradores para a Rússia.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, acusou Moscou de "falsas provocações" para justificar mais "agressões" contra a Ucrânia.

Ataque iminente?

Em 19 de fevereiro, a Ucrânia disse que dois de seus soldados morreram em ataques na linha de frente com separatistas apoiados pela Rússia. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky propôs uma reunião com Putin, enquanto Moscou estava

mísseis com capacidade nuclear. A Rússia está "à beira" de invadir a Ucrânia, disse Washington.

Cimeira Putin-Biden?

A França e a Alemanha pediram aos seus cidadãos que deixassem a Ucrânia. Em 21 de fevereiro, a França disse que Putin e Biden concordaram em princípio com uma cúpula.

Mas a Casa Branca disse que estava notavelmente cautelosa e o Kremlin disse que é muito cedo. Os militares russos disseram ter matado cinco "sabotadores" que entraram na Rússia vindos da Ucrânia. A Ucrânia negou as alegações.

Putin reconhece repúblicas separatistas

Em um discurso televisionado em 22 de fevereiro, Putin reconheceu a independência de duas regiões separatistas no leste da Ucrânia. Putin ordenou tropas russas em áreas separatistas no leste da Ucrânia em uma missão de "manutenção da paz".

Condenação e sanções

Várias horas depois, durante uma sessão de emergência do Conselho de Segurança, a ONU e a maioria de seus membros denunciaram as decisões russas.

Washington disse que aplicará novas sanções à Rússia. A UE também adotará sanções, disse o chefe de política externa do bloco, Josep Borrell.

Moscou disse que o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, ainda está pronto para conversas com Blinken, com quem ele deve se reunir em Genebra na quinta-feira.

Putin anuncia operação militar

Na quinta-feira (24 de fevereiro), Putin anunciou uma operação militar na Ucrânia em um pronunciamento surpresa na televisão. Ele pediu aos soldados ucranianos que

deponham as armas, alegando que quer uma "desmilitarização" do ex-Estado soviético, mas não sua ocupação.

Explosões foram ouvidas

Explosões foram ouvidas antes do amanhecer na capital da Ucrânia, Kiev, e em várias cidades próximas à linha de frente e ao longo da costa do país.

'Invasão em grande escala'

O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, acusou Putin de lançar uma "invasão em grande escala".

Lei marcial

Zelensky declarou lei marcial e depois rompeu relações diplomáticas com a Rússia.

'Perdas máximas'

O chefe dos militares ucranianos disse que recebeu ordens de Zelensky para repelir uma invasão russa e para "infligir perdas máximas".

Bases aéreas, defesas 'destruídas'

O Ministério da Defesa da Rússia disse que neutralizou as bases aéreas militares ucranianas e seus sistemas de defesa aérea.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

O embaixador da Ucrânia na ONU, Sergiy Kyslytsya, condena o colega russo Vassily Nebenzia no Conselho de Segurança

O embaixador da Ucrânia na ONU condenou seu colega russo em um discurso empolgante em uma reunião de emergência do Conselho de Segurança, tarde da noite, sobre a crise Rússia-Ucrânia.

A troca de gelo ocorreu quando Vladimir Putin anunciou uma operação militar na Ucrânia

A reunião noturna foi convocada na tentativa de aliviar as tensões na região

O embaixador da Ucrânia pediu ao seu homólogo russo que renuncie à presidência do Conselho de Segurança da ONU

A reunião para acalmar as crescentes tensões ocorreu quando o presidente russo, Vladimir Putin, anunciou uma operação militar na Ucrânia.

O embaixador da Ucrânia, Serhiy Kyslytsya, implorou ao conselho que "faça todo o possível para parar a guerra" contra seu país.

"É responsabilidade desses órgãos parar a guerra", disse Kyslytsya na reunião do conselho de 15 membros, que também é presidido pela Rússia.

Kyslytsya pediu ao embaixador da Rússia na ONU, Vassily Nebenzia, que detém a presidência rotativa do conselho, que "chame Putin, chame [o ministro das Relações Exteriores Sergey] Lavrov para parar [a] agressão".

Em uma troca espontânea raramente vista na câmara do conselho, Kyslytsya disse a Nebenzia para "abandonar suas funções como presidente".

"Não há purgatório para criminosos de guerra. Eles vão direto para o inferno, embaixador."

Serhiy Kyslytsya

Em uma série de discussões acaloradas, Nebenzia disse que a Rússia estava apenas realizando "uma operação militar especial".

"Isso não é chamado de guerra", disse o russo ao seu colega ucraniano.

Mais tarde, Nebenzia acrescentou: "Eu queria dizer para concluir que não estamos sendo agressivos contra o povo ucraniano, mas contra a junta que está no poder em Kiev".

Kyslytsya descreveu o comentário de que a incursão da Rússia não foi uma guerra como "loucura".

"Você quer que eu disse que a semântica louca e lunática de uma pessoa cujo presidente viola a carta, cujo presidente declarou guerra e está brincando com as palavras", disse Kyslytsya, em resposta a uma pergunta de um repórter.

"E você me pediu para interpretar. É loucura. É loucura."

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

A invasão da Ucrânia pela Rússia expôs os três erros de cálculo críticos de Vladimir Putin

A mais recente invasão da Ucrânia pela Rússia ainda está em suas fases iniciais, mas já deixou suas principais lições. Vladimir Putin cometeu três erros críticos de julgamento.

A primeira foi que ele calculou mal sua capacidade de vencer de forma rápida e limpa.

A segunda foi que a oposição ucraniana desmoronaria rapidamente.

Terceiro, ele claramente calculou que a resposta ocidental seria fragmentada e simbólica.

Em tudo isso, provou-se que ele estava errado, o que tem implicações significativas para o futuro curso da guerra, para a posição internacional da Rússia e para seu próprio destino político.

Putin usará a tática mais grosseira do manual militar da Rússia?

Tendo embarcado em um caminho que só poderia levar à mudança de regime em Kiev e à ocupação de grandes partes da Ucrânia, a única opção de Putin agora para reiniciar o lento avanço de seu exército é reverter para a tática mais grosseira do manual militar russo: nivelar cidades com ataques com foguetes, bombardeios e artilharia.

Putin conseguiu se safar disso na Chechênia e até na Síria. Mas a terrível destruição que ele agora precisará causar para conseguir o que quer deixará claro para todos – até mesmo os russos alimentados com uma dieta constante de propaganda estatal – que sua guerra está longe da campanha limitada e cirúrgica que ele gravou dias antes de 25 de fevereiro. quando o anúncio foi realmente ao ar.

Se as forças russas tivessem conseguido assumir o aeródromo de Hostomel, perto de Kiev, no primeiro dia da guerra, teriam sido capazes de voar em grandes reforços, pressionar rapidamente a capital e provavelmente capturar o presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy ou forçá-lo a fugir. O Ocidente teria então pouca opção a não ser dar de ombros e implementar algumas sanções para salvar as aparências, enquanto Putin usou sua aquisição no mercado interno como mais uma prova de seu domínio estratégico.

Isso não aconteceu.

'Preciso de munição, não de carona'

Em vez disso, o excesso de confiança russo e a forte resistência ucraniana aumentaram o moral e transformaram Zelenskyy em um herói.

Sua resposta a uma oferta de evacuação dos EUA de que "preciso de munição, não de uma carona" rapidamente se tornou um símbolo do espírito de seu país.

O mesmo aconteceu com a bravura dos 13 defensores ucranianos na Ilha da Cobra , uma rocha estrategicamente sem importância perto da costa romena. Todos eles foram mortos depois de responder à insistência da marinha russa de que se rendessem com as palavras "navio de guerra russo, vá se f*der".

Ainda mais comovente foi o vídeo de uma mulher ucraniana insistindo que soldados russos invasores colocassem sementes de girassol em seus bolsos para que pudessem crescer de seus cadáveres quando fossem mortos.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

A resistência da Ucrânia também finalmente despertou a anteriormente complacente e indolente UE em ação.

Auxiliados pelos esforços da "Nova Europa" - Polônia, Estônia, Lituânia e Letônia - cujas alertas sobre a agressão russa foram ignorados por anos, as maiores potências da "Velha Europa" perceberam a necessidade de tomar medidas concretas.

Um esforço conjunto para bloquear os bancos russos, banir a Rússia do SWIFT, atingir o círculo interno do Kremlin (assim como o próprio Putin) e colocar controles de exportação em uma série de bens, desde a aviação até a extração de energia, terá um impacto mais profundo na economia russa do que Putin teria previsto.

É verdade que o enorme fundo soberano da Rússia de cerca de US\$ 630 bilhões (US\$ 871 bilhões) amortecerá o golpe, mas o pacote de sanções em evolução será sentido tanto pelas maiores empresas da Rússia quanto por seu povo – muitos dos quais são pelo menos ambivalente à guerra em primeiro lugar.

Há lições para o Ocidente

A guerra de Putin na Ucrânia também traz lições para o Ocidente. A UE chutou a Rússia por muito tempo e, em muitos casos, foi cúmplice no financiamento do rearmamento da Rússia.

Há agora uma percepção na Europa e nos EUA de que, no futuro próximo, as relações com Moscou serão competitivas e conflituosas em praticamente todos os domínios. Isso será um choque para muitos cidadãos europeus, que precisarão absorver grandes aumentos nos gastos com defesa para finalmente fornecer à Europa as capacidades de segurança que ela confiou nos EUA para fornecer.

Quais são as implicações para o Kremlin?

Finalmente, há as implicações para o regime no Kremlin e para o próprio Putin. Já há sinais de que, embora o ataque à Ucrânia tenha sido planejado há muito tempo – tornando a pretensão diplomática do Kremlin ainda mais ridícula – havia muito pouca consideração sobre como a mudança de regime funcionaria.

Muitas das principais agências russas foram deixadas no escuro sobre a decisão, que diz muito sobre o quão isolado e fora de contato Putin se tornou.

Agora que a ideia de que suas forças invasoras seriam bem recebidas pelos ucranianos como heróis foi revelada como uma fantasia de propaganda, Putin enfrenta verdadeiros testes geopolíticos, econômicos e domésticos.

Externamente, ele conseguiu transformar a Bielorrússia em um procurador e provavelmente também conseguirá instalar um fantoche em Kiev.

Mas com a Suécia e a Finlândia agora ponderando seriamente sobre a adesão à Otan, ele enfrenta um Ocidente mais unido – depois de ter passado anos tentando pacientemente dividi-lo. A pressão também aumentará sobre seus assessores, especialmente o ministro da Defesa, Sergey Shoygu, à medida que a busca por bodes expiatórios começa.

E uma combinação de decepção por parte de oligarcas e líderes empresariais russos, bem como insatisfação pública com as fortunas econômicas da Rússia, começará a neutralizar o bombardeio nacionalista de Putin na mídia.

Não vamos esquecer a tragédia que se desenrola

Mas, embora a guerra de Putin na Ucrânia revele seu mau julgamento, também é uma tragédia terrível.

É uma tragédia que Putin tenha obtido tanta influência sobre um Ocidente que poderia tê-lo frustrado.

É uma tragédia para os russos que continuarão a sofrer por muito tempo sob seu governo cleptocrático.

E é sobretudo uma tragédia para os ucranianos, que acabaram como sacrifícios à arrogância de Putin e à complacência ocidental.

Que não seja em vão.

Referência:

O professor associado Michael Sussex é especialista em política externa e de segurança russa e diretor acadêmico do National Security College da ANU.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

O mundo de repente se tornou um lugar muito mais perigoso.

No livro de regras bem percorrido pelos agentes financeiros, os últimos dias viram uma fuga global para a segurança, já que trilhões de dólares fluíram de qualquer coisa vagamente arriscada em direção aos portos seguros tradicionais.

À medida que a tragédia humana se desenrolava na Ucrânia durante os últimos cinco dias, as ações do mundo desenvolvido foram inicialmente descartadas, especialmente aquelas consideradas supervalorizadas ou de alto risco.

A dor financeira foi ampliada nas economias em desenvolvimento, especialmente na Rússia.

Sua bolsa de valores, que já caiu 30 por cento desde outubro, incluindo uma queda de 14 por cento no início da semana passada, caiu mais de 40 por cento na noite de quinta-feira, antes da interrupção do comércio.

O rublo, enquanto isso, derrapou para recordes de baixa.

Difícilmente foi um voto doméstico de confiança na busca de toda a vida de Vladimir Putin para imitar seu herói Josef Stalin , cuja tentativa brutal de controlar a Ucrânia resultou na fome e morte de quase 4 milhões de pessoas.

Nesse ínterim, o ouro disparou e o dólar americano subiu à medida que os investidores despejaram dinheiro na dívida do governo americano.

Como sempre, quando os tambores da guerra estão batendo, os preços da energia entram em órbita. Desta vez, porém, a situação energética é muito mais delicada.

Pois a Rússia é um grande exportador de energia e as potências industriais da Europa estão entre seus maiores clientes.

Não é apenas energia. Alimentos, fertilizantes, metais e todo tipo de commodities saem da Rússia. É o maior exportador de trigo do mundo e, quando combinado com a Ucrânia, responde por um quarto do comércio mundial de trigo.

Imediatamente após a invasão, os líderes do mundo livre trovejaram sobre sanções e represálias.

No fim de semana, após dias de brigas, eles finalmente aumentaram a aposta ao banir os bancos russos do sistema internacional de transferência SWIFT.

Mas eles cuidadosamente excluíram qualquer menção à interrupção do comércio de energia que é a força vital da economia do Hemisfério Norte.

A razão? Eles temem as consequências potencialmente terríveis de uma guerra comercial total em suas próprias economias. As sanções comerciais quase sempre têm consequências não intencionais e, muitas vezes, podem sair pela culatra de forma espetacular .

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Quando as sanções comerciais não funcionaram?

Você não precisa ir muito longe para obter exemplos.

Lembra quando a China colocou a Austrália na lista negra 18 meses atrás, recusando-se a aceitar carvão e tudo, desde vinho e cevada até lagostas?

Foi uma medida destinada a punir Canberra por pedir uma investigação sobre as origens da pandemia do COVID-19.

O resultado? Vastas áreas da China enfrentaram escassez de energia incapacitante, a produção industrial despencou e milhões foram forçados a suportar condições de congelamento sem aquecimento.

Enquanto isso, os preços do carvão dispararam à medida que a China lutava para encontrar fornecedores alternativos, e os produtores de carvão australianos desfrutaram de um dos melhores períodos já registrados.

Foi um gol contra espectacular da parte de Pequim.

Lembra quando Donald Trump criticou a China com tarifas? Infelizmente, os consumidores americanos foram os que foram atingidos no pescoço com preços mais altos. As empresas norte-americanas contrataram menos pessoas, o investimento diminuiu, o comércio foi desviado, os agricultores faliram e a produção despencou.

Mesmo a mais antiga sanção comercial conhecida, o decreto megárico, emitido em 432 aC pelo general grego Péricles após o sequestro de três mulheres aspasianas, terminou mal. Ajudou a desencadear a Guerra do Peloponeso.

no entanto:

A libertação de Nelson Mandela (à esquerda) de uma prisão sul-africana em 1990 ocorreu após pressão internacional por meio de sanções.

Nas raras ocasiões em que as sanções comerciais funcionaram, como ajudar a acabar com o regime de apartheid da África do Sul na década de 1990, foi porque o mundo esteve relativamente unido contra apenas um país. Isso dificilmente é o caso agora.

Vladimir Putin sabe disso. Afinal, a Rússia nos velhos tempos soviéticos os experimentou com pouco sucesso contra a Albânia, a China e a Iugoslávia.

Desta vez, ele tem alguns ases na manga. Ele sabe que a indústria alemã não pode operar sem gás russo, já que fornece metade das necessidades do país.

E como a Alemanha é a casa de máquinas da União Europeia, qualquer queda na produção pode desencadear uma recessão global tão devastadora quanto o colapso inspirado na pandemia.

O senhor Putin efetivamente tem a União Europeia sobre um barril metafórico.

É verdade que a Alemanha cancelou a certificação do gasoduto Nord Stream 2, o que aumentaria ainda mais sua dependência do gás russo.

Nada, porém, foi dito sobre os fluxos de gás existentes. Eles continuam inabaláveis.

Se o Ocidente proibir o gás russo, o momento não poderia ser pior e os líderes europeus sabem disso.

A inflação está ganhando força em todo o mundo desenvolvido, forçando os bancos centrais globalmente a considerarem aumentar as taxas de juros.

Proibir o gás russo colocaria os preços da energia em órbita, criando uma receita para uma inflação descontrolada de base ampla.

Combine isso com uma enorme queda na produção europeia, e você estaria plantando as sementes para o que os economistas mais temem, a estagflação, quando os preços em alta coincidem com uma economia em desaceleração.

Embora a Europa consuma quase três quartos das exportações de gás da Rússia, não é a única fonte de energia da qual depende. A UE é também o maior comprador de carvão russo e consome quase metade das exportações de petróleo da Rússia.

A China, por outro lado, usa apenas 5% das exportações russas de gás – embora sua participação nas compras de carvão tenha aumentado no ano passado, depois que fechou o mercado de carvão australiano.

Dado que a Rússia e a China começaram a se aproximar depois de quase um século de intensa hostilidade, Putin tem opções se precisar diversificar suas vendas.

Seu novo aliado e amigo Xi Jinping tem procurado desesperadamente por fontes alternativas de alimentos, minerais e energia para satisfazer o apetite voraz da China por matérias-primas.

E esse é o problema com as sanções. Enquanto eles criam dor e perturbação no curto e médio prazo, eventualmente compradores e vendedores encontram alternativas ou maneiras de contornar os embargos.

Nesse caso, o potencial de consequências é ainda pior. Eles poderiam acelerar a união de duas forças poderosas agora profundamente opostas ao Ocidente, dividindo o

globo em linhas filosóficas, econômicas e militares em uma nova e volátil iteração da Guerra Fria.

Referências

Economia global no fio da navalha inflacionária

Nelson and Winnie Mandela hold hands and punch their fists in the air.

A chart showing Russian energy and minerals in terms of output, supply and export percentage

Fornecido: Estratégia Macquarie

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Acordo Turcomenistão-Azerbaijão pode mudar o mapa energético da Europa

O Azerbaijão é um grande produtor de petróleo e gás natural. Na verdade, a primeira produção comercial de petróleo foi iniciada no Azerbaijão em meados do século XIX.

Durante a guerra de 44 dias do outono passado com a Armênia, o Azerbaijão libertou suas áreas há muito ocupadas e venceu a guerra.

Esse resultado positivo da guerra em Karabakh aparentemente também ajudou o Azerbaijão a alcançar seu objetivo de resolver a disputa com o Turcomenistão. Em 21 de janeiro de 2021, os governos do Azerbaijão e do Turcomenistão anunciaram que após trinta anos de negociações os dois países decidiram desenvolver em conjunto um enorme campo de petróleo no meio do Mar Cáspio - que era o principal ponto de discórdia entre os dois países .

Este acordo é sobre o campo de petróleo que o Azerbaijão costumava chamar Kapaz. Para o Turcomenistão, foi denominado Sardar. Agora, os dois países decidiram dar-lhe um novo nome - Dostluk - que significa “amizade” nas línguas do azerbaijão e turcomano. Azerbaijão e turcomanos compartilham um estreito parentesco étnico e linguístico, ambos originários do ramo Oguz dos povos turcos.

Especialistas estimam que o campo de Dostluk contém gás natural e pelo menos 50 milhões de toneladas de petróleo.

Este acordo também pode abrir caminho para o trânsito das enormes reservas de gás do Turcomenistão para a Europa.

A mencionada Convenção do Mar Cáspio de 2018 removeu os obstáculos legais para a construção de dutos submarinos no Mar Cáspio. A Convenção confirmou no Artigo 14 (3) que uma rota de gasoduto requer acordo apenas entre os países através dos quais o gasoduto atravessa.

No entanto, a disputa em torno do campo petrolífero de Dostluk foi um grande obstáculo para qualquer cooperação significativa entre o Azerbaijão e o Turcomenistão no Mar Cáspio. O acordo é “uma grande notícia, de fato. O último obstáculo para um gasoduto de gás natural Trans-Cáspio totalmente desenvolvido de costa a costa desaparece”, tuitou Robert Cutler, pesquisador sênior do Programa de Segurança Energética da Associação da OTAN do Canadá.

“O desenvolvimento de Dostluk deve dar ao Turcomenistão um novo e modesto fluxo de receita, mas, mais importante, também abre a perspectiva de uma conexão direta de gás entre os dois países, que se mostraria mais lucrativa e teria um significado de longo alcance”, analista regional de energia John Roberts do Conselho do Atlântico, diz .

O Turcomenistão tem a quarta maior reserva de gás natural do mundo: cerca de 19,5 trilhões de metros cúbicos (688 trilhões de pés cúbicos), quase 10% do total mundial. Eles incluem o campo de gás Galkynysh, com 2,8 trilhões de metros cúbicos apenas de reservas recuperáveis, tornando-o o segundo maior campo de gás do mundo.

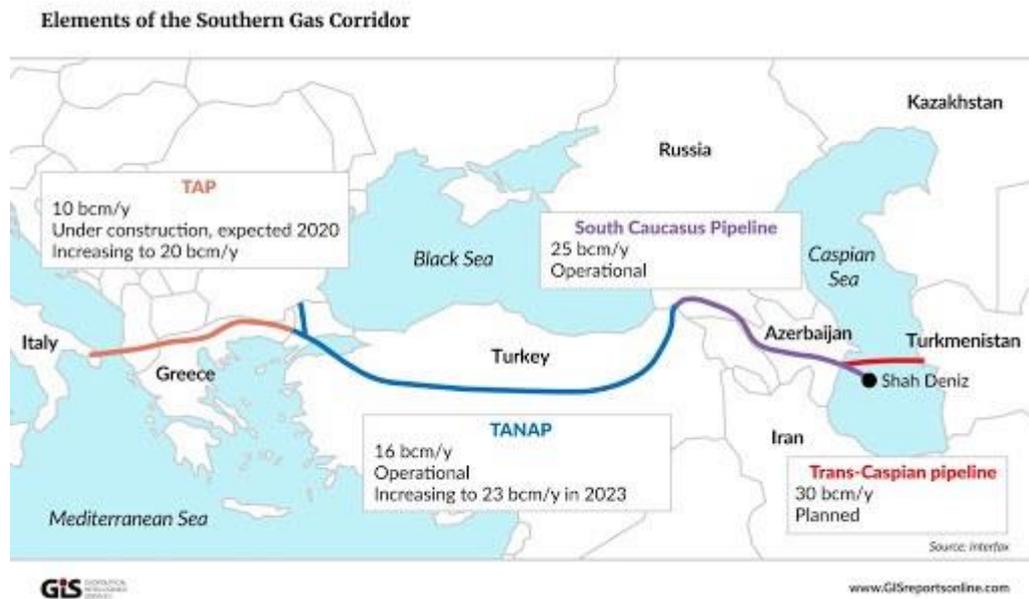
Com tal abundância, o Turcomenistão pode rivalizar com os maiores exportadores de gás do mundo, como Rússia, Catar e Noruega. Em vez disso, sem litoral na Ásia Central, até agora teve apenas oportunidades limitadas para diversificar suas exportações de gás natural, com 90 por cento dele indo para a China, e nenhuma oportunidade de exportá-lo para os lucrativos mercados europeus.

Um gasoduto para transportar o gás do Turcomenistão através do Mar Cáspio até o Azerbaijão e depois para a Turquia e a Europa foi planejado no final da década de 1990, patrocinado por um consórcio da Shell, Bechtel e GE. Mas esse projeto entrou em colapso após a descoberta do enorme campo de gás Shah Deniz do Azerbaijão, depois do qual se tornou mais conveniente para Baku desenvolver e exportar suas próprias reservas.



Se construído, um gasoduto **Trans-Cáspio** encontraria a rota de trânsito já em operação para a Europa chamada de "Corredor de Gás do Sul" - a rota de trânsito apoiada pela UE de gasodutos que fornecem gás azerbaijani para a Turquia desde meados de 2018, e que em 31 de dezembro começou a fornecer gás do Azerbaijão para a Grécia, Bulgária e Itália. Os gasodutos vão entregar 16 bilhões de metros cúbicos de gás por ano. Desse volume, a Turquia receberá 6 bcm e a Europa 10 bcm. Desses 10 bcm, 8 bcm serão exportados para a Itália, enquanto 2 bcm serão exportados igualmente para a Grécia e a Bulgária, e o restante para os mercados vizinhos.

Os dois gasodutos principais que compõem o corredor - o gasoduto TANAP através da Turquia e o **Gasoduto Trans Adriático** através da Grécia, Albânia e Mar Adriático para a Itália - operam atualmente com apenas metade da capacidade, e a rota completa poderia ser facilmente expandida para transportar gás de Turcomenistão.



A Europa obtém 40% do fornecimento pela Rússia, que por sua vez vem desenvolvendo agressivamente novos oleodutos com destino à Europa em um esforço para desencorajar fornecedores rivais em potencial e garantir sua posição como fornecedor dominante no continente.

Diante de tal competição, o futuro de qualquer exportação de gás do Turcomenistão para a Europa provavelmente estará em Bruxelas e na medida em que a União Europeia está preparada para impulsionar o desenvolvimento de um gasoduto Trans-Cáspio e se livrar de sua dependência na Rússia.

O apoio do governo Americano também será crucial para o sucesso do projeto, visto que os Estados Unidos estão fortemente interessados em fortalecer a independência energética de seus aliados europeus.

Referências

1. Yenikayeff, Shamil (novembro de 2008). "Gás do Cazaquistão: Mercados e Rotas de Exportação (PDF) . Oxford Institute for Energy Studies .
2. A Turquia pode se beneficiar da busca da Europa para reduzir o gás russo? - Al-Monitor: The Pulse of the Middle East". *www.al-monitor.com* .
3. "Nexus de energia : Rússia e Ásia Central". RIA Novosti. 14-05-2007 .
4. "PSG International assegura papel principal no projeto de gasoduto TransCaspian de Us\$ 2,5 bilhões". Bechtel.
5. Miriam Lansky (novembro-dezembro de 1999). " Pode a OSCE lidar com o Cáucaso?. Instituto para o Estudo do Conflito, Ideologia e Política
6. Acordo de gasoduto transcaspiano assinado" RFE/RL. 1999-11-19
7. Fim do monopólio russo em energia?! . The Journal of Turkish Weekly. 02-05-2007
8. Socor, Vladimir (2006-01-24). "Ressaltos de juros no gasoduto Trans-Caspian para gás turcomeno". Monitor Diário da Eurásia. A Fundação Jamestown.
9. Iilham Shaban (maio-junho de 2006). "O governo dos EUA começa a fazer lobby no oleoduto Trans Cáspio deste projeto". Azerbaijão Hoje.
10. "UE aprova projeto gigante do gasoduto Transcaspiano " (PDF) . Boletim da BB. 2006-05.08.
11. Socor, Vladimir (30-3-2006). "Iniciativa de Liderança do Azerbaijão no Gasoduto Trans-Caspian". Monitor Diário da Eurásia. A Fundação Jamestown.
12. "OMV , RWE lançam Caspian Pipeline JV". A jusante hoje.
13. Vogel, Toby (2011-09-15). " A política persegue a busca de gás da UE". Voz Europeia.
14. Chaffin, Joshua . " UE pronta para agir no plano do gasoduto do Cáspio". Templos Financeiros .
15. Dunmore, Charlie. "UE abre negociações sobre gasoduto do Cáspio - Comissão" Reuters
16. Socor, Vladimir . "Turquia vê oportunidade no projeto de gasoduto Trans-Caspian". Monitor Diário da Eurásia . Vol. 9. Fundação Jamestown.
17. "TAP concede contratos de construção em terra para seções de pipeline albanesas e gregas"
18. Rejepova, Ogulgozel (27 de junho de 2021) . Desenvolvimento do sistema de transporte de gás do Turcomenistão para os anos de independência. " Turcomenistão: Idade de Ouro .
19. Cohen, Ariel (6 de janeiro de 2021). "Más notícias para Rússia, já que o gás do Azerbaijão agora flui para Europa Ocidental" Forbes
20. "Projeto de gasoduto transcaspiano: Azerbaijão pode transitar gás do Cazaquistão para a Geórgia". CAUCAZ.OM
21. "KBR para estudar a visibilidade do transporte Caspian Pipeline". A jusante hoje.

22. “Desenvolvimento do sistema de transporte de gás do Turcomenistão para os anos de independência”. Turcomenistão : Idade de Ouro.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Análise: Bloqueio SWIFT dá duro golpe na Rússia

Os bancos russos com acesso negado ao SWIFT terão dificuldade em se comunicar com seus pares internacionalmente, desacelerando o comércio e tornando as transações mais caras.

A decisão de aliados ocidentais de bloquear bancos russos "selecionados" do sistema de pagamentos SWIFT infligirá um golpe econômico paralisante, mas também causará muito sofrimento às suas próprias empresas e bancos. E os aliados ainda têm espaço para fazer mais.

A Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (SWIFT) é um sistema de mensagens seguro para garantir pagamentos rápidos transfronteiriços que se tornou o principal mecanismo para financiar o comércio internacional.

Os bancos russos com acesso negado ao SWIFT terão mais dificuldade em se comunicar com seus pares internacionalmente, mesmo em países amigos como a China, desacelerando o comércio e tornando as transações mais caras.

Mas os aliados, que também prometeram restrições ao banco central russo para limitar sua capacidade de apoiar o rublo, ainda não disseram quais bancos seriam os alvos. Isso seria crucial para o impacto da medida, disseram especialistas em sanções e bancos.

A decisão de expulsar alguns bancos do SWIFT, embora não todos, pode incentivar o "aninhamento", no qual entidades russas recorrem a bancos não sancionados e grandes multinacionais em uma tentativa de acessar o sistema financeiro global.

Tal solução alternativa para os russos criaria dores de cabeça de conformidade para os bancos globais. "É realmente uma adaga no coração dos bancos russos"

GOLPE DEVASTADOR

O impacto provavelmente será devastador para a economia e os mercados russos.

As sanções atingirão o rublo moeda russa, levando ao desaparecimento de muitas importações para a Rússia. Este é o fim de uma parte significativa da economia". "Metade do mercado consumidor vai desaparecer. Esses bens vão desaparecer se os pagamentos não puderem ser feitos por eles."

Mas o impacto poderia ser atenuado se os bancos listados fossem limitados aos já sancionados e o banco central da Rússia tivesse tempo para transferir ativos para outro lugar.

Sanções dos EUA anunciadas anteriormente contra um punhado de bancos russos, incluindo Sberbank e VTB, visavam diretamente a grande maioria de cerca de US\$ 46 bilhões em transações diárias de câmbio por instituições financeiras russas. Essas sanções atingiram quase 80% de todos os ativos bancários na Rússia.

Como alternativa ao SWIFT, a Rússia criou sua própria rede, o Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras (SPFS).

Ele enviou cerca de 2 milhões de mensagens em 2020, ou cerca de um quinto do tráfego interno russo, diz o banco central, que pretende aumentar essa participação para 30% em 2023.

Mas o SPFS, que limita o tamanho das mensagens e opera apenas durante a semana, tem encontrado dificuldades para adicionar membros estrangeiros.

'ARMA NUCLEAR FINANCEIRA'

A decisão de bloquear os bancos russos do SWIFT foi preocupante.

Nos últimos dias, mesmo quando a Ucrânia instou as nações ocidentais a expulsar a Rússia do sistema de pagamentos e foi apoiada por países como a Grã-Bretanha, outros, como a Alemanha, se preocuparam com o possível impacto em suas economias e empresas.

A proibição do SWIFT foi uma "arma nuclear financeira", disse o ministro das Finanças da França, Bruno Le Maire. "Quando você tem uma arma nuclear em suas mãos, você pensa antes de usá-la".

A maré mudou, no entanto, quando as forças russas lançaram um ataque a Kiev e as esperanças de uma resolução diplomática desapareceram.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Estes são os 7 bancos russos banidos do SWIFT - e os dois isentos

À medida que a batalha na Ucrânia se intensifica, a União Europeia oficializou a lista de bancos russos que serão expulsos do SWIFT, o sistema de alta segurança que permite transações financeiras e sustenta a economia global.

A lista final visa sete bancos considerados com ligações estreitas com o regime do presidente Vladimir Putin e vistos como cúmplices, direta ou indiretamente, no financiamento da guerra.

Notavelmente, a proibição exclui duas das maiores instituições do país, Sberbank e Gazprombank.

Os dois foram isentos porque lidam com a maior parte dos pagamentos relacionados às exportações de gás e petróleo, dos quais a UE depende fortemente para produzir energia. Cerca de 40% do gás consumido pelo bloco vem da Rússia.

Mostra que, embora a unidade da UE tenha sido consistentemente forte ao longo da crise, ainda esbarra em limites quando confrontada com a questão crucial do abastecimento de energia.

As instituições expulsas são o VTB Bank, o Bank Otkritie, o Novikombank, o Promsvyazbank, o Rossiya Bank e o Sovcombank, bem como o VEB, o banco de desenvolvimento da Rússia.

Como a SWIFT é uma empresa sediada na Bélgica e, portanto, sujeita à lei da UE, as sanções significam que os sete bancos estarão completamente proibidos de usar o sistema para enviar mensagens de pagamento para qualquer outro banco ou instituição conectada à SWIFT em qualquer lugar do mundo.

Hoje, a SWIFT, que significa Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, conecta mais de 11.000 instituições financeiras em mais de 200 países e territórios. Envia mais de 42 milhões de mensagens por dia que facilitam negócios domésticos e internacionais.

Embora o sistema seja de longe o principal intermediário para transações financeiras, não é o único.

As alternativas ao SWIFT incluem o CIPS da China, o SFMS da Índia e o SPFS da Rússia, bem como métodos mais rudimentares, como impostos e mensagens telefônicas, que consomem tempo e apresentam riscos de segurança.

Cerca de 50% dos bancos da Rússia estão conectados e usam SWIFT, enquanto outros contam com SPFS e outros instrumentos bilaterais.

Tudo ou nada

Os estados-membros passaram os últimos dias discutindo quem incluir na lista negra do SWIFT e como minimizar o golpe econômico contra o bloco.

Durante as negociações, mais da metade dos estados membros queriam que o Sberbank e o Gazprombank, o primeiro e o terceiro maiores bancos da Rússia, fossem igualmente expulsos do sistema eletrônico, mas o consenso não pôde ser alcançado, pois algumas capitais expressaram sua preocupação,

A seleção foi feita como uma questão de compromisso e em coordenação com os Estados Unidos e o Reino Unido. A lista negra será expandida "a curto prazo" se a situação na Ucrânia se deteriorar ainda mais, observou a Comissão.

A proibição do SWIFT era uma questão de tudo ou nada: a UE não pode pedir ao sistema que proíba certas transações financeiras enquanto poupa outras, como as que envolvem exportações de gás. O banco é expulso ou permitido dentro do SWIFT.

Isso significa que, por enquanto, os estados membros poderão continuar comprando gás russo sem grandes interrupções, a menos que o Kremlin decida retaliar cortando o fornecimento.

Um corte de energia infligiria grande dor aos consumidores e cidadãos europeus, mas também à própria economia da Rússia: petróleo e gás representam 60% das exportações da Rússia, com mais da metade destinada à Europa.

O setor representa um terço da receita do orçamento federal.

A guerra já está pressionando o mercado de gás: os preços estão novamente acima do limite de € 100 megawatts por hora no Dutch Title Transfer Facility , a principal referência da Europa.

Embora extremamente alto, o preço não é uma surpresa para os Estados membros, que vêm lidando com uma crise de energia persistente desde o final do verão, bem antes de as tensões na fronteira com a Ucrânia começarem a aumentar.

'Medida sem entusiasmo'

Os efeitos do desligamento do SWIFT, agravados por outras sanções financeiras, serão sentidos pela primeira vez pelos bancos russos e seus clientes.

O valor do rublo despencou para o nível mais baixo de todos os tempos, os custos dos empréstimos dispararam e o mercado de ações permanece fechado para evitar um colapso total.

Ao mesmo tempo, cidadãos russos fazem fila em frente a caixas eletrônicos em uma tentativa desesperada de recuperar suas economias antes que sejam congeladas ou desapareçam, à medida que a ameaça de hiperinflação é grande.

Mas poupar o Sberbank e o Gazpromban da lista final pode prejudicar o impacto da proibição do SWIFT. Os números de 2021 mostraram que os dois bancos tinham ativos no valor de 37,50 trilhões e 7,53 trilhões em rublos, respectivamente.

Em comparação, os bancos penalizados possuem muito menos, exceto o VTB, que é o segundo maior banco do país com 18,59 trilhões de rublos. Com exceção da VEB, que é uma corporação de desenvolvimento, as seis instituições expulsas representam apenas 25% do sistema bancário russo, disse um alto funcionário da UE.

As medidas também devem atingir a economia da UE, dados os consideráveis fluxos comerciais com a Rússia, mas o alcance dos danos ainda não está claro e pode ser "limitado" e "gerenciável", disse Niclas Poitiers, pesquisador do Instituto Bruegel. tanque.

A proibição do SWIFT vem no topo de uma longa série de sanções financeiras que a UE e seus aliados rapidamente aplicaram à Rússia com o objetivo de paralisar a máquina de guerra do Estado.

As medidas adicionais incluem, entre outras, o congelamento das reservas estrangeiras detidas pelo Banco Central da Rússia, o corte do acesso russo aos mercados de capitais da UE e a proibição de fornecer notas de euro.

Algumas das sanções também afetarão o Sberbank e o Gazprombank. Juntas, a Comissão diz que as medidas terão como alvo entre 70% e 80% do sistema bancário russo.

Referências

1. Jorge Liboreiro The Associated Press.
2. Euronews.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Malta suspende esquema de 'passaporte dourado' para cidadãos russos e bielorrussos

O governo de Malta suspendeu a concessão dos chamados "passaportes dourados" a cidadãos russos e bielorrussos.

Documentos de residência ou autorizações de nacionalidade não serão concedidos a investidores estrangeiros da Rússia ou da Bielorrússia até novo aviso, disse o governo

O governo inicialmente resistiu à crescente pressão para bloquear candidatos em meio à guerra na Ucrânia.

Desde 2014, os cidadãos estrangeiros podem obter um passaporte maltês em troca de investir cerca de 1 milhão de euros no país.

O primeiro-ministro de Malta, Robert Abela, insistiu que o esquema arrecadou centenas de milhões de euros e permitiu que Malta apoiasse as empresas durante a pandemia de COVID-19.

Malta também diz que nenhum dos indivíduos bielorrussos ou russos na lista de sanções da UE solicitou ou obteve "passaportes dourados" no passado.

Atualmente, os cidadãos russos representam cerca de um quarto de todos os que obtiveram um "passaporte dourado" em Malta.

A União Europeia disse que decidiu impor "consequências massivas e severas" a Moscou após a invasão da Ucrânia, bem como à Bielorrússia por seu papel no conflito.

Quais países oferecem cidadania ou residência em troca de investimento?

Chipre e Malta são os dois atualmente sob os holofotes da UE, com a UE lançando processos de infração contra eles por seus esquemas de cidadania de investidores. A Bulgária é o outro estado membro que oferece esse esquema

Como funcionam os esquemas?

Essencialmente, os investidores podem investir uma certa quantia em propriedades ou outros investimentos dentro de um país e obter um passaporte após seguir um processo - que também pode ser acelerado.

Por exemplo, os não europeus podem obter um passaporte cipriota por um mínimo de € 2,15 milhões investindo € 2 milhões em imóveis e doando € 75.000 para o fundo de pesquisa e desenvolvimento do governo e € 75.000 para a organização de desenvolvimento de terras do país.

No caso dos três países da UE que oferecem a cidadania por essa via, nenhum deles exige residência física para o indivíduo,

Referências

1. Euronews com AFP
2. Luke Hurst

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Russos recorrem a VPNs para se manterem conectados à medida que a censura online aumenta devido à guerra na Ucrânia

Quase duas semanas após a invasão da Ucrânia pela Rússia, as autoridades russas já proibiram mais de 200 sites, 300 empresas estrangeiras deixaram o país e crescem os temores de que o governo possa desconectar a Rússia da internet global.

O Kremlin reprimiu a mídia independente ao introduzir uma nova lei que torna a disseminação de "informações falsas" punível com até 15 anos de prisão.

Basta referir-se à invasão russa como uma "guerra" em vez de uma "operação militar especial" para infringir essas novas regras.

Para contornar a censura que atinge o país, os russos estão cada vez mais recorrendo a VPNs - ou redes privadas virtuais - para manter os canais abertos para informações de fora da Rússia.

O que é uma VPN?

As VPNs são um tipo de software que cria um túnel criptografado entre o usuário e um servidor remoto, alterando o endereço IP exclusivo do usuário no processo e ocultando a origem do endereço IP no mundo.

"O governo russo estará tentando desesperadamente bloquear VPNs. É possível identificar o tráfego VPN no nível da rede e bloqueá-lo. E o que isso significa é que sua VPN deixará de funcionar.

Os aplicativos VPN chegaram ao topo da App Store e do Google Play na Rússia, quando o governo bloqueou sites de mídia social.

De acordo com dados do Top10VPN, o tráfego de pesquisa originário da Rússia relacionado a VPNs aumentou 633% semana a semana.

Usar uma VPN é seguro?

O governo russo está tentando desesperadamente bloquear VPNs. É possível identificar o tráfego VPN no nível da rede e bloqueá-lo. E o que isso significa é que sua VPN deixará de funcionar"

O que acontece neste caso, é que os maiores provedores de VPN pagos com muito orçamento acabam escondendo constantemente o tráfego e realizando o que é conhecido como "ofuscação".

"Isso é o que funciona na China. É por isso que existem VPNs que ainda funcionam na China, apesar da China ser a nação mais avançada do planeta quando se trata de censura"

A Rússia está muito atrás da China. Mas, como você sabe, eles estão cada vez mais aliados à China, e tenho certeza de que compartilharão informações."

Embora uma VPN em si seja completamente segura, é possível que um provedor de VPN seja comprometido ou que um governo se apresente como um provedor de VPN, e podem acessar todo o seu tráfego.

Qual VPN usar

As pessoas devem ser criteriosas ao selecionar uma VPN é recomendável pagar por uma sempre que possível porque "você recebe o que paga".

Algumas das VPNs que se recomenda para os russos baixarem são Proton VPN, Astrill e PrivateVPN.

Além disso, existem algumas VPNs gratuitas confiáveis, mas a pesquisa é recomendada.

“Certifique-se de escolher um provedor que seja bem conhecido, que tenha muitas informações sobre eles já online e não seja um provedor sem nome, [um] que possa estar no topo da tabela de downloads de VPN a qualquer momento”.

Referência:

1. Simon Migliano, chefe de pesquisa da Top10VPN, ao Euronews Next .
2. Aisling Ní Chúláin

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Guerra na Ucrânia: Meta derruba rede de desinformação sediada na Rússia visando mídia social ucraniana

Uma rede de grupos de mídia social e páginas que espalham desinformação na Ucrânia foi derrubada, anunciou a proprietária do Facebook.

Nos dias que se seguiram à invasão da Ucrânia pela Rússia, foi descoberto uma rede "relativamente pequena" de cerca de 40 contas, páginas e grupos se passando por agências de notícias e usando identidades falsas no Facebook e no Instagram.

A rede, administrada por pessoas baseadas na Rússia e na Ucrânia, criou perfis no YouTube, Telegram, equivalente russo no Facebook VKontakte e nas próprias plataformas da Meta para promover sites que publicavam "alegações sobre o Ocidente trair a Ucrânia e a Ucrânia ser um estado falido".

A rede também criou contas falsas de usuários ucranianos usando fotos de perfil geradas por IA que se passavam por residentes da capital ucraniana, Kiev.

Os perfis falsos incluíam editores de notícias, um engenheiro de aviação e até "um autor de uma publicação científica sobre hidrografia - a ciência do mapeamento da água.

Esta foi uma operação complexa, mas malsucedida: perfis relativamente detalhados, artigos longos, espalhados por várias plataformas, tentando voar sob o radar",mas trocou sigilo por engajamento: a maioria das postagens quase não teve curtidas ou compartilhamentos.

Risco de hackers na Ucrânia

Sobre segurança cibernética na Ucrânia, também houve um aumento das tentativas de hackers Ghostwriter desde que a Rússia iniciou seu ataque em 24 de fevereiro.

Foi Detectada tentativas de direcionar pessoas no Facebook para postar vídeos no YouTube retratando tropas ucranianas como fracas e se rendendo à Rússia, incluindo um vídeo que afirma mostrar soldados ucranianos saindo de uma floresta enquanto hasteiam uma bandeira branca de rendição.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

A Guerra da Desinformação: As falsidades sobre a invasão da Ucrânia e como impedir que se espalhem

A base para a invasão da Ucrânia pela Rússia foi semeada por uma campanha de desinformação em massa que continua em andamento à medida que o conflito aumenta.

Como pretexto da invasão, ativistas de desinformação online pró-Rússia inundaram a Internet com imagens e vídeos retratando a Ucrânia como agressores.

Essa tática continuou quando a Rússia lançou sua invasão militar completa, atacando cidades e locais militares ucranianos por ar, terra e mar. Seus esforços foram prontamente desmantelados por especialistas e verificadores de fatos; no entanto, o grande volume de desinformação nas reportagens da mídia e nas mídias sociais significa que ainda é um problema premente.

Então, como essa campanha de desinformação está sendo realizada e o que você pode fazer para garantir que não esteja compartilhando informações falsas?

Falsas bandeiras na preparação para a invasão

Houve três principais alegações infundadas usadas como justificativa para a ação militar da Rússia

Uma dessas alegações era que a Ucrânia estava preparando um ataque a Donbas.

A Rússia está usando ataques cibernéticos na guerra com a Ucrânia e as sanções poderiam provocar mais deles?

A Rússia enviou 12 correspondentes de guerra russos para o Donbas ocupado, e eles supostamente estão conectados com serviços especiais russos. E eles começaram a fazer vídeos e fotos falsos e todo tipo de mensagem de desinformação alegando que a Ucrânia está atacando Donbas, o que era completamente falso.

A Ucrânia fez inúmeras declarações sobre isso, e temos observadores internacionais e o grupo de correspondentes internacionais na linha de frente que viram por si mesmos que esse tipo de agressão não está acontecendo. Mas isso não impediu o lado russo.

Outra alegação infundada foi que a Ucrânia estava planejando atacar territórios controlados por separatistas no leste do país usando armas químicas.

O ministro da defesa da Rússia [Sergey Shoigu] disse em seu discurso público [em 21 de dezembro] que a Ucrânia tem armas químicas fornecidas aqui por alguma empresa militar privada americana e que a Ucrânia está se preparando para usar essas armas químicas contra os cidadãos em Donbas.

Os principais temas são que os russos são os libertadores e que há genocídio na Ucrânia. Esta é agora a narrativa dominante.

Depois disso, essa mensagem apareceu em vários canais, na mídia, no aplicativo de mensagens Telegram.

Muitas vezes, essas alegações infundadas são captadas e amplificadas pela mídia estatal russa, o que lhes dá maior alcance.

E há vários outros exemplos de informações falsas sendo disseminadas pela mídia russa e usuários de mídia social.

Muitas postagens enganosas também retratam o governo ucraniano como corrupto, neonazista e russofóbico. Esse tipo de retórica é "diretamente da boca de Putin", **enorme quantidade de retórica anti-ucraniana e anti-OTAN aumentou 75 vezes online desde outubro passado apenas na República Tcheca e substituiu o COVID-19 como o principal tópico de desinformação.**

"Os principais temas são que os russos são os libertadores e que há genocídio na Ucrânia".

Quantidade sobre qualidade: o sucesso da desinformação

A campanha de desinformação tem sido bastante eficaz por causa do grande volume e não pela qualidade dela.

Quando há tanta informação falsa divulgada, torna-se difícil e demorado filtrar os fatos. Essa tática é especialmente eficaz na Rússia, pois sua população "só conhece essa propaganda e desinformação.

Como podemos fazer nossa parte para não propagar a desinformação online?

"Durante tempos de crise, quando as pessoas estão famintas por informações, é quando as falsas alegações e a desinformação podem se espalhar. Mesmo que algo tenha sido visto e compartilhado centenas de milhares de vezes, isso não significa que foi verificado. Tente encontrar a fonte original antes de compartilhar algo e use as Ferramentas de Investigações de Código Aberto para ajudar".

Referência:

1. Frantisek Vrabel Fundador e CEO, Visão Semântica

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

'Nós não vamos aceitar': o hino do Twisted Sister poderia se tornar a música de protesto para a Ucrânia?

"Nós não vamos aceitar. Não, nós não vamos aceitar!"

Este é o mantra. É a resposta absoluta do rock n' roll ao THE MAN. E parece que o sucesso de 1984 do **Twisted Sister** agora é dirigido a Vladimir Putin.

Snider, o vocalista das lendas do Hair Metal Twisted Sister, deu sua bênção para que o hino da banda seja usado como uma música de protesto para os ucranianos.

"Eu absolutamente aprovo que os ucranianos usem 'Nós não vamos aceitar' como seu grito de guerra. Meu avô era ucraniano", ele twittou.

Metal não é estranho para protestar. A faixa de 1970 do Black Sabbath, 'War pigs', pode ser o exemplo mais clássico de letras que dão um soco na cara do conflito.

É difícil ignorar o valor de protesto de 'Anarchy in the UK' do Sex Pistols e, mais tarde, 'Rise Above' do Black Flag, e estou colocando o 'Cult of Personality' do Living Colour lá em cima também. Metal quase parece feito sob medida para protesto.

'*We're not going to take it*' do **Twisted Sister** foi lançado como single em 27 de abril de 1984 e apresentado em seu álbum 'Stay Hungry' no mesmo ano. O single que vendeu ouro alcançou a 21ª posição nas paradas dos EUA.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Volodymyr Zelenskyy: Por que o presidente 'corajoso e antinacionalista' da Ucrânia é um pesadelo para Moscou

Ele era um comediante multimilionário, a voz de Paddington Bear e ganhou Dancing with the Stars.

Depois que sua série de TV baseada em um homem que acidentalmente se torna presidente se tornou um sucesso, ele fundou seu próprio partido e foi eleito presidente na vida real.

Agora, ele está liderando um país sendo invadido pelo segundo militar mais poderoso do mundo.

Aqueles que apoiam a forma como Volodymyr Zelenskyy está liderando o país em meio a uma invasão esquecem que a Ucrânia já estava em guerra há anos quando assumiu o cargo com uma surpreendente vitória esmagadora em 2019. Ele prometeu, como muitos outros políticos ucranianos, que iria acabar com isso.

As negociações com a Rússia sobre os territórios separatistas apoiados pelo Kremlin em Donbas levaram a acordos de cessar-fogo bem-sucedidos, e Zelenskyy conseguiu trazer para casa cerca de 150 prisioneiros de guerra.

O presidente russo, Vladimir Putin, ficou cada vez mais irritado com seu colega ucraniano, que praticamente previu sua trajetória política com seu programa de TV *Sluga narodu* ou *Servo do Povo*, onde interpretou um professor de história idealista e despretensioso, forçado a se arrastar através de um sistema crivado de burocratas corruptos.

Putin também pode ter ficado preocupado com a crescente popularidade de Zelenskyy na Rússia,

Depois de comprar a série inteira em 2019, o canal russo TNT exibiu apenas um episódio antes de retirar o programa do ar, alegando que ele o transmitiu apenas como uma jogada de marketing.

Também censurou uma piada no episódio em que se diz que Putin está usando um relógio Hublot – uma referência a um canto picante anti-Putin.

Ao mesmo tempo, Zelenskyy ficou mais descontente com a interpretação de Putin dos Acordos de Minsk, assinados para estabelecer um cessar-fogo entre os dois lados e definir a relação entre o governo de Kiev e os territórios ocupados em Donetsk e Luhansk.

E então Putin reuniu cerca de 100.000 soldados na fronteira da Ucrânia, começando na primavera de 2021, que foram posteriormente retirados apenas para aparecer novamente no inverno.

Zelenskyy deu uma entrevista ao Financial Times, na qual criticou abertamente os acordos de paz de 2014 e 2015 mediados pelo Ocidente e disse que não falaria com os separatistas de Donbas, chamando-os de "terroristas" - um tom consideravelmente mais duro do que ele havia usado anteriormente em sua presidência .

"Ele realmente disse publicamente que os acordos de Minsk não funcionaram. Depois disso, sua retórica mudou muito e eles recusaram qualquer reunião e bloquearam absolutamente o diálogo".

E embora a ideologia de Zelenskyy não tenha mudado, sua retórica passou de mais branda a mais forte. mas as alegações de Putin de que o país é governado por "nazistas e viciados em drogas" são ultrajantes

"Zelenskyy sempre disse que os ucranianos são diferentes - temos religiões diferentes, falamos idiomas diferentes - mas estamos todos unidos como nação, e ele sempre se orgulhou da diversidade que existe na Ucrânia como algo que deve nos tornar mais fortes, não mais fracos. ."

Zelenskyy supera as expectativas

Assim como o sobrenome de seu personagem no "Servo do Povo", Goloborodko - que significa "sem barba", mas também pobre ou molhado atrás das orelhas - muitos tomaram a aparência jovem e recém-barbeada de Zelenskyy por ingenuidade.

Alguns até o acusaram de trabalhar para o Kremlin, principalmente seu principal oponente nas eleições, o ex-presidente Petro Poroshenko. Zelenskyy vem da região principalmente de língua russa de Kryvyi Rih.

"Houve muitos ataques bem organizados da oposição a ele quando chegou ao poder, dizendo que ele falava russo e que levaria a Ucrânia para a Rússia"

Depois que as notícias da inteligência dos EUA sobre um iminente ataque russo à Ucrânia no início de fevereiro, muitos ficaram surpresos com seus constantes apelos por calma e declarações de que "não há necessidade de pânico".

Alguns de seus críticos o acusaram de ser "desanimadoramente medíocre", como afirmou um editorial do New York Times às vésperas da invasão .

Na vida real e no meio da guerra, Zelenskyy provou ser muito mais astuto.

Agora ostentando um uniforme verde-oliva e sombra das cinco horas, Zelenskyy rapidamente se tornou a principal voz motivadora tanto para seu exército quanto para seus cidadãos, aparecendo em vídeos no centro de Kiev depois de ser rotulado como "alvo número um" e rejeitando repetidamente se oferece para sair do país.

"Estou aqui. Estamos todos aqui. Estamos em Kiev. Estamos defendendo a Ucrânia", disse ele em um vídeo filmado em seu telefone, enquanto sirenes de ataque aéreo permeavam as ruas da capital.

'Não entre em pânico', diz Zelenskyy da Ucrânia ao Ocidente em meio a temores de invasão russa

Invasão da Ucrânia: Zelenskyy rejeita oferta de deixar Kiev enquanto as baixas aumentam na batalha pela cidade

Devido ao seu estilo descontraído e à ocasional falta de linguagem diplomática que daria lugar ao sarcasmo e réplicas farpadas, as pessoas se perguntavam se ele estava falando sério ou se apresentando, mas a maneira como Zelenskyy respondeu à guerra

"o reabilitou praticamente completamente aos olhos de todos os céticos no espaço de vários dias"

"Esta não é uma performance. As pessoas sentem a paixão. As pessoas sentem a dor porque estamos passando por isso todos os dias."

"Os ucranianos não entraram em pânico, não perderam a cabeça com isso, e isso é realmente crucial porque, em sua essência, é uma guerra psicológica de desgaste. De quem vai quebrar primeiro"

Caminho para a UE forjado na guerra

Desde a invasão, os repetidos apelos de Zelenskyy para a assistência da OTAN e da UE resultaram na última decisão de comprar e enviar armas para o país – pela primeira vez em sua história – enquanto a Rússia e sua liderança enfrentam sanções incapacitantes.

Mas os dois blocos evitaram uma resposta direta a qualquer conversa formal sobre a adesão da Ucrânia até agora, suas aspirações sendo descartadas por alegações de que o país está longe de estar pronto.

"Este é um país democrático que vale a pena defender" A Ucrânia é uma democracia confusa, vibrante e emergente. Este país pode dar à maioria das nações europeias lições de governo democrático"

Dúvidas sobre se todas as nações da UE apoiam a adesão da Ucrânia ao bloco

Guerra na Ucrânia: vamos aderir rapidamente à UE, diz presidente ucraniano Zelenskyy

Embora a Ucrânia tenha assinado seu acordo de estabilização e associação em junho de 2014, Bruxelas ignorou amplamente a ideia de qualquer um de seus países da Parceria Oriental entrar no bloco. O país estava em guerra e o processo de adesão contém reformas extenuantes.

Agora Zelenskyy pode se encontrar em outro papel – o de um líder que finalmente negociou um acordo, mesmo que tenha sido feito forçando a mão do bloco em circunstâncias terríveis. Enquanto Kiev estava sob intenso bombardeio, ele assinou um pedido de adesão junto com o primeiro-ministro e o presidente da Verkhovna Rada.

Embora a UE tenha agido muito mais rápida e coletivamente do que a maioria das pessoas pensava ser possível, o caminho para a UE ainda pode ser longo.

"Na melhor das hipóteses, a UE dará o pontapé inicial em uma maratona de adesão".

"Os Tratados não prevêem a aceleração da entrada - talvez com boa vontade de ambos os lados isso possa ser feito em cinco anos, mas todos pensam que há necessidade de uma revisão geral dos Tratados e isso pode demorar ainda mais."

No entanto, a guerra determinará não apenas o futuro da Ucrânia, mas também o da Rússia, já que Zelenskyy pode levar adiante a crescente legitimidade, enquanto Putin é agora o pária do mundo.

"Se Zelenskyy sobreviver, ele terá imensa autoridade pessoal em casa e com a Europa. Será difícil resistir aos apelos para que a Ucrânia seja rapidamente um país candidato - se ele administra tempos de paz tão bem quanto administra a guerra", explicou Zacharzewski.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

'Rexit': Rússia se retira do Conselho da Europa antes da votação de expulsão

A Rússia anunciou em 15 de março que está se retirando do Conselho da Europa, o **principal órgão de defesa dos direitos humanos do continente.**

A Rússia deixou o Conselho da Europa na terça-feira, o principal órgão de defesa dos direitos humanos do continente, antes de uma votação da organização para expulsá-lo.

Tornou-se o segundo país a deixar o órgão de direitos humanos criado em 1949 e que atualmente conta com 47 estados membros - a Grécia se retirou em 1969, quando estava sob ditadura militar, mas voltou em 1974.

O que isso significa na prática é que os cidadãos russos não poderão mais recorrer ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos (CEDH), o braço judicial do Conselho da Europa, como último recurso após esgotar os tribunais de seu país.

O Ministério das Relações Exteriores da Rússia culpou os Estados membros da OTAN e da UE de "abusar de sua maioria" na organização para transformá-la "em um instrumento de política anti-russa, abandonando o diálogo igualitário e todos os princípios sobre os quais essa estrutura pan-europeia foi fundada".

"Em tais circunstâncias, nosso país não permanecerá no Conselho da Europa. Em 15 de março deste ano, a Secretária Geral, Sra. Pejcinovic-Buric, recebeu um aviso de retirada da Federação Russa da Organização.

"Aqueles que nos obrigam a dar este passo terão toda a responsabilidade pela destruição do espaço humanitário e jurídico comum no continente e pelas

consequências para o próprio Conselho da Europa, que sem a Rússia perderá as suas coordenadas pan-europeias, ", acrescentou em comunicado.

O Conselho da Europa já havia suspenso temporariamente a Rússia em 24 de fevereiro, depois de lançar sua invasão militar da Ucrânia.

A decisão da Rússia de se retirar ocorreu pouco antes de os Estados membros realizarem uma votação durante a qual "a Assembleia Parlamentar considerou unanimemente que a Federação Russa não deveria mais ser um Estado membro da Organização", disse o Conselho da Europa em comunicado.

Através de suas ações na Ucrânia, as autoridades russas privam o povo russo do benefício do sistema de proteção de direitos humanos mais avançado do mundo, incluindo a jurisdição do Tribunal Europeu de Direitos Humanos e seu vasto sistema de convenções".

De acordo com estatísticas da CEDH , um quinto das sentenças proferidas em 2021 dizia respeito à Rússia, enquanto quase um quarto dos mais de 70.000 casos pendentes em 31 de dezembro de 2021 foram apresentados contra a Federação Russa.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Guerra na Ucrânia: europeus correm para comprar pílulas de iodo em meio a temores de catástrofe nuclear

Pessoas em toda a Europa estão estocando comprimidos de iodo em meio a temores de uma explosão nuclear da guerra da Rússia na Ucrânia.

Farmácias em pelo menos nove países da UE dizem ter visto um aumento na demanda desde que o presidente russo, Vladimir Putin, ordenou forças de dissuasão nuclear

em alerta máximo e os combates eclodiram nos locais de duas usinas nucleares da Ucrânia, Chernobyl e Zaporizhzhia.

O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Yves Le Drian, também anunciou no domingo que a França enviou à Ucrânia comprimidos de iodo - entre outros produtos médicos - para ajudar o país a proteger seus cidadãos no caso de um acidente nuclear durante os combates com as forças russas.

Especialistas em medicina nuclear dizem que as pílulas só devem ser tomadas com a orientação de especialistas em saúde pública.

O Sindicato dos Farmacêuticos da Bélgica disse à agência de notícias Belga que mais de 30.000 caixas foram distribuídas apenas na última segunda-feira. As farmácias belgas estão distribuindo os comprimidos gratuitamente para aqueles com carteira de identidade belga.

É uma história semelhante na Finlândia e na Holanda, com aumento da demanda desde o início da guerra. Algumas farmácias até ficaram sem estoque, mas a Associação Finlandesa de Farmacêuticos disse que não havia necessidade de acumular os comprimidos, pois havia muitos suprimentos.

A ansiedade também é abundante na Europa central, com uma corrida semelhante para comprar iodo na Polônia e na Romênia, que fazem fronteira com a Ucrânia, bem como na República Tcheca, Croácia e Bulgária.

"Nos últimos seis dias, as farmácias búlgaras venderam tanto [iodo] quanto vendem por um ano",

Como funcionam as pílulas de iodo?

Comprimidos de iodo podem ser tomados para reduzir o risco de desenvolver câncer de tireoide em caso de acidente nuclear, de acordo com a Autoridade Norueguesa de Radiação e Segurança Nuclear .

O iodo radioativo liberado durante esse evento pode ser absorvido pela glândula tireoide ao inalar ar contaminado, mas os comprimidos de iodo ajudam a interromper essa absorção e, como resultado, reduzem o risco de desenvolver câncer de tireoide.

Em 2011, as autoridades japonesas recomendaram que as pessoas ao redor do local da usina nuclear danificada de Fukushima tomassem iodo.

No entanto, a Comissão Reguladora Nuclear dos EUA observa que é uma "proteção muito especializada". "A evacuação é a medida de proteção mais eficaz no caso de uma emergência radiológica", diz.

"Porque protege todo o corpo (incluindo a glândula tireóide e outros órgãos) de todos os radionuclídeos e todas as vias de exposição".

Devo tomar comprimidos de iodo?

Especialistas alertam que o iodo, que normalmente é distribuído para populações que vivem dentro de 15 a 20 km de uma instalação nuclear em caso de incidente, não é necessário nesta fase e não ajudaria em caso de guerra nuclear.

"Até que ponto as pastilhas de iodo seriam úteis contra os efeitos das bombas nucleares é no mínimo questionável", disse Hielke Freerk Boersma, especialista em proteção contra radiação da Universidade de Groningen,

"Os efeitos diretos das explosões nucleares serão desastrosos. Em grandes distâncias, onde a precipitação presumivelmente dominará, a contaminação radioativa certamente não será causada apenas pelo iodo radioativo".

“O uso desnecessário de pastilhas de iodo – que pode acontecer quando as pessoas entram em pânico – também pode causar efeitos adversos à saúde, embora a chance de esses efeitos ocorrerem seja muito pequena”.

A Agência Federal de Controle Nuclear da Bélgica (FANC) também alertou contra a ingestão dos comprimidos.

Referência

1. Euronews Next

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Alemanha acelera impulso de energia renovável devido à invasão da Ucrânia

A Alemanha pretende acelerar o crescimento de seus projetos de energia eólica e solar.

A medida ocorre em meio à invasão da Ucrânia, ressaltando a necessidade de a Europa reduzir a dependência do gás russo .

Reduzir as importações de gás natural da Rússia tem sido complicado para a maior economia da Europa, especialmente porque ela já deve sair da energia nuclear este ano e da energia a carvão até 2030.

O Ministério da Economia da Alemanha agora quer acelerar a aprovação da Lei de Fontes de Energia Renovável (EEG) pelo parlamento para que possa entrar em vigor até 1º de julho de 2022.

O ministro da Economia, Robert Habeck, um dos principais membros do partido dos Verdes, disse que a expansão mais rápida das energias renováveis é fundamental para reduzir a dependência da Alemanha dos combustíveis fósseis russos.

O que exatamente é a Lei de Fontes de Energia Renovável?

A lei prevê que a Alemanha suspenda os cortes nos subsídios para novos painéis solares em telhados este ano e aumente as licitações solares para 20 gigawatts até 2028, de cerca de cinco gigawatts agora, mantendo-os nesse nível até 2035.

A Alemanha também aumentaria os volumes de licitação para energia eólica terrestre para 10 gigawatts (GW) anualmente até 2027 de cerca de dois gigawatts agora e os manteria nesse nível até 2035.

Essas medidas ajudariam as fontes renováveis a responder por 80% das necessidades de eletricidade da Alemanha até 2030 e todas até 2035, em comparação com uma meta anterior de abandonar os combustíveis fósseis "bem antes de 2040".

Até 2035, a capacidade de energia eólica onshore da Alemanha deve dobrar para até 110 GW, a energia eólica offshore deve atingir 30 GW e a energia solar mais que triplicar para 200 GW.

Para promover a energia eólica offshore, a Alemanha permitiria um novo tipo de contrato que permite aos operadores obter lucros adicionais se os preços da eletricidade forem altos.

Alguns políticos pediram que a Alemanha reconsiderasse o fim da energia nuclear à luz da invasão da Ucrânia pela Rússia, mas um porta-voz do governo disse que Berlim ainda não estava em um ponto em que poderia tomar uma decisão sobre isso.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Viagens na Ucrânia: ferrovias oferecem serviços extras de trem para pessoas que fogem da invasão russa

Pessoas tentando fugir da Ucrânia ficam em uma plataforma enquanto esperam trens dentro da estação ferroviária de Lviv.

O espaço aéreo sobre a Ucrânia fechou para todos os voos comerciais em 24 de fevereiro e a maioria das nações desaconselha viagens ao país. Mas se viajar é essencial e os aviões não estão pousando, quais são as alternativas?

Muitos trens estão circulando, mas as estações estão lotadas de passageiros enquanto as pessoas fogem da invasão russa. Há muito poucos ingressos disponíveis com alguns serviços já reservados até março.

O último anúncio da ferrovia ucraniana alega que cerca de meio milhão de pessoas foram evacuadas até agora, com prioridade para crianças, mulheres e idosos. Homens ucranianos com idade entre 18 e 60 anos não podem deixar o país, de acordo com o Serviço de Guarda de Fronteiras do Estado.

A maioria dos que viajam de trem estão fugindo da Ucrânia para estados vizinhos e algumas rotas transfronteiriças estão operando mais trens para refugiados.

Atualmente, vários trens circulam para a Polônia, Hungria, Eslováquia e República Tcheca com um centro de transporte separado na estação ferroviária de Chop. Dependendo do fluxo de passageiros, rotas de evacuação adicionais estão sendo programadas de Kiev para as regiões ocidentais do país.

A ferrovia ucraniana diz que também está fornecendo ajuda para estrangeiros que optam por permanecer no país. “Pessoas com passaporte de qualquer outro país

podem deixar o território da Ucrânia sem restrições. Isso vale também para homens de 18 a 60 anos”.

E os ucranianos que viajam para outras partes da Europa?

Há considerações especiais para aqueles que desejam viajar depois de cruzar a fronteira também. A ferrovia nacional alemã, Deutsch Bahn, está colaborando com ferrovias na Polônia para adicionar mais vagões dos trens para refugiados.

“A partir de agora, refugiados com passaportes ou com carteiras de identidade ucraniana podem usar gratuitamente todos os trens de longa distância da Polônia para a Alemanha”.

A Áustria também confirmou que os ucranianos que fogem da guerra podem usar os trens da OeBB sem passagem.

A República Tcheca e a Eslováquia também estão garantindo viagens gratuitas para refugiados ucranianos usando suas próprias ferrovias.

Você pode viajar da Ucrânia para a Rússia?

Todas as linhas ferroviárias entre a Ucrânia e a Rússia foram destruídas, de acordo com as ferrovias ucranianas. Eles foram explodidos pelas forças armadas da Ucrânia, de acordo com The Kyiv Independent.

“As travessias ferroviárias entre países que transportavam milhares de mercadorias e traziam milhões de dólares para as economias de ambos os países foram destruídas”, disse o operador ferroviário nacional em comunicado.

Relatórios dizem que também encerrou todas as relações e cooperação com a Russian Railways.

Se não fizessem isto com certeza seriam utilizadas para abastecimentos e transportes de tropas e equipamentos bélicos militares russos para destruírem a Ucrânia.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Guerra na Ucrânia gera preocupação com escassez de alimentos no mundo 1/2

A Ucrânia, juntamente com o sudoeste da Rússia, é conhecida há muito tempo como o “celeiro da Europa” graças ao rico solo escuro da região, chernozem, entre os mais férteis do mundo. A região responde por cerca de 15% da produção mundial de trigo e quase 30% das exportações mundiais, mas não é apenas o trigo, os dois países respondem por 80% da produção mundial de óleo de girassol, e a Ucrânia é o quarto maior exportador mundial de milho.

Adivinha de onde o Programa Mundial de Alimentos da ONU obteve mais da metade de seus suprimentos para os famintos em todo o mundo em 2021? Sim, Ucrânia.

Quando este "celeiro da Europa" for eliminado das cadeias de suprimentos e redes de ajuda, o mundo vai sentir isso.

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia, ambas potências produtoras de alimentos, já elevou os preços de cereais como o trigo e os governos europeus lutaram para estabilizar os mercados.

A Europa provavelmente pode resistir à tempestade imediata. Seus agricultores estão se preparando para custos ainda mais altos de insumos básicos, como fertilizantes e ração animal, mas é improvável que os consumidores vejam as prateleiras vazias dos supermercados. Os custos vão subir – principalmente para bens essenciais como óleo de girassol – mas as economias ocidentais ricas podem se dar ao luxo de diversificar.

O quadro é mais alarmante no mundo em desenvolvimento, onde países especialmente no Oriente Médio e Norte da África – já atingidos por secas – podem enfrentar preços muito mais altos para alimentos básicos como pão. E se as pessoas passarem fome ou não puderem alimentar suas famílias, a instabilidade política provavelmente se seguirá.

1. Aumento dos preços dos alimentos

A Ucrânia é um gigantesco exportador de commodities como trigo, milho e óleo de girassol, mas a invasão da Rússia significa que todo o comércio parou porque os navios não podem deixar os portos do Mar Negro.

Isso já está tendo um grande impacto, com o preço dos grãos e oleaginosas subindo para recordes, já que os traders se preocupam com quanto tempo essa interrupção durará. Na pior das hipóteses, não haverá exportação desta região por alguns anos.

Com os preços dos produtos alimentícios subindo, será mais caro para os processadores de alimentos da UE obter ingredientes crus, enquanto os agricultores da Europa devem pagar ainda mais por fertilizantes para manter seus rendimentos altos. O preço dos fertilizantes – 30% das importações da UE vêm da Rússia – já disparou 142% em comparação com o mesmo período do ano passado.

Isso tudo é irônico, já que os agricultores da UE há anos reclamam que as exportações ucranianas são muito bem-sucedidas. Eles normalmente veem a Ucrânia como um Brasil à sua porta, capaz de prejudicá-los inundando o mercado da UE com alimentos produzidos a baixo custo. Apenas alguns meses atrás, o ministro da Agricultura da França, Julien Denormandie, mencionou a Ucrânia ao anunciar uma nova regra nacional de rotulagem que ajudará os clientes de restaurantes a saber se o frango em seus pratos vem da França ou de outro lugar.

2. Medos da fome

Por sua vez, a disparada dos preços dos grãos está provocando temores mais amplos de que milhões das pessoas mais pobres do mundo terão dificuldades para se alimentar.

Na zona de crise imediata estão países que são incrivelmente dependentes da Ucrânia e da Rússia, como Egito, Tunísia, Argélia, Marrocos, Líbano e Turquia. Impressionantes 48% das importações de trigo para a Argélia vêm da Ucrânia. Esses países terão que recorrer a outras nações exportadoras para comprar grãos, elevando ainda mais os preços globais.

Os dois países em conflito são pesos pesados dos cereais, respondendo por 29% das exportações globais de trigo, e o pão é um alimento básico em muitos dos países pobres que fornecem alimentos.

Quanto à Rússia, ninguém sabe se Moscou vai querer continuar exportando tantos alimentos quanto antes ou restringir os fluxos, especialmente quando sua própria população faminta está enfrentando sanções.

Mas não são apenas os países diretamente dependentes da Ucrânia ou da Rússia que têm motivos para se preocupar. O aumento dos preços dos alimentos globalmente afetará todos os países mais pobres e com menos segurança alimentar, de Bangladesh e Madagascar ao Iêmen. Os preços dos grãos subiram 50 por cento nas duas primeiras semanas do conflito.

À medida que os comerciantes tentam substituir culturas como trigo por outras como arroz ou cevada, os preços globais das commodities estão subindo em geral.

A agitação política vem logo após a escassez de alimentos, e muitos analistas apontaram o papel da escassez de alimentos como um fator nas revoluções da Primavera Árabe há uma década. E uma crise alimentar mais distante pode “aumentar a pressão migratória na Europa”.

3. Aumento do protecionismo

O que acontece quando você é um político e começa a se preocupar em não conseguir alimentar sua população? Você fecha as fronteiras, estoca comida e impede qualquer um de exportar.

As autoridades dos EUA estão preocupadas com o fato de a China estar estrategicamente acumulando alimentos para ter maior influência política sobre os países dependentes de importação de alimentos na África.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

Guerra na Ucrânia gera preocupação com escassez de alimentos no mundo 2/2

4 - Escassez catastrófica

Egito, Tunísia e Argélia já começaram a sentir a dor da escassez de trigo. “Os países do Magrebe dependem muito do trigo ucraniano”, disse Abis. “E este ano, ainda mais porque eles sofreram uma grande seca que aumentou suas necessidades de importações estrangeiras.” Para o Egito, é catastrófico. “O Egito é o maior importador de trigo do mundo e recebe 60% de suas importações da Rússia e 40% da Ucrânia”.

5 -Preços 'insustentáveis' para países em desenvolvimento

O norte da África não é a única região afetada pela escassez de trigo. A Indonésia é o segundo maior comprador mundial de trigo ucraniano, e o Paquistão, a Turquia e vários países da Ásia Central e da África Subsaariana também dependem dele.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estima que mais de 8 a 13 milhões de pessoas em todo o mundo enfrentam desnutrição se as

exportações de alimentos da Ucrânia e da Rússia forem interrompidas permanentemente.

6 - A guerra na Ucrânia causará um choque na oferta global e no custo dos alimentos

Os preços dos fertilizantes já estavam altos devido ao aumento dos preços do gás no atacado.

A Rússia produz enormes quantidades de nutrientes, como potássio e fosfato - ingredientes-chave em fertilizantes, que permitem o crescimento de plantas e plantações.

Metade da população mundial obtém alimentos como resultado de fertilizantes... e se isso for removido do campo para algumas culturas, [o rendimento] cairá em 50%",

A medida significaria custos mais altos para os agricultores e menores rendimentos das colheitas. Isso poderia gerar custos ainda mais altos para os alimentos.

Os nutrientes também não são o único fator a considerar.

Grandes quantidades de gás natural são necessárias para produzir amônia, o principal ingrediente do fertilizante de nitrogênio.

O mundo está enfrentando uma potencial crise alimentar, com preços em alta e milhões em perigo de fome severa, já que a guerra na Ucrânia ameaça o fornecimento de alimentos básicos , alertou a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação.

A guerra na Ucrânia apresenta múltiplas ameaças à segurança alimentar que serão sentidas em todo o mundo, segundo a FAO.

A Ucrânia sozinha fornecia 12% do trigo global antes da guerra e era o maior produtor de óleo de girassol.

À medida que a guerra continua na Ucrânia, os impactos do aumento dos preços dos alimentos e da escassez de alimentos básicos já estão sendo sentidos na região do Oriente Próximo e Norte da África e se espalhando para os países mais vulneráveis do mundo, inclusive no Chifre da África, com as pessoas mais pobres em maior risco, alertou hoje o Fundo Internacional da ONU para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Isso ocorre em meio a preocupações crescentes da comunidade internacional de que o conflito em andamento aumentará a fome e a pobreza globais.

Um quarto das exportações globais de trigo vem da Rússia e da Ucrânia. Quarenta por cento do trigo e do milho da Ucrânia vão para o Oriente Médio e a África, que já estão enfrentando problemas de fome e onde mais escassez de alimentos ou aumentos de preços correm o risco de empurrar milhões de pessoas para a pobreza.

A Rússia também é o maior produtor de fertilizantes do mundo. Mesmo antes do conflito, os picos nos preços dos fertilizantes no ano passado contribuíram para um aumento nos preços dos alimentos em cerca de 30%.

A análise do FIDA mostra que os aumentos de preços de alimentos básicos, combustível e fertilizantes e outros efeitos do conflito estão tendo um impacto terrível nas comunidades rurais mais pobres. Por exemplo:

- Na Somália, onde cerca de 3,8 milhões de pessoas já sofrem de grave insegurança alimentar, os custos de eletricidade e transporte aumentaram devido ao aumento dos preços dos combustíveis. Isso tem um impacto desproporcional nos pequenos agricultores e pastores pobres que, em face de chuvas erráticas e uma seca contínua, dependem da agricultura alimentada por irrigação movida por pequenos motores a diesel para sua sobrevivência.

- No Egito, os preços do trigo e do óleo de girassol aumentaram devido à dependência do Egito da Rússia e da Ucrânia para 85% de sua oferta de trigo e 73% de seu óleo de girassol.
- No Líbano, 22% das famílias sofrem de insegurança alimentar e a escassez de alimentos ou novos aumentos de preços agravarão uma situação já desesperadora. O país importa até 80% de seu trigo da Rússia e da Ucrânia, mas só pode armazenar cerca de um mês da safra de cada vez devido à explosão no porto de Beirute em 2020 que destruiu os principais silos de grãos do país.
- Os países da Ásia Central que dependem de remessas enviadas para casa por trabalhadores migrantes na Rússia foram duramente atingidos pela desvalorização do rublo russo. No Quirguistão, por exemplo, as remessas representam mais de 31% do PIB, a maioria proveniente da Rússia. As remessas são cruciais para que as famílias dos migrantes nas áreas rurais tenham acesso a alimentos, educação e outras necessidades.

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

De Grozny a Aleppo e Ucrânia, Rússia encontra resistência com mais poder de fogo

A segunda cidade da Ucrânia, Kharkiv, já sentiu um pouco da força do modo de guerra russo. Assim como Mariupol e outras cidades do leste.

A Rússia responde à resistência com poder de fogo. Em vez de enviar homens para lutar de casa em casa e de sala em sala, sua doutrina militar exige um bombardeio com armas pesadas e do ar para destruir seus inimigos.

Kharkiv e outras cidades e vilas sofreram danos graves e, até onde sabemos, muitas vítimas civis. A sede do governo local de Kharkiv foi gravemente danificada em um ataque de míssil que foi filmado. O presidente russo Vladimir Putin pode estar enviando uma mensagem para Kiev - olhe para o leste, porque isso pode acontecer com você.

Até agora, Putin não deu a ordem para infligir o tipo de dano que as forças russas derrubaram em Grozny, quando a república russa da Chechênia se rebelou na década de 1990, e na Síria desde que Putin interveio com força em 2015.

A primeira guerra chechena quando ela começou no inverno de 1994-1995., o exército russo cometeu graves erros militares em operações terrestres. Colunas blindadas foram emboscadas por rebeldes chechenos em ruas estreitas e destruídas. Muitos soldados recrutas não queriam lutar e morrer.

Antes da invasão da Ucrânia, analistas militares avaliavam que as forças russas eram agora muito mais profissionais. Talvez sejam, mas a invasão da Rússia foi mais uma vez retardada por gargalos logísticos, erros táticos e adolescentes aterrorizados que não foram informados de que iriam para a guerra - bem como uma resistência tão feroz quanto qualquer coisa que os chechenos ofereceram em 1995.

A Chechênia declarou independência da União Soviética em 1991, e em 1994 as forças russas invadiram. O bombardeio de Grozny foi intenso

Na segunda guerra chechena de 1999-2000, as forças russas novamente sitiaram Grozny, e intensos combates duraram semanas

Na Chechênia, a resposta da Rússia foi usar seu poder de fogo. Em poucas semanas, artilharia e ataques aéreos reduziram o centro de Grozny, uma típica cidade soviética de concreto e aço, a escombros.

Os civis estavam principalmente em porões, arriscando a morte toda vez que saíam para encontrar água ou comida.

Combatentes chechenos foram mortos por bombas de fragmentação e prédios incendiados. Vinte e quatro horas depois, toda a avenida principal da cidade foi atingida por mísseis e envolta em fumaça e chamas. O chão estava tremendo onde estávamos filmando.

A decisão de Putin de intervir na Síria salvou o regime de Bashar al-Assad e deu um grande passo em direção ao seu objetivo de restaurar a Rússia como potência mundial. Duas vitórias decisivas sobre os rebeldes na Síria, de vital importância para o regime, foram obtidas pelo uso implacável do poder de fogo russo.

A primeira foi em Aleppo no final de 2016. O lado leste da cidade, que havia sido controlado por várias facções rebeldes durante a guerra, caiu depois de ser pulverizado por bombardeios e ataques aéreos.

O regime de Assad não precisou de nenhum incentivo para bombardear os sírios, mas os russos trouxeram um nível muito maior de poder destrutivo. Bombardeiros estratégicos baseados na Síria e no Irã realizaram ataques devastadores.

A tática usada na Síria era cercar e sitiá-las as áreas controladas pelos rebeldes, golpeá-las do ar e das baterias de artilharia e, no final, esgotar os defensores e quaisquer civis que não conseguiram escapar. Muitos deles foram mortos.

Bairros inteiros ficaram em ruínas. As ruas foram bloqueadas com cadeias de montanhas de escombros.

As mesmas táticas funcionam em Ghouta Oriental, uma série de cidades e fazendas controladas por rebeldes nos limites da capital síria. Sua capitulação em 2018 foi o fim

da batalha por Damasco, que a princípio parecia que poderia seguir a favor dos rebeldes. A longa luta virou decisivamente a favor do regime depois que a Rússia entrou na guerra em 2015.

Em Kiev, uma das grandes questões na mente de todos é se eles vão receber o tratamento dispensado não apenas a Kharkiv, Mariupol e outros, mas também à Chechênia e à Síria.

A santidade dos santuários ortodoxos criará a contenção que estava ausente nos ataques aos muçulmanos na Chechênia e na Síria? O próprio Putin escreveu sobre a importância da Ucrânia na história da Rússia. Estará ele preparado para destruir a Ucrânia para recuperá-la? Se as sanções e a resistência ucraniana ameaçarem a estabilidade de seu regime, ele tomará medidas mais extremas?

Richard Geraldo Dias de Oliveira , Presidente da Comissão de Direito e Relações Internacionais da OAB Santos

